

**UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ**



**CLÁUDIO FERNANDO ADOLPH**

**A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA NA PRODUÇÃO DA  
IDENTIDADE SEXUAL DO ADOLESCENTE**

**RIO DE JANEIRO**

**2004**

**CLÁUDIO FERNANDO ADOLPH**

**A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA NA PRODUÇÃO DA  
IDENTIDADE SEXUAL DO ADOLESCENTE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Área de concentração: Educação e Cultura Contemporânea.

**ORIENTADOR(A): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. MARIA REGINA DOS SANTOS PRATA**

**RIO DE JANEIRO**

**2004**

**CLÁUDIO FERNANDO ADOLPH**

**A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA NA PRODUÇÃO DA  
IDENTIDADE SEXUAL DO ADOLESCENTE**

Dissertação apresentada à Universidade  
Estácio de Sá como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2004

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria Regina Prata  
Universidade Estácio de Sá

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Clarice Nunes  
Universidade Estácio de Sá

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Ana Canen  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

A Gerd Adolph que me deixou como legado o amor pelo magistério.

## **AGRADECIMENTOS**

À prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria Regina Prata pela paciência e dedicação.

À prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Alda Judith Alves-Mazzoti pelo trabalho realizado na coordenação do Mestrado em Educação da UNESA;

Ao corpo docente, em especial as professoras Margot Madeira, Clarice Nunes e Lúcia Villarinho, pela forma com que conduziam suas aulas;

Aos funcionários da coordenação que sempre atenderam prontamente as minhas solicitações;

Aos colegas de curso, em especial a Elisabeth Hudson, por seu constante incentivo;

À Juliara Machado Goulart, por suas sugestões e pelo cuidadoso trabalho de leitura e correção;

À Clara, pela cumplicidade nesses muitos anos de parceria;

Aos meus filhos, Ingrid e Gustavo que no “Despertar da Primavera” ensinaram-me um pouco mais sobre a adolescência.

O homem no íntimo é um animal selvagem, uma fera. Só o conhecemos domesticado, domado, nesse estado que se chama civilização: por isso recuamos assustados entre as explosões acidentais do seu temperamento. Se caíssem os ferrolhos e as cadeias da ordem legal, se a anarquia rebentasse, ver-se-ia então o que é o homem (SCHOPENHAUER, 1959).

## Resumo

Título: A participação da escola na produção da identidade sexual do adolescente

Aluno: Cláudio Adolph.

Esta dissertação analisa como a discussão da temática da sexualidade na escola influencia a conduta e a produção da identidade sexual do adolescente, a partir das percepções de sujeitos de 13 a 17 anos de uma escola pública de São Gonçalo e uma escola particular de Niterói. A intenção é contribuir para aprofundar de que modo a escola, como instância de formação educativa e de produção de identidades, participa da forma pela qual os adolescentes vivenciam sua sexualidade. Tomou-se como embasamento teórico autores que permitem discutir o papel da sexualidade nesta produção (Foucault, 1973; Deleuze, 1992; Giddens, 2002; Lopes Louro, 2000). Foram aplicados 84 questionários mistos com onze perguntas em alunos da 7ª série do ensino médio. As respostas dos questionários tiveram uma abordagem quali-quantitativa. Nas respostas fechadas foi feito um levantamento de percentagens, e nas perguntas que pediam justificativas foi dado um tratamento qualitativo através de uma análise categorial temática. Foram encontradas as seguintes categorias: “Valorização das Informações”, “Limitações da Escola” e “Diversidade de Concepções”. A categoria “Valorização das Informações” reflete o grau de importância das informações acerca dos temas que se referem à sexualidade para os alunos de ambas as escolas. De modo geral, a valorização das informações sobre a educação sexual está diretamente associada à prevenção e aos cuidados em relação às Doenças Sexualmente Transmissíveis e à gravidez. Na categoria “Limitações da Escola” emergiram indicadores que apontam para as limitações dos alunos na recepção de informações da temática da sexualidade na escola. A categoria “Diversidade de Concepções” representa como os alunos dessas duas escolas percebem as transformações ocorridas em relação à educação sexual, tomando como parâmetro a geração de seus avós e pais. Os resultados desta pesquisa apontaram que a escola não é considerada como um lugar privilegiado na produção da identidade sexual dos adolescentes, uma vez que os meios de comunicação e a família também são importantes veículos de produção desta identidade. Todavia, os participantes da pesquisa reconhecem que as informações obtidas com seus professores os auxiliam a esclarecer suas dúvidas. A naturalidade pela qual a temática da sexualidade é abordada pelos adolescentes parece refletir as transformações na cultura, a passagem de um modelo disciplinar rígido (Foucault, 1973) para a ausência de modelos rígidos e a importância dos riscos que envolvem os cuidados de si. A importância destes cuidados fez com esta temática entrasse nas escolas, tornando parte das políticas que envolvem a prevenção e a saúde sexual para os adolescentes, a fim de torná-los responsáveis pelos seus atos e por sua sexualidade.

Palavras-Chave: Práticas Escolares; Produção da Identidade; Sexualidade; Adolescência.

## ABSTRACT

This dissertation analyses how school discussion on thematic sexuality influence teenage behavior and sexual identity production process, from 13 up to 17 year-old subjects, from the perceptions from two schools: a public School in São Gonçalo and a private school from Niterói. The purpose is to contribute for a deepest look on how the school institution, as an education and an identity production place, has a quota on teenager's process of experiencing their sexuality. Took as theoretic support authors that allow us to discuss sexuality role in this production (Foucault, 1973; Deleuze, 1992; Giddens, 2002; Lopes Louro, 2000). Eighty-four mixed surveys, containing eleven questions each, were applied to seventh-grade students. The answers for the surveys had a qualitative and quantitative approach. A percentage analysis has been made on closed-answers. A qualitative approach, applied through a thematic cathegorial analysis, was used in questions where reasons were required. The following categories were found: "Information Valuation", "Scholl Limitations" and "Conceptions Diversity". The "Information Valuation" category reflects the information importance level concerning sexuality themes for students from both public and private school. Looking from a non-specific point of view, the information value related to sexual education is directly connected to Sexually Transmitted Disease, pregnancy prevention and care. In "School Limitations" category, some indicators had emerged and pointed out to student's limitation when receiving information on sexuality at school. " Conceptions Diversity" category shows how the students from both schools sense sexual education-related changes, taking as a reference their parent's and grandparent's generation. The research results inferred that school isn't considered a privileged place when it comes to teenager's sexual identity production process, once that media and family are also important means of producing that identity. However, the inquired public acknowledges that their teacher's information actually helps them answering their doubts. Teenager's unrestrained way of treating sexuality themes seems to reflect cultural changes, the transition from a strict discipline model (Foucault, 1973) to strict model-absence and self-caring risk relevance, that took sexuality subject to schools, turning it into a part of teenage and sexual health policies, making them responsible for their own acts and sexuality.

Key words: School practice; Identity production; Sexuality; Adolescence.

# SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2- SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE</b> .....	24
2.1 A PEDAGOGIA DO CORPO E A QUESTÃO DISCIPLINAR.....	24
2.2 A MORAL SEXUAL CIVILIZADA.....	
2.3 A REPRESSÃO SEXUAL NO “DESPERTAR DA PRIMAVERA”.....	
2.4 A CULTURA DE RISCO E A SOCIEDADE DE CONTROLE.....	
2.5 REPRESENTAÇÕES DA ADOLESCÊNCIA.....	
2.5.1 AS DIVERSAS CONCEPÇÕES DA ADOLESCÊNCIA.....	
2.5.2 DO “DESPERTAR DA PRIMAVERA” AS “CONFISSÕES DE ADOLESCENTE”.....	
2.6A ORIENTAÇÃO SEXUAL NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.....	
2.7 SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO.....	
<b>3- ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO:</b> .....	
3.1 CARACTERÍSTICAS DAS ESCOLAS E DOS SUJEITOS PESQUISADOS.....	
3.2 ANÁLISE QUANTITATIVA - OS DADOS PERCENTUAIS.....	
3.3 ANÁLISE QUALITATIVA – DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DAS CATEGORIAS.....	
<b>4 - A IDENTIDADE SEXUAL EM QUESTÃO</b> .....	
<b>5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO</b> .....	

# 1

## A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA NA PRODUÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL DO ADOLESCENTE

### INTRODUÇÃO

Como psicólogo e psicanalista ao longo de uma rica experiência no atendimento clínico a adolescentes e no meu encontro com a educação, uma dentre as inúmeras questões que perpassam a adolescência despertou o meu interesse: a questão da identidade sexual e a importância da escola na formação desta identidade.

A célebre afirmação de que a anatomia é o destino, hoje em dia já não mais se aplica. A sexualidade se inscreve nos corpos desde muito cedo, dizia Freud em 1905, ao afirmar a sexualidade infantil e, com isso, escandalizar a moral vienense, no início do século XX. A sobredeterminação dos processos inconscientes para a formação da identidade, sem sombra de dúvidas, “tem produzido um profundo impacto sobre o pensamento moderno nas três últimas décadas” (HALL, 1998. p.36). Entretanto, conforme salienta Lopes Louro, a identidade sexual deve ser contextualizada:

Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas desta cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre estabelecidos e codificados (LOURO, 2000, p.11).

No tocante a adolescência, esta é uma categoria constituída por diferentes instâncias: biológica, social e psicológica. Foi somente em meados do século XIX que se passou a falar nos adolescentes como um grupo específico diferente das crianças e

dos adultos. Assim como, só recentemente, a temática da sexualidade adolescente passou a ser discutida, inclusive nas escolas. Antes, a adolescência não era um “fato social reconhecido”. Era, segundo Calligaris, “uma faixa etária, mas não por isso, um grupo social. Ainda menos um estado de espírito e um ideal de cultura” (CALLIGARIS, 2000, p. 60).

Podemos dizer que a adolescência tornou-se alvo dos ideais estéticos, em seus corpos encontram-se tatuadas as marcas e modelos de beleza e saúde que correspondem aos anseios dos corpos esculturais obtidos nas academias de ginástica, na lipoescultura ou nas plásticas reparadoras. Na atualidade verifica-se o maciço investimento que se faz nos corpos, inscrevendo-os não somente como objeto de desejo, mas também como objeto de consumo. O hibridismo fazendo parte das identidades, a falta de modelos estáveis ou fixos, os efeitos da globalização nas diversas culturas aliados a questão das performances, constituem a tônica da cultura contemporânea.

Nessa perspectiva, a produção da identidade sexual na atualidade, atravessada pela plasticidade das identidades e guiada pelo avanço da tecnologia, da globalização e da informação, fez com que surgissem novas identidades abrindo caminho para as manifestações da sexualidade, inserindo e inscrevendo no corpo uma anatomia não mais ditada exclusivamente pela anátomo-fisiologia, como se supôs.

Falar que a sexualidade é produzida significa sublinhar a importância do debate entre a dicotomia “natureza” e “cultura”. Ou seja, no âmbito da “natureza”, a sexualidade é vista como algo natural, inerente ao ser humano e vivido universalmente por homens e mulheres e, sobretudo, apoiada na distinção anatômica dos corpos. Por outro lado, ligada à cultura, a sexualidade humana esta envolvida por uma série de

representações, fantasias e convenções, o que faz com que haja diferenças na expressão da sexualidade. Essas expressões são produzidas na e pela cultura, definem lugares, instituem comportamentos e condutas, marcam irremediavelmente os corpos e constituem identidades.

A determinação histórica da produção das identidades realça e reafirma a transitoriedade da identidade sexual, de como ela é montada e vivida entre os adolescentes, pela significação dada ao corpo e seus atributos. Dessa forma, rompe-se definitivamente a dicotomia entre natureza e cultura, o que nos permite interrogar e analisar o papel da escola na produção desta identidade.

Conforme observa Lopes Louro (2000), a identidade sexual é constituída por diversos fatores: geração, raça, nacionalidade, religião, entre outros. A identidade sexual é produzida dentro de um contexto no qual o sujeito está inserido. É, pois, historicizada e multideterminada.

Segundo Carrano, “o conceito de identidade não pode comportar nenhum sinal que implique isolamento ou fixação” (CARRANO, 2000, p.16). A identidade não é estática, sendo, portanto, relacional e móvel. Cria-se na tensão entre o “eu” e os “outros”, o que significa que a identidade é sempre marcada por conflitos entre a definição que damos de nós mesmos e o reconhecimento que os outros nos dão. Isto implica em afirmar que o conceito de identidade não pode ser compreendido fora dos “complexos sistemas simbólicos” de significação, de classificação, o que significa reconhecer semelhanças e diferenças, o que só é possível dentro da linguagem, pelos jogos lingüísticos operados a partir da relação significante entre eles.

Na atualidade, a transformação das Intimidades (Giddens, 1993) fez com que a questão da sexualidade, considerada essencialmente ligada à vida privada, passasse a

ser algo de domínio público, produzindo assim, uma transformação no que tange as questões de gênero e comportamento sexual.

Antes, a repressão sexual impôs padrões normatizantes a serem seguidos, hoje, a liberdade sexual se impõe como regra à obtenção do prazer e da felicidade, libertando o corpo dos antigos pudores morais, despertando novos interesses e cuidados como, por exemplo, o bem-estar corporal que se traduz pela idéia de: “corpus sano, mens sana”.

Dessa forma, sexo e sexualidade ganharam um estatuto privilegiado, quer seja pela biotecnologia, através da indústria farmacêutica com a descoberta e fabricação de medicamentos específicos para o tratamento da impotência sexual, como o Viagra e seus similares, quer seja no campo da sexualidade, pela exposição e importância dada à vida sexual. A sexualidade tornou-se algo transparente e visível, despertando cada vez mais, interesses diversos, inclusive dos educadores.

Nos jornais e na TV, passamos a ler e assistir entrevistas com as mais diversas personalidades depondo sobre sua vida sexual: quando ‘transou’ pela primeira vez, com que idade, com quem foi, se foi bom ou mesmo se já teve experiências homossexuais, etc. A intimidade é levada a público, os sujeitos depõem sem grandes constrangimentos seus relacionamentos. Do outro lado, crianças e adolescentes alimentam-se dessas experiências para, logo a seguir, fazê-las suas. No dizer de Debord (1997) vivemos hoje na “sociedade do espetáculo”, sob a ditadura das imagens. A atual glorificação e a exposição da qual o corpo é submetido vieram contribuir para que crianças e adolescentes passassem a ser reconhecidos como sujeitos detentores de uma sexualidade, corroborando a tese sustentada por Freud, no início do século passado, ao afirmar a sexualidade infantil (FREUD, 1905).

A passagem da repressão da sexualidade, aliada a uma rígida moral que sustentava a idéia de pecado, parece ter sido mantida até aproximadamente meados do século XX. No entanto, a velocidade imposta pelas transformações sociais, como os movimentos de emancipação feminina e o advento dos anticoncepcionais, tornou-se marco emblemático das transformações sociais. Por volta de 1980, as mudanças geopolíticas ocorridas na Europa e a revolução nos meios de comunicação de massa vieram afirmar o ocaso deste modelo repressor ao qual a escola serviu e sustentou.

As mudanças ocorridas no mundo a partir da progressiva liberdade sexual, fizeram com que houvesse uma significativa mudança nos meios de vigilância e disciplina vindo despertar recentemente um novo olhar sobre a sexualidade, implicando na produção de uma nova identidade sexual pela exposição e valorização dos corpos, um afrouxamento na questão disciplinar e um constante cuidado com o corpo e com os riscos à saúde.

Hoje a crise de autoridade e de valores pode ser considerada efeito da “crise da modernidade” que sustenta os ideais modernos e se generalizou pelas instituições que a compõem, como o Estado e a família. Nesse contexto, Giddens aponta para uma descontinuidade que vem ocorrendo no seio dessas instituições modernas em relação aos modelos tradicionais de ordem social (GIDDENS, 1991, p.13). E a escola, importante baluarte da modernidade, não poderia ficar de fora e nem tampouco deixar de sofrer os efeitos desta “crise”.

Entendemos que, os jovens atravessados pelas profundas transformações na cultura, são o grupo social que têm suas identidades em xeque. Ocorrem alterações metabólicas através da produção hormonal que possibilita o início da atividade sexual reprodutora, assim como alterações definidas pela cultura que caracterizariam a entrada na adolescência. É a partir desta constatação que os adolescentes são

ensinados a se responsabilizar pela condução de sua sexualidade, tendo que administrar os riscos de uma vida sexual ativa. Aprendem que devem e como devem usar preservativos e anticoncepcionais, são alertados acerca das responsabilidades de uma gravidez e dos riscos de contrair doenças sexualmente transmissíveis. Em outras palavras, a responsabilidade em relação à condução da sexualidade faz parte da produção de sua identidade.

As teses da autopreservação e do autocontrole, implicam na produção do “sujeito sexual”, aquele “indivíduo capaz de ser agente regulador de sua vida sexual” regrado por normas consensuais entre ele e seu parceiro(a). Essas normas regulam também os grupos de pares, a família e as normas culturais as quais o sujeito está inserido, ainda que este tenha acesso os meios de efetuar uma escolha que implique em sexo seguro (PAIVA, 1996).

E qual a importância da escola neste processo? A necessidade de reconhecer a juventude como um significativo segmento social, com questionamentos específicos, reforça a importância da educação e da escola como lugar de transmissão, produção de valores ou mesmo da reprodução de modelos de identidade. É a partir dessa problemática que pretendemos discutir a participação da escola na produção da identidade sexual da adolescência. Ou seja, como a educação, através da escola, participa da construção e da produção da identidade sexual entre os adolescentes veiculando um modelo específico destes vivenciarem sua sexualidade.

Na perspectiva da identidade como produção, Foucault nos lembra que a sexualidade é uma invenção social, uma vez que é atravessada por múltiplos discursos. Observa o autor, que as transformações da intimidade são produtos e produções da história e por isso devem ser contextualizadas. No século XVII, “eram frouxos os

códigos de decência, se comparados com o século XIX” (FOUCAULT, 1980, p. 9). Progressivamente, passa-se a exercer um rígido controle disciplinar onde o único lugar reconhecido para a sexualidade será o quarto dos pais. Bauman aponta para a importância da família como “canal capilar” de controle e vigilância sobre a sexualidade: “Em torno da luta interminável contra a masturbação, foi construída um sistema complexo de fiscalização e vigilância dos pais, médica e pedagógica” (BAUMAN, 1988, p.181).

A exigência cada vez maior de vigilância, controle e disciplina do corpo e conseqüentemente da sexualidade, marcou no século XX a descoberta de uma pedagogia que toma o corpo como objeto e alvo a ser domesticado. A escola se constituiu então, como guardiã destes interesses, promovendo a disciplinarização e modelos de identidade a serem seguidos, cujos objetivos eram a produção de “corpos dóceis”. Em torno da repressão sexual e da regulação do prazer, moldou-se a identidade sexual neste período histórico.

Razão e Saber são os denominadores comuns da modernidade. Entretanto, para que a Razão domine, fez-se necessário disciplinar o corpo, domesticá-lo e torná-lo apto para o trabalho ou para a boa convivência social. A tarefa da cultura, via educação, passa não só a ser domínio e vigilância da sexualidade, mas de exercer uma pedagogia que se apresenta de forma discreta e duradoura, a pedagogia do corpo.

Nessa perspectiva, conforme observa Lopes Louro, nas escolas se produz “corpos de conhecimento”, sem o corpo (LOURO, 1976, p. 60). Os únicos corpos que freqüentam as salas de aula são o *corpus teórico*, os *construtos*. As demais referências foram sempre banidas. A exceção ficou para a disciplina de Educação Física, através de seus princípios de adestramento.

Na modernidade, parece-nos que a discussão da sexualidade foi abordada pelas escolas de forma periférica, ligada a conteúdos específicos que visavam à promoção da normatização da conduta sexual, a negação e o repúdio das outras formas de se representar à sexualidade. Podemos tomar como exemplo ilustrativo uma das personagens de uma peça teatral do dramaturgo alemão Franz Weddekind (1991). Trata-se de uma jovem que morre aos quinze anos vítima de um aborto encomendado por sua mãe, sem saber que estava grávida. “O Despertar da Primavera” foi escrita no final do século XIX e representa muito bem o espírito de uma época na qual havia um excessivo controle e repressão sobre a sexualidade, considerados um tabu nas escolas.

Era comum que as jovens mulheres fossem para os seus casamentos sem saber o que lhes aconteceria depois. Sabiam no máximo que algo aconteceria, mas que não deveriam tomar conhecimento, o que reforçava o mistério sobre a sexualidade e sua incidência entre homens e mulheres. A estas competia ceder aos caprichos da natureza masculina. Sua educação era voltada para o cumprimento de seu destino, aos cuidados da casa e a criação dos filhos.

A partir do que foi exposto, podemos perguntar: o modelo pedagógico de vigilância e controle da sexualidade é mantido na atualidade do mesmo modo do que na sociedade disciplinar? Ainda que hoje observemos a produção de uma nova subjetividade, marcada pela plasticidade das identidades, guiada pelo avanço da tecnologia, da globalização e da informação, será que abandonamos, principalmente em relação à educação, as antigas práticas de disciplina?

Segundo Deleuze, há uma “crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola e família” (DELEUZE, 1992, p.220). Hoje

somos regidos pela complexidade do controle numérico, das cifras e da informação, além da valorização do corpo e da sexualidade pela mídia. O que importa são os riscos e a necessidade de autopreservação que se afirmam como limite e possibilidade. Para Vaz (1999), passamos da vigilância ao autocontrole, onde se enfatiza o binômio risco/conseqüências.

O autor faz observar que hoje há uma mudança significativa no cuidar do corpo, no cuidar de si. As transformações impostas pelo avanço tecnológico tanto nos meios de comunicação quanto na biotecnologia, estão articulados à produção de uma nova subjetividade. O surgimento dos conceitos de “tempo real” e “realidade virtual” nos meios de comunicação aliados a uma nova estética para o corpo através da mídia, sugerem o tempo todo, e de forma imperativa, o dever de sermos felizes. Para isso se faz necessário consumir como forma de acesso à felicidade e cada cultura se incumbe de definir o que consumir e os meios para tal. Investe-se cada vez mais, por exemplo, nos esportes radicais, aqueles de maior risco nos quais há uma maior liberação de adrenalina e conseqüentemente maior prazer. Mas é preciso que se insira uma justa medida, é preciso calcular os riscos para uma melhor obtenção de prazer. Trata-se de uma questão de economia. Para tal, se pensam em cenários, em quantificação e em segurança, medição e avaliação do futuro a fim de diminuir os riscos. Nesse sentido, observa Vaz, a questão central da atualidade estaria em regar o prazer e em não mais em cerceá-lo como outrora (VAZ, 1999).

A partir da problemática exposta, decidimos, junto a alunos de uma escola pública situada no município de São Gonçalo e uma escola privada do município Niterói, investigar a importância da educação escolar na formação de sua identidade sexual. As seguintes questões de estudo nortearam nosso trabalho:

- ✓ Como a escola participa da produção da identidade sexual na adolescência?
- ✓ Como a temática da sexualidade é abordada em sala de aula?
- ✓ Quais são as reações e percepções dos alunos em relação à abordagem deste tema?

Para investigarmos a participação da escola na produção da identidade sexual da adolescência, optamos por uma pesquisa de campo quanti-qualitativa, através da aplicação de um questionário misto. Nas respostas fechadas foi feito um levantamento de percentagens simples, e nas perguntas que solicitavam justificativas foi dado um tratamento qualitativo através de uma análise categorial temática. Esta última, “pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados” (RICHARSON, 1999). Por outro lado, quando optamos pela análise qualitativa, através das regularidades das respostas dos sujeitos, nosso intuito foi o de nos aproximarmos das percepções dos participantes da pesquisa.

Ao quantificar as respostas dadas pelos alunos, procuramos obter “uma margem de segurança quanto às inferências” (RICHARDSON, 1999, p.70), com o intuito de cruzar a contagem das respostas fechadas com a análise qualitativa das justificativas dos sujeitos.

Escolhemos duas escolas tradicionais, uma na rede pública estadual dedicada à formação de professores para o magistério de primeiro e segundo grau, situada no município de São Gonçalo e uma escola particular situada no município de Niterói, com turmas desde o fundamental à 3<sup>a</sup> série do ensino médio. O questionário teve onze perguntas, e foi aplicado em alunos da 7<sup>a</sup> série do ensino médio nas duas escolas.

Na escola estadual foram aplicados 41 questionários em 13 alunos do sexo masculino e 28 do sexo feminino, na faixa etária entre 12 e 15 anos. Na escola particular, foram aplicados 44 questionários em 24 alunos do sexo masculino e 20 do sexo feminino, totalizando 85 questionários aplicados em alunos na faixa etária entre 12 e 17 anos, em ambas as escolas. De modo geral, as perguntas do questionário buscaram abordar a forma pela qual a educação sexual era transmitida na escola, como os alunos se sentiam em relação a esta transmissão e se percebiam mudanças significativas entre a educação sexual que recebiam e a que seus avós e pais receberam.

A opção por este instrumento de investigação se deu também em função da possibilidade de analisar as respostas e as justificativas dadas por um grande número de sujeitos das escolas pesquisadas, que representam um universo significativo de jovens em cuja faixa etária incidem e afloram as questões envolvidas com a nossa temática.

No entanto, não se pretendeu, através dos resultados obtidos do material de campo, fazer generalizações das questões analisadas. Esta pesquisa tem um contexto próprio que corresponde a um universo restrito de duas turmas de 7<sup>a</sup> série das escolas pesquisadas.

... A possibilidade de aplicação dos resultados a um outro contexto dependerá das semelhanças entre eles e a decisão sobre essa possibilidade cabe ao “consumidor potencial”, isto é, a quem pretende aplicá-los em um contexto diverso daquele no qual os dados foram gerados (ALVES-MAZZOTI, 2001, p. 174).

A afirmação da autora acima sugere o que Biklen e Bogdan (1994) indicam ser um dos trabalhos de investigação qualitativa: “documentar cuidadosamente um

determinado contexto ou grupo de sujeitos e que é tarefa dos outros aperceber o modo como isto se articula com o quadro geral” (BIKLEN e BOGDAN, 1994, p.66).

A questão da generalização dos resultados obtidos reporta ao tema da fidedignidade, comum nas pesquisas em que se dá maior importância a precisão de instrumentos de medidas ou ainda, através da repetição da aplicação do instrumento de pesquisa. Todavia,

O que se espera não é que observadores totalmente isentos cheguem às mesmas representações dos eventos, mas sim que haja alguma concordância, pelo menos temporária, de que essa forma de representação da realidade é aceitável, embora possam existir outras igualmente aceitáveis. O importante é manter uma atitude flexível e aberta, admitindo que outras interpretações podem ser sugeridas, discutidas e igualmente aceitas (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.52).

Quanto à subjetividade do pesquisador, os partidários de uma postura tradicional em relação ao conhecimento científico defendem a idéia de que os juízos de valor não devem interferir na coleta nem tampouco na análise dos dados. No extremo oposto, estariam aqueles que afirmam a impossibilidade da objetividade na pesquisa (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 51).

Todavia, os investigadores preocupam-se com os efeitos que a sua subjetividade possa ter nos dados que produzem. Tradicionalmente, o objetivo principal do investigador é o de construir conhecimento e não dar opiniões sobre determinado contexto. “A utilidade de determinado estudo é a finalidade que tem de gerar teoria, descrição ou compreensão” (BIKLEN e BOGDAN, 1994, p.67). Porém,

Quaisquer questões ou questionários, por exemplo, refletem os interesses daqueles que os constroem, o mesmo se passa nos estudos experimentais. Os investigadores qualitativos tentam reconhecer e tomar em consideração os seus enviesamentos, como forma de lidar com eles (BIKLEN e BOGDAN, 1994, p. 68).

Dessa forma, a posição mais equilibrada de um pesquisador é aquela que não recusa a impossibilidade de separar os valores pessoais do processo de pesquisa. Tomar alguns cuidados no sentido de controlar os efeitos da subjetividade, tais como: a revelação do autor aos leitores de seus preconceitos, de modo que estes possam julgar o seu peso relativo no estudo; a revelação do autor, na medida do possível, de quanto foi afetado pelo estudo, explicando mudanças em seu julgamento e valores; a clareza dos critérios utilizados para selecionar certos tipos de dados, e não outros, para entrevistar um determinado grupo e não outro (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p, 51).

Como fundamento teórico, utilizamos uma série de autores que, embora estivessem em campos de pesquisa diversos, nos auxiliaram no esclarecimento de nossa questão. Assim, utilizamos Michel Foucault (1980; 1987) como norteador à compreensão e descrição da “Sociedade Disciplinar”, para qual a pedagogia e, em especial, a escola tem um importante papel na produção de “corpos dóceis”. Phillipe Ariès (1978) nos auxiliou a compreender o lugar da criança e do adolescente na chamada sociedade disciplinar. Gilles Deleuze (1992) nos apontou a passagem de um modelo disciplinar ao modelo de controle, assim como Anthony Giddens (1991; 1993; 2002), serviu de norteador para refletirmos as questões relativas às conseqüências da modernidade tardia.

Tomaz Tadeu da Silva (2000) nos auxiliou a definir e contextualizar a identidade e a produção das identidades no campo da educação, assim como Lopes Louro (2000) na contextualização da produção da identidade sexual na escola e Stuart Hall (1998) nos possibilitou situar historicamente a problemática da identidade na atualidade. Certamente, ao longo da nossa pesquisa outros autores comparecerão sempre no intuito de oferecer um maior embasamento teórico a nossa discussão.

A dissertação foi estruturada da seguinte modo: no próximo capítulo, “Sexualidade, Educação e Subjetividade”, fizemos um embasamento teórico para nosso objeto de estudo, discorrendo sobre a questão disciplinar na escola e a produção dos “corpos dóceis” e a temática da repressão sexual como reflexo da moral sexual vitoriana da passagem para o século XX. Discutimos a passagem do modelo disciplinar a sociedade de controle e a importância da temática dos riscos na atualidade.

Fizemos ainda, neste segundo capítulo, uma discussão acerca da definição da adolescência a partir das contribuições de Ariès (1978), Aberastury (1988) e Calligaris (2000). No último momento do embasamento de nosso objeto de estudo, discutimos os “Parâmetros Curriculares Nacionais”, a introdução da orientação sexual nas escolas e sua função na produção da identidade sexual dos adolescentes.

No terceiro capítulo da dissertação, trabalhamos com os dados colhidos a partir da pesquisa realizada nas escolas. Fizemos primeiramente uma análise quantitativa das questões fechadas do questionário e, posteriormente, uma análise qualitativa a partir das justificativas dadas pelos alunos de ambos os sexos das duas escolas pesquisadas. Nosso objetivo foi complementar as duas modalidades de análise.

No quarto capítulo, retornamos às questões da produção da identidade sexual na escola, procurando articular o embasamento teórico realizado com a análise do material recolhido na pesquisa. Por último, nas considerações finais, buscamos encaminhar as questões de estudo propostas nesta introdução, assim como descrever um pouco como a trajetória da pesquisa nos afetou de forma pessoal e profissionalmente no tocante ao trabalho com adolescentes.

# 2

## Capítulo 2 SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE

### 2.1 A pedagogia do corpo — a questão disciplinar

No início do período medieval não havia nas escolas a separação em idades e tampouco a formação de classes como instrumento disciplinar. Isto passou a ocorrer pela necessidade de se “proteger os estudantes das tentações da vida leiga” (ARIÈS, 1978, p, 170). No século XIII, os colégios eram asilos para estudantes pobres, dois séculos mais tarde tornar-se-ão institutos de ensino. A partir do século XIV, o colégio passou a ser um instrumento para a educação da infância e da juventude em geral. Aos educadores competia zelar pela instrução de seus alunos, mas também “formar espíritos, inculcar virtudes, educar tanto quanto instruir” (ARIÈS, 1978, p, 179).

Dispostos na mesma turma, crianças das mais diversas idades misturavam-se aos adultos. A escola medieval não era destinada às crianças era, segundo Ariès, uma espécie de escola técnica destinada à instrução dos clérigos. Nesse momento,

encontramos o mestre solitário, com uma única sala, instruindo seus alunos. Outros alunos viviam como aprendizes na casa de um padre, ou mesmo na casa do professor, seu preceptor.

A partir do século XVI, a imposição de uma disciplina às crianças será reflexo do sentimento de “paparicação” que surge: primeiro com a família e, depois com a preocupação dos moralistas quanto ao comportamento infantil, trazendo como consequência, o respeito pela infância e pelo “sentimento das idades”. É neste contexto que a obra de La Salle floresce e antecipa o “respeito pelo aluno”.

Jean-Baptiste de La Salle tornou-se padre em 1678, passando a se interessar pela educação infantil e dos pobres e principalmente pela formação daqueles que se dedicariam a este fim, os professores. La Salle contribuiu para que a escola se transformasse de uma simples sala de aula em uma instituição complexa. Seu projeto pedagógico se notabiliza pela imposição de uma rígida disciplina dentro da escola. Conforme observa Narodowski:

La táctica principal dentro de esta estrategia disciplinaria es la vigilancia constante sobre el cuerpo infantil por parte del profesor, quien en virtud de dicha táctica también construye su propio lugar dentro de la institución educacional“ (NARODOWSKI, 1994, p. 113).

Segundo o autor, a tática principal dentro de uma estratégia disciplinar é a vigilância constante sobre o corpo infantil por parte do professor.

Progressivamente, “o respeito pela criança”, se desloca para o “respeito pelo aluno”, seus cuidados, o que implica na multiplicação das instituições educacionais como os colégios (Ariès, 1978). Cuidar de crianças exige formação adequada e é nesse sentido que podemos ressaltar a importância de La Salle e sua preocupação com a formação do professor. Assim, ao professor,

Es necesario que constituya vuestro primer cuidado y primer efecto de vuestra vigilancia el ser atento a vuestros alumnos para impedir que practiquen alguna acción; no solamente mala, incluso alguna inconveniente, haciendo que se abstenga de la menor apariencia de pecado (LA SALLE *apud* NORODOWSKI, 1994, p.113).

A pedagogia Lassalista tem uma dupla função: por um lado controla e impede; por outro, atua como suporte das ações do educando para além do ambiente escolar.

La Salle nos traz a instrução simultânea, na figura do mestre-escola, no cuidado com a sua formação, para que os alunos melhorem seus comportamentos e aprendizagem. Traz também, com seu projeto pedagógico, a separação entre ricos e pobres através da divisão entre escola pública e particular. Com isso, a escola vai se tornando cada vez mais parecida com a representação atual e o ciclo escolar passa a ser cada vez mais estendido. Entretanto, a diferença essencial entre a escola medieval e a escola moderna reside na introdução da disciplina e na progressiva submissão dos alunos ao mestre (Ariès, 1978, p. 191). Os progressos da educação, para o qual La Salle tanto contribuiu, deram origem ao estabelecimento de uma aliança duradoura entre pais e escola que será reforçada a partir do século XIX.

O avanço da educação se reflete nas escolas através da hierarquização dos lugares com a introdução das disciplinas. O êxito das escolas passa através da observação e obediência a um conjunto de regras e normas de conduta que se destinam tanto ao mestre, quanto o aluno. Assim as palavras, os gestos e as vestes do docente, tudo deve ser pensado em função do ponto de referencia de quem olha, controla.

Ao mestre se é exigido seriedade e rigor, enquanto que o silêncio será um dos artifícios que ele se utiliza para manter o controle e estreita vigilância sobre a turma. A

este compete fazer observar a “lei do silêncio”, não permitindo que se fale sem a sua autorização, uma vez que falar é um atributo exclusivo do professor e a quebra do silêncio implica em falta grave. Entretanto, a “lei do silêncio” transcende a fala, pois será preciso manter nas salas também o silêncio do corpo. Nenhum movimento, nenhum som é admitido na sala de aula, para tal, se introduz na escola uma cadeia de controle sobre o corpo docente e discente através de uma rigorosa fiscalização e obediência hierárquica, que seguirá o modelo proposto por J. Bentham para as prisões, através de seu modelo panóptico de controle social.

A palavra panóptico observa Narodowski revela em suas raízes gregas a pretensão de abarcar tudo — absolutamente tudo, com o olhar (NORODOWSKI, 1984, p.118). O princípio panóptico surge como um modelo prisional onde os presos e seus passos são constantemente vigiados. O princípio da vigilância e controle foi utilizado primeiramente para isolar os leprosos ou controlar as pestes, através de uma severa vigilância e constante inspeção, separando os pestilentos, os doentes, das pessoas sadias.

O dispositivo panóptico é uma edificação circular cujo interior encontram-se as celas. Em cada uma delas há uma janela voltada para fora que é feita para entrar o ar e a luz sem que seja possível ver do seu interior o que se passa do lado de fora. No centro desta edificação encontra-se a torre onde um vigia observa, controla e tudo vê. Neste dispositivo os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde seus movimentos e seus atos são controlados e registrados, onde cada um é passível de ser localizado. Não é necessário recorrer à força para obrigar a todos aqueles que estão submetidos a esse tipo de controle a se manterem sob a ordem, daí: “Que o olho veja, sem ser visto — eis a maior astúcia do Panopticon” (MILLER, 1996. p. 25). Mais do que uma prisão,

este dispositivo é uma máquina universal de concentrações humanas. Em cada cela pode caber um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar, instaurando-se, dessa forma, o princípio de individualidade e visibilidade (FOUCAULT, 2000, p.166).

A maravilha benthamiana subverte a ordem do dispositivo prisional da clausura e da masmorra, pela visibilidade presumível. Dessa forma, essa construção de arquitetura geométrica, simples e econômica, funciona como uma espécie de laboratório de poder, atuando de forma a fazer com que aqueles que estão a ele submetidos façam de forma espontânea. Em sua torre, o vigilante pode então observar a todos, sem exceção.

Na definição de Foucault, é uma espécie de “ovo de Colombo” do poder, ao constituir-se num mecanismo misto onde há uma perfeita articulação entre as relações de poder e de saber, um “polícresto” (um instrumento de múltiplos usos), destinado a se difundir no corpo social como um todo e de forma homogênea. O panoptismo “é o princípio geral de uma nova ‘anatomia política’ cujo objeto e fim não são as relações de soberania, mas as relações de disciplina” (FOUCAULT, 2000, p. 172).

Este princípio será adaptado à escola, pela disciplinarização do corpo e seus movimentos, através do respeito e obediência ao mestre. Nesse sentido, o corpo, principalmente o infantil, passa por uma operação de pedagogização e a disciplina escolar será a expressão mais visível deste processo. A pedagogia, “por su parte, habrá de elaborar las herramientas teóricas para comprender, corregir o excluir al alumno” (NARODOWSKI, 1994, p. 123). A “má conduta” e os “maus hábitos”, por exemplo, serão merecedores de práticas corretivas e, estas práticas se inscreverão no âmbito pedagógico-educacional. Assim, o bom aluno será aquele que obedece e se submete à

autoridade do professor, permanecendo no seu lugar, cumprindo os rituais que lhes são impostos pela instituição.

As bases do poder disciplinar nas escolas serão estabelecidas e baseadas na disciplina militar exercida nos quartéis. Foucault observa nos soldados os princípios da pedagogia do corpo, através de seu vigor, força e valentia. Aos recrutas era exigida uma série de condutas: manter a cabeça ereta e alta, nunca olhar para o chão, ficar imóveis esperando o comando, etc (FOUCAULT, 2000, p.117). O autor salienta a descoberta do corpo como alvo de poder, tomando a formação dos soldados como exemplo de manipulação, treino e obediência, para afirmar a tese da fabricação dos corpos e a introdução das “disciplinas”. Estas são definidas como: “método que permite o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2000, p. 118).

O “poder disciplinar” se difere da escravidão e da domesticidade. A primeira implica na apropriação (custosa) dos corpos, a segunda, implica numa relação de dominação constante. O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano que visa torná-lo dócil, obediente e principalmente útil. Nesse sentido, pode-se dizer que a instituição da disciplina tem um sentido utilitarista de pôr o corpo a serviço de um determinado fim. Dessa forma, a disciplina “fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis” (FOUCAULT, 2000, p.119).

Encontramos, na pedagogia de La Salle, os princípios de funcionamento dos corpos dóceis nas escolas através do rígido controle disciplinar exercido pelo mestre, por sua localização privilegiada dentro da sala de aula, que se traduz em vigilância, controle e silêncio. Esta invenção não se deu de forma súbita, ela é produto de uma

multiplicidade de processos, alguns imperceptíveis, de várias origens e que passam a convergir esboçando assim o seu método.

Os colégios têm a sua origem e inspiração nos conventos, na rigorosa formação dos jesuítas, no claustro, nos quartéis, nas fábricas e nas prisões. A função dos quartéis é manter a ordem, evitar as pilhagens e os conflitos; dos conventos, “as disciplinas” retirarão o silêncio e a repartição dos espaços; das fábricas, a determinação dos lugares no circuito da produção; das prisões, a vigilância.

O princípio do quadriculamento implica na produção da racionalização do espaço geográfico, no qual cada indivíduo tem sua localização definida. O uso racional do espaço disciplinar é feito através da ocupação matemática operada pela justa divisão entre os espaços a serem ocupados, evitando os usos indevidos, quer seja pela deserção (nos quartéis), pela circulação difusa (nas fábricas) ou ainda pelas vadiagens (nas escolas). É preciso saber onde cada um se encontra dentro dessas instituições. Nesse sentido, “a disciplina organiza um espaço analítico” (FOUCAULT, 2000, p. 123). O quadriculamento é a expressão da lógica cartesiana a serviço do controle disciplinar que, através da utilização do cruzamento das coordenadas pode demarcar espacialmente um lugar específico para um elemento num determinado campo.

Esta demarcação implica em dispor e ordenar os elementos em fila e com isso dar-lhes um lugar preciso. A exemplo disso, havia em algumas escolas alunos que tinham seus nomes afixados nas carteiras.

A homogeneização das classes segue o mesmo princípio, no qual os alunos são agrupados, postos em fila, um ao lado do outro, sob o olhar do mestre-escola. As classes passam a se diferenciar umas das outras através da introdução dos uniformes escolares e suas insígnias que os definem e discriminam. Dessa forma, dividir, separar,

ordenar e classificar nas escolas, passa a ser uma das tarefas da pedagogia. Foi nesse sentido, conforme observa Foucault, que a pedagogia lassalista obteve o seu êxito.

A organização e a disposição da sala de aula, além da presença de um único professor, possibilitou então uma maior eficácia da função pedagógica através da premiação aos bons alunos e punição aos indisciplinados.

Aliada à rigidez disciplinar, La Salle organizou uma nova economia do espaço e do tempo de aprendizado. A escola se transformou tornando-se uma máquina de ensinar, vigiar e recompensar sob o olhar arguto do professor.

A criação de classes normais e especiais visa, além da homogeneização, “medir desvios, tornar úteis as diferenças, ajustando-as uma às outras”, (FOUCAULT, 2000, p, 155) demarcando as diferenças através dos exames. Estes progressivamente passam a ser valorizados porque são transformados numa cerimônia, num ritual, manifestando a sujeição daqueles que são seus objetos. Os exames permitem verificar, comprovar e quantificar o quanto de saber o aluno adquiriu, instituindo a burocracia documental das notas, diários, etc. Nesse momento, a escola se transforma num modelo estandardizado de ensino.

Em 1841, uma lei na França passou a limitar os horários de trabalho de crianças e jovens, ao mesmo tempo em que obrigou aos patrões oferecerem educação a seus jovens trabalhadores. Todavia, somente na terceira república, no final do século XIX, que o processo de escolarização das crianças das classes populares se consolidou, tornando-se objeto de ação socializadora sistemática por parte do Estado. A partir daí, houve um substancial avanço da escolarização em detrimento do trabalho infanto-juvenil contribuindo, desta forma, para uma nova modulação das idades ao ser instituído o sistema serial no ensino.

Entretanto, a cristalização social das idades produziu uma progressiva exclusão da criança do mundo do trabalho. O aprendizado, forma geral de iniciação ao trabalho, selou precocemente o fim da infância, marcando a entrada do jovem aprendiz na vida adulta.

Houve também uma transformação das práticas disciplinares que deixaram de ser ministradas aos sujeitos isoladamente para serem aplicadas à sociedade como um todo. Ou seja, o corpo a ser disciplinado passou a ser o corpo social por efeito da ação do Estado, que deu um sentido múltiplo de dimensão de proteção ao indivíduo, seja pela educação, seja pela saúde. A abolição do suplício e da severidade dos castigos corporais deu lugar aos métodos de assepsia, inaugurando o controle médico sobre o corpo, com a progressiva condenação dos prazeres deste a partir de normas morais da sexualidade. Dessa forma, os limites da vigilância se ampliam, surge a vigilância médica com suas medidas de profilaxia, introduz-se a noção de norma e desvio de comportamento. A aliança entre a disciplina pedagógica do controle e a medicina enfatizou a necessidade dos cuidados corporais a fim de que, cada vez mais, corpos dóceis e submissos estivessem aptos para o trabalho, contribuindo para o estabelecimento de uma disciplina do corpo.

Nesse momento, ergue-se uma barreira em torno da sexualidade. A perversão sexual passou a ser considerada como um desvio de caráter, ligada às aberrações, pois era preciso combater a devassidão. Para isso, temos como exemplo o surgimento da ginástica médica aliada à pedagogia, criada na Alemanha pelo Dr. Daniel Gottlieb Schreber, que influenciou várias gerações de pais e educadores. Esta tinha como princípio o fato de que a criança é má desde nascença, por isso seria necessário um adestramento moral e físico, além da imposição de renúncias à criança, como forma de

controlá-la (MANNONI, 1977, p. 28). As teses sustentadas pelo Dr. Schreber foram ao encontro da demanda disciplinar do século XIX.

O progresso da práxis pedagógica, a partir de La Salle, ao introduzir nas escolas a pedagogia do silêncio, contribuiu para a tarefa com a qual a escola progressivamente se identificou através da produção dos “corpos dóceis”. Foi nesta perspectiva que a repressão sexual aliada aos ideais modernos de comportamento e conduta que progressivamente se instaurou no cenário cultural europeu. São estas ideais que Freud definiu como “Moral sexual civilizada”.

## **2.2 A moral sexual civilizada**

O final do século XIX prenunciou o que viria a ser o século seguinte na Europa, mais precisamente em Viena. No campo político, o conflito entre as forças conservadoras e liberais marcava o dia-a-dia vienense. Em termos morais, o império austríaco representava o máximo do vitorianismo; em termos políticos, importava a manutenção da ordem social; intelectualmente, a noção de progresso social era defendida através da ciência, pelo domínio da mente sobre o corpo, pela educação e pelo trabalho (SCHORSKE, 1988, p.29). O anti-semitismo ganhava força, entretanto, as artes e a música grassavam nos teatros e nos cafés.

No campo científico especialmente na medicina, uma gigantesca revolução estaria por vir. Será neste cenário que em 1900, um neurologista judeu de nome Sigmund

Freud, fará seu debut com sua “Traummdeutung” (A Interpretação dos Sonhos), criando um novo ramo para o conhecimento científico chamado inicialmente de psico-análise, para a seguir, ser denominado de psicanálise.

A partir de seu contato com as histéricas, Freud progressivamente tece a trama conceitual que aponta para a etiologia sexual das neuroses, tentando desvendar, a partir daí, os mistérios da sexualidade humana. Entretanto, o que escandaliza a sociedade médica vienense é a afirmação de que os sintomas histéricos têm sua origem na infância.

É com a publicação dos “Três Ensaio para uma teoria sexual”, em 1905, que Freud amplia o conceito de sexualidade ao introduzir o conceito de pulsão. Neste texto, o autor define a libido como energia psíquica cuja função é possibilitar o investimento pulsional em determinado objeto, que ganha atribuição sexual. Define, ainda, o polimorfismo pulsional infantil e a atividade auto-erótica como forma de investimento libidinal em determinadas partes do corpo — as zonas erógenas — demonstrando que a sexualidade não se reduz apenas a genitalidade. Freud caracteriza os aspectos exibicionistas nas crianças que, sob os efeitos da repressão cultural, serão transformados, mais tarde, por conseqüência e ação do que seja moralmente condenável, em vergonha, contribuindo às questões socioanalíticas desenvolvida em “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” (FREUD, 1908) e, especialmente, em “O Futuro de uma Ilusão” (FREUD, 1927) e “O Mal-Estar na Cultura” (FREUD, 1930).

Interessa-nos o texto de 1908 pela articulação que o mestre vienense faz entre o estabelecimento da neurose com os efeitos da vida moderna. Conforme observa Catherine Millot, desde 1893 Freud já havia formulado suas “primeira crítica à

civilização em nome da etiologia sexual” (MILLOT, 1987, p.13). Neste texto, Freud reafirma a sexualidade como fator desencadeante das neuroses, salientando o fato de que “nuestra cultura descansa totalmente en la coerción de las pulsiones” (FREUD, 1908, p. 1252), principalmente das tendências hostis e agressivas de nossa personalidade em prol da edificação da cultura e de seus ideais morais pela ação sublimatória. Ou seja, através da repressão da finalidade sexual, a libido dessexualizada é posta a serviço da construção de bens culturalmente aceitos, contribuindo para o reforço do estabelecimento da repressão disciplinar da sexualidade, nas escolas.

A idéia reinante do século XIX supunha que, através da escolarização, o infante passaria da condição de ser de natureza a ser de cultura. O aperfeiçoamento da natureza humana encontrou na educação a possibilidade de serem operacionalizados. Através da educação e da saúde, o projeto político-pedagógico Iluminista sustentou na figura do cidadão o modelo ideal do homem civilizado e, para tal, foi preciso dar ênfase aos processos sublimatórios.

Entretanto, tal ação tem um preço a ser pago. A queda na neurose será o pagamento que se faz como forma compensatória dos excessos impostos ao sujeito pela manutenção dos ideais civilizatórios. Como observa Millot: “A causa da neurose não estaria na moral que perturba a vida sexual: a moralidade tem a força demonstrada na neurose porque a sexualidade é essencialmente perturbadora” (MILLOT, 1987, p.19).

### **2.3 A repressão sexual no “Despertar da Primavera”**

Como ilustração da transformação das práticas de controle disciplinar e da “Moral sexual civilizada” do século XIX, tomamos como referência ilustrativa a peça do teatrólogo alemão Franz Weddekind “O Despertar da Primavera” (WEDDEKIND, 1989) escrita em 1890 e encenada pela primeira vez em 1906. Nesta peça, composta de três atos, o dramaturgo alemão retrata os dramas e as vicissitudes dos adolescentes na passagem para o século XX diante da repressão sexual. A peça metaforiza “O Despertar da Primavera” como o despertar, o brotar ou a irrupção dos impulsos sexuais entre os jovens, culminando com o suicídio de um de seus personagens, Moritz, ao final do segundo ato.

É importante dizer não temos a pretensão de tomar essa peça como paradigma, nem tampouco fazer generalizações acerca dos temas tratados pelo teatrólogo alemão. Nossa intenção foi tomar esta peça como exemplo ilustrativo da sociedade disciplinar, da passagem da docilização dos corpos à atualidade.

Weddekind e, em especial, esta peça, exerceu um fascínio sobre o teatro expressionista alemão, para a educação e também para os psicanalistas como, por exemplo, Jacques Lacan que a traduziu para o francês em 1974, data da comemoração ao centenário da morte de Weddekind. O expressionismo, movimento cultural nascido no pós-guerra marcou uma ruptura com o domínio naturalista no teatro ao explorar o drama em seu aspecto social. Nesta peça, estamos diante de uma nova dramaturgia ao tratar da exposição dramática de um tema: o despertar da sexualidade entre os jovens.

A peça reflete algumas das questões cruciais da modernidade e dentre elas, a disjunção entre o amor e sexo na cena que culmina com a relação sexual entre Melchior e Wendla num celeiro. Neste momento Melchior dirá a Wendla: “Oh, acredita-

me não há amor!... Tudo é interesse, tudo egoísmo!... Amo-te tão pouco como tu me amas a mim” (WEDDEKIND, 1991, p. 105).

Contando com trinta e sete personagens, sendo que dezessete são adolescentes, alguns personagens representam o conservadorismo, como os professores, por exemplo; outros como a Sr<sup>a</sup> Gabor, mãe de Melchior, apresenta-se mais complacente com as questões dos adolescentes, principalmente em relação aos estudos. No entanto, não consegue impedir que o pai envie o filho ao colégio interno após o suicídio de Moritz e da descoberta de algumas cartas cujos temas estariam relacionados com a reprodução sexual, após a morte de Wendla. Do lado dos adolescentes, Ilse representa uma menina à frente de seu tempo, pois não estuda e frequenta a casa de pintores como modelo. À noite vai aos bares beber absinto e chega, inclusive, a ser presa.

O primeiro ato inicia-se com um diálogo entre Wendla e sua mãe a respeito do comprimento de seu vestido. No ato seguinte, encontramos os diálogos entre os meninos Melchior e Moritz acerca da reprodução, tema que Moritz nada quer saber. Em outra cena, neste mesmo ato, é abordada a temática da morte de Wendla aos quatorze anos, causado por um aborto mal sucedido sem que esta soubesse: sua mãe lhe disse que estava com anemia, antes de chamar o médico que iria fazer-lhe o aborto. A peça culmina com o diálogo surrealista no cemitério entre Moritz, com a cabeça debaixo do braço, destroçada por um tiro, Melchior que havia fugido do colégio interno e o “Homem mascarado”. Moritz tenta convencer o amigo a acompanhá-lo na morte.

O suicídio de Moritz está relacionado com o seu fracasso na escola e a preocupação com os estudos. Este se mata por não encontrar uma saída em relação às apostas que seus pais fizeram nele, através do sonho de ascensão social. Diante da

queda desse ideal, encontrará no suicídio a única saída possível, perdendo a cabeça com um tiro.

Após o suicídio de Moritz, Melchior será expulso do Liceu. Os educadores, na figura do reitor Sonnentisch e dos professores reagem à temática em torno da sexualidade encontrada na dissertação “o coito”, escrita por Melchior. O reitor define a dissertação como: “Repletas de imundices mais desbragadas; tal dissertação deveria corresponder às exigências mais vis que um libertino corrupto seria capaz de desejar de uma leitura imoral” (WEDDEKIND, 1991, p.128).

Melchior se defende das acusações a ele imputadas, afirmando que naquele escrito não havia nada de imoral e obsceno. Responde ao reitor dizendo: “Não escrevi nem mais nem menos do que aquilo que é para os senhores um fato bem conhecido” (WEDDEKIND, 1991, p. 131).

Os ingredientes da novela de Weddekind apontam ao controle e vigilância dos corpos como manifestação do poder, ou seja, à domesticação pela educação no início da modernidade, ou mesmo pela medicina, ao condenar a masturbação.

No início da obra freudiana, a tônica principal da entrada na neurose, conforme já assinalado, incidiu sobre a excessiva repressão sexual. Em “O interesse científico da psicanálise” (FREUD, 1913). O autor salientou a contribuição da psicanálise para a educação ao afirmar que o educador de posse do conhecimento psicanalítico poderia contribuir para evitar os exageros da repressão, além de se familiarizar com as fases do desenvolvimento infantil. A educação, segundo Freud, deveria seguir e incentivar o caminho da sublimação da disposição perversa pulsional, através de uma educação psicanaliticamente esclarecida como medida profilática.

Em “Algumas Reflexões Sobre a Psicologia Escolar” (FREUD, 1914) o autor aborda a temática da educação sob o prisma dos processos afetivo-transferenciais que envolvem as relações entre professor e aluno. Neste texto, situa a importância do professor para a formação da futura personalidade de seu aluno, através dos aspectos emocionais ambivalentes ligados ao amor e ódio, oriundos dos clichês estereotipados construídos nas relações afetivas com os pais.

Todas as pessoas, segundo Freud, são consideradas “ímagos do pai, da mãe, dos irmãos, etc.” e carregam uma espécie de herança afetiva que se atualiza na figura do professor, como substituto do pai. Em suma, Freud não deixou de assinalar a complexidade envolvida nesta relação, sustentada pelos “complexos familiares”, como aqueles encontrados na novela de Weddekind.

Em 1925, ao prefaciá-lo um livro de A. Aichhorn, “Juventude Abandonada”, o otimismo de Freud em relação às possíveis contribuições da psicanálise em relação à educação sofre um grande descrédito, quando afirma que educar constitui uma das três tarefas impossíveis, além de governar e psicanalisar.

Neste prefácio, Freud sustenta que o educador deve possuir formação psicanalítica, caso contrário, a criança será um enigma inacessível. Este enigma diz respeito ao inconsciente, de um ponto umbilical intransponível à análise, ponto de desconhecimento e tropeço ao qual todo ser falante encontra-se submetido.

A afirmação contida na carta a Aichhorn, aponta para o fato de que os princípios de quaisquer processos educativos encontram-se alicerçados nos ideais culturais. Nesse sentido, afirma Kupfer (1989): “Impossível não é sinônimo de irrealizável, mas indica principalmente a idéia de algo que não pode ser jamais integralmente alcançado” (KUPFER, 1989, p.59). Ou seja, o caráter indomável das pulsões, afirmado desde 1905

por Freud, reafirma a impossibilidade de subjugá-las totalmente aos interesses da civilização.

Para Birman (2000) as três tarefas impossíveis, citadas por Freud, se enunciam pelo viés de uma negatividade, do que não se pode fazer. O autor as interpretou destacando o fato de que, na modernidade, a especialização do conhecimento contribuiu para que cada uma dessas tarefas viesse se afirmar como possuidora de uma concepção do que seria o melhor para o homem. A falha desta promessa passou a ser significada como fracasso do próprio laço social, através de suas principais instituições, como a família, a escola e o próprio Estado. Como consequência deste fracasso, a humanidade passou a experimentar o que Freud definiu, em 1930, como “sentimento de desamparo”.

O “Mal-estar na civilização” (FREUD, 1930), por muito tempo foi cercado e interpretado por um certo fatalismo em função das renúncias impostas necessariamente ao homem para se inscrever na cultura. Entretanto, segundo Birman a questão mais importante contida neste texto não deve ser creditada à passagem mítica da animalidade à civilização e sim aos efeitos da modernidade sob a subjetividade (BIRMAN, 2000, p. 17), através de uma aguda crítica aos ideais de sociabilidade reinante na cultura europeia do final do século XIX, na qual predominavam o darwinismo, o antropocentrismo cultural e as idéias positivistas.

As considerações traçadas por Freud neste texto vão na contramão do que foi proposto pelo Iluminismo, à medida que o modelo de um ideal ético de progresso e felicidade, traçado pela racionalidade reinante, mostrou-se impossível de ser atingido (BIRMAN, 2000).

Apesar de a educação estar entre as profissões impossíveis, isso não significa que não haja candidatos. A história da psicanálise registra alguns célebres candidatos: Anna Freud, por exemplo, buscou transmitir aos pais e professores a teoria psicanalítica a fim de que estes pudessem contribuir ou evitar a neurose em seus filhos e alunos, ao estabelecer uma profilaxia através de medidas educativas. Tais medidas contrariam substancialmente a tese freudiana de colocar a psicanálise ao alcance de todos a quem dela necessitasse. Suas idéias vieram contribuir para o reforço de medidas normativas, ou ainda, na ostensiva presença dos especialistas nas escolas a predizer comportamentos ideais.

A experiência de A.S. Neill em Summerhill com crianças ‘normais’ em idade escolar foi uma das raras experiências pedagógicas inspiradas pela psicanálise (MILLOT, 1987, p. 146). Nesta escola, as crianças não eram obrigadas a aprender, o professor somente se manifestava quando solicitado pela criança. Neill não se preocupava com os métodos de transmissão do conhecimento, pois o objetivo principal era a criação de uma escola que servisse às necessidades das crianças e não o oposto. Para Neill “não é preciso coagir a criança para levá-la a evoluir em direção à maturidade e a aceitação dos imperativos da vida” (NEIL, A. S., apud MILLOT, 1987) porque ele apostava no desenvolvimento espontâneo da criança.

Todavia, a excessiva liberdade dada às crianças talvez tenha sido um dos motivos do insucesso de Summerhill. A idéia de uma liberdade obrigatória é antinômica à educação. Vimos, desde Freud, que a educação não se exerce sem que a repressão se faça presente. O paradoxo de Neill foi introduzir um modelo pedagógico que se confunde com um hedonismo — pode-se tudo. Entretanto, Millot observa que um dos

êxitos na educação em Summerhill deu-se graças à personalidade excepcional de Neill, o que veio a demonstrar que não se educa com a teoria e sim com o que se é.

Tanto a família como a escola, na atualidade, se vê envoltas em crise. Instituições produtoras de valores morais e importantes veículo de sustentação dos ideais éticos, hoje, elas encontram-se identificadas a uma série de mudanças para as quais Giddens definiu como “crise da modernidade”. Ambas as instituições estão progressivamente sendo configuradas de outra forma.

Enquanto a solidez, a tradição e as identidades fixas se definiam como uma das principais características da modernidade, hoje elas parecem estar se liquefazendo. Isto se deu não por efeitos de opressão ou colonização, mas “pelo derretimento radical dos grilhões e das algemas que, certo ou errado, eram suspeitos de limitar a liberdade individual de escolher e de agir” (BAUMAN, 2001, p.11).

No tocante a sexualidade, sua maior liberdade se reflete em modificações nos parâmetros que regiam os comportamentos até meados da década de cinqüenta, do século XX. Essas mudanças trouxeram como característica a liquefação dos antigos valores e normas.

Os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atava pés e mãos, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas (BAUMAN, 2001, p. 10).

A família e a escola passaram a ser identificadas como “instituições zumbi”, aquelas que estão “mortas e ainda vivem” (BECK, apud BAUMAN, 2001, p.12). A desintegração da rede social marcou o derretimento do laço social característico da modernidade e hoje a maleabilidade caracteriza a fluidez, ou mesmo o afrouxamento nas relações institucionais que o homem mantém com o Estado, a família e a escola.

Liberta dos grilhões que sustentavam a modernidade e da repressão sexual, a atualidade se configura pela importância dada aos cuidados de si, ao corpo e a saúde, e também aos riscos.

#### **2.4 A cultura de risco e a sociedade de controle**

A modernidade não é perturbadora apenas devido à circularidade da razão, mas porque a natureza desta circularidade é decisivamente intrigante (GIDDENS, 1991p. 55).

Anthony Giddens em “As consequências da modernidade” (1991) critica aqueles autores que afirmam que estamos no limiar de uma nova Era, a pós-modernidade. Situa Jean-François Lyotard (2000) entre outros, como um de seus arautos.

Lyotard aponta como uma das hipóteses da pós-modernidade o fato de que esta estaria relacionada com as mudanças do estatuto do saber, principalmente do saber científico e de sua legitimação a partir das relações que se estabelecem entre a ciência, ética e política. Para este autor, “o saber científico é uma espécie de discurso” que passa a ter um importante valor como mercadoria (LYOTARD, 2000, p. 3). A deslegitimação do saber encontra-se alicerçado em sua progressiva exteriorização em relação aos sujeitos, à medida que rompe o antigo princípio sustentado pela idéia de que a aquisição de saber é correlativa a formação do indivíduo. O saber como mercadoria, passa a ser algo que se comercializa, perdendo o seu valor e passando a ser algo a ser avaliado através do desempenho e das performances.

Por outro lado, um dos traços definidores da condição pós-moderna estaria relacionado com a proliferação das metanarrativas. Por outro, o crescente pragmatismo

da ciência moderna e sua necessidade de busca de legitimação, eficiência e desempenho. Essas características são as que determinam e regem a atualidade.

Enquanto que para Lyotard, a deslegitimação do saber e o domínio das narrativas como nova ordem discursiva são considerados os emblemas da pós-modernidade, Giddens vê esses fenômenos por outro viés; ele aborda a discussão entre modernidade e pós-modernidade sob a ótica da descontinuidade do desenvolvimento social moderno. Para este autor, a característica principal da modernidade estaria relacionada ao surgimento de mecanismos de desencaixe definidos como um “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1991, p.36).

Uma das conseqüências dessa descontinuidade estaria, por exemplo, no ritmo das mudanças que a modernidade põe em movimento a partir do surgimento do capitalismo. Este impõe não somente uma transformação na ordem econômica, mas uma profunda mudança na ordem social, através da divisão do trabalho e da exploração industrial da natureza para suprir as necessidades humanas. Uma outra conseqüência pode ser pensada a partir das relações que se estabelecem entre tempo e espaço, a partir do progressivo “esvaziamento do tempo”. Segundo Giddens, nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na modernidade estes são cada vez mais fantasmagóricos. Os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influencias sociais bem distantes.

Os diversos mecanismos de desencaixe estão intimamente ligados à idéia de confiança. Giddens afirma não se tratar de confiança individual, mas confiança sob a forma abstrata. Para o autor, crença e crédito são os sustentáculos da noção de

confiança. A confiança estaria ligada diretamente à noção de risco, termo segundo o autor que passa a existir apenas no período moderno (GIDDENS, 1991).

Em “Modernidade e Identidade” Giddens (2002) define a modernidade tardia como cultura do risco. Entende que a noção de risco organiza o mundo social à medida que “o futuro é continuamente trazido para o presente por meio da organização reflexiva dos ambientes de conhecimento” (GIDDENS, 2002 p.11). Todavia, se por um lado há uma redução dos riscos em determinadas áreas, por outro, o caráter globalizado dos sistemas sociais na modernidade tardia introduz novos riscos inteiramente desconhecidos em épocas pretéritas. Entretanto, o autor afirma que nunca estivemos envolvidos com a idéia de risco como estamos na atualidade: riscos de uma nova guerra, de atentados, de epidemias, seqüestros, de catástrofes ecológicas, etc. dominam o cenário mundial.

No plano econômico, os analistas trabalham com planilhas envolvendo riscos e cenários: inflação, taxas de juros, desemprego, entre outros regem o “jogo do mercado” onde os homens fazem as suas apostas. Basta para tal, acompanhar os noticiários da bolsa de valores, a cotação das ações no mercado. Tais situações são consideradas por Giddens como “riscos de alta conseqüência”, os quais estão “por definição distante do agente individual”, mas que podem interferir na vida individual e se contrapõem à noção de “riscos para a saúde” que habitam o nosso cotidiano, tais como a Aids, o estupro, a gravidez indesejada, que envolvem adolescentes, pais e educadores.

A antiga idéia de destino e sua predeterminação se apresentam inconsistente com a noção de risco, uma vez que esta última implica que “nenhum aspecto de nossas atividades segue um curso predeterminado, e todos estão expostos a acontecimentos contingentes” (GIDDENS, 2002, p. 33). Viver na “sociedade de risco” significa viver com

uma atitude calculista em relação às diversas possibilidades de ações com as quais somos continuamente confrontados, individual e coletivamente.

A vida sempre foi um negócio arriscado, cercado de perigos, dirá Giddens. Os perigos devem ser evitados, os riscos são sempre calculados. No caminho do cálculo dos riscos nos deparamos com a importância dos seguros, das estatísticas, do cálculo e monitoramento que estão cada vez mais atreladas às políticas de segurança, no campo privado ou público. Trata-se de construir cenários e através deles prever e antecipar eventos futuros. O risco então, “se refere a eventos futuros ligados às práticas presentes direcionados a colonização do futuro” (GIDDENS, 2002, p. 126).

No tocante a sexualidade, os riscos atualmente parecem estar também ligados às políticas de prevenção através da importância de conscientizar os jovens de se cuidarem, de se protegerem.

Segundo Deleuze (2000), Foucault foi um dos primeiros a anunciar os limites do modelo de sociedade disciplinar. Na atualidade impera um novo modelo social, a sociedade de controle. Para Deleuze, o funcionamento deste novo modelo de sociedade prima pelo controle contínuo e comunicação instantânea (DELEUZE, 2000, p. 216).

Prever e antecipar eventos futuros implica também em controlar. Somos regidos por senhas que determinam as possibilidades de acesso a lugares e as informações. Os locais de concentração da produção foram deslocados para um segundo plano e os espaços fechados tornaram-se dispersivos.

A família, a escola, o exército, a fábrica não são mais espaços analógicos distintos que convergem para um proprietário, Estado ou potência privada, mas são agora figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, de uma mesma empresa que só tem gerentes (DELEUZE, 1992, p. 224).

No campo da educação, a atual sociedade de controle caracteriza-se pelo processo de avaliação contínua e formação permanente. O abandono das pesquisas nas universidades e a transformação destas em institutos e departamentos, ou mesmo em grandes empreendimentos funcionando em todos os níveis do processo educativo, definem o atual modelo educacional. Nas escolas quanto no ensino universitário, às palavras de ordem são desempenho e performance. Estes dois significantes parecem dominar o atual cenário da educação em nosso país.

A denominação sociedade de controle pode ser enriquecida com o que Guy Debord (1992) anunciava como “sociedade do espetáculo”. Nesta, é preciso ver e ser visto por alguém, e para isso se dá extrema importância ao olhar e conseqüentemente àquilo que é visível, aprazível e belo.

Do corpo velado, preso à culpa e ao pecado, convivemos hoje com a idéia de que o corpo é algo a ser consumido. As tecnologias ligadas à engenharia genética e mesmo a indústria de cosméticos deram uma substancial contribuição para tal transformação. A tudo isso se soma a grande revolução ocorrida a partir da metade do século XX, através dos meios de comunicação, com a televisão e, mais recentemente, com o surgimento da internet, que redefiniu as fronteiras que demarcavam os limites entre o imaginário e o real.

Segundo Quinet (2002) sociedade do espetáculo ou sociedade escópica são sinônimas. Nestas, tudo é marcado pelo olhar, pelo registro do imaginário. Para o autor, o imaginário:

Não se reduz à imaginação nem ao somatório das imagens: é o próprio registro da identificação especular, onde as diferenças entre eu e o outro são abolidas pela identificação do eu com o outro, que é utilizado

pelo sujeito como espelho. O imaginário é o âmbito do espetáculo. (QUINET, 2002, p.281).

O corpo domado e docilizado que serviu como instrumento para o trabalho, durante o capitalismo de produção, transformou-se, a partir da mudança de vetor imposto pelo capitalismo de super produção, em corpo de consumo sob o patrocínio dos ideais estéticos de beleza e juventude, que nos chegam como imperativos de ideais a serem seguidos. A imagem do corpo que se procura vender na atualidade está atrelada à atividade ligada ao prazer. Dessa forma, “o corpo deixa de ser investido como força de produção, passando a ser concebido como máquina de prazer” (Vaz, 1999, p.5). Nesse sentido, a mídia tem tido uma importante função através da publicidade, ao procurar impor novas formulas de indução de comportamento, priorizando os fatores de risco, conforme destacou Giddens (2002).

Segundo Vaz, o lugar central ocupado pelo conceito de risco tem íntima relação com a previsão do futuro, de como este pode ser e o modo de obtê-lo.

... Informar sobre os riscos é dizer aquilo que pode e deve ser feito; por fim antecipar o futuro para propor compromissos é modo de estabilizar os valores do presente na medida em que não são confrontados com um mundo onde valores totalmente outros pudessem vigorar (VAZ, 1999, p.16).

No momento em que a cultura privilegia o espetáculo, a adolescência se constitui no segmento social que estaria mais vulnerável aos superlativos que marcam e definem a atualidade. Do consumo ao prazer, do sucesso à felicidade, a adolescência se constituiu nestas três últimas décadas do século XX em modelo ideal a se seguir, pois esta condensaria todos esses significantes.

Considerados por muitos autores como biologicamente e psicossocialmente imaturos, os adolescentes são passíveis de serem significados como um grande grupo de risco, daí as inúmeras campanhas de prevenção que para estes se destinam. O imperativo do espetáculo comandado pela mídia, principalmente pela televisão, põe na boca de cena a juventude como metáfora da atual sociedade de consumo. No atual “tele-exibicionismo”, o corpo adolescente encarna o corpo ideal, metáfora de saúde, prazer e sexualidade. São para eles que os olhares se voltam, à medida que eternizam a juventude perdida dos adultos, seus sonhos e desejos. Todavia, para os adolescentes, a vida — prazer e felicidade — também está regrada por riscos.

Hoje, a sexualidade está sendo cada vez mais falada, não está mais escondida, tem se revelado e proporcionado o desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. Enquanto Foucault denunciou a forma como a sexualidade foi disciplinada, hoje ela é compreendida como “algo natural” e “vista como normal”<sup>1</sup>. Isto se deu a partir da profunda e marcante modificação na cultura, em torno das temáticas ligadas à sexualidade. E os principais protagonistas deste desvelamento são os adolescentes.

## **2.5 Representações da adolescência.**

### **2.5.1 As diversas concepções da adolescência.**

---

<sup>1</sup> Estas afirmações foram retiradas das justificativas dadas por alguns dos participantes de nossa pesquisa.

Durante o período medieval, o que chamamos hoje de adolescência compunha uma das quatro estações da vida, pela correspondência entre esta e as estações do ano ou mesmo ao número de planetas. A adolescência correspondia à primavera, estação do ano em que os campos florescem, os animais buscam os seus parceiros para o acasalamento, a natureza resplandece. Subjazia a idéia da correspondência entre natureza e cultura, que será rompida a partir do século XVII (Ariès: 1978:35). Até então, a adolescência caracterizava-se pela plenitude do vigor do corpo e da capacidade procriativa e, por isso, era representada pela primavera.

Estas representações que associam as etapas da vida ao ciclo da natureza, correspondem ao imaginário social da era medieval. Conforme observa Ariès representam o sentimento popular e comum da vida, assim como o conhecimento científico deste período dominado por uma concepção teológica divinatória do mundo. O conhecimento científico deste período resume-se ao conhecimento da natureza, ao necessário à subsistência do homem.

Na ópera Siegfried, o compositor alemão, Richard Wagner (1813 – 1883) define a adolescência através das seguintes características: força física, espontaneidade e alegria de viver, como sendo os principais traços constitutivos do que virá ser o adolescente do início do século XX, o que despertará, progressivamente, o interesse dos moralistas e escritores da época.

Ao se destacar da infância, a adolescência, sofre os maiores efeitos da repressão. A “descoberta” da sexualidade infantil faz com que a criança passe a ser alvo de maior vigilância e preocupação por aqueles que estavam encarregados de seus cuidados. A vigilância sobre a criança é exercida em cima dos “maus hábitos” que sofrem severa

vigilância e punição e, fundamentalmente, ela possibilidade do ato sexual, da proibição deste antes do casamento e de suas conseqüências como, por exemplo, a gravidez.

Arminda Aberastury define a adolescência como “um momento crucial do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento” (ABERASTURY, 1983, p, 15). A psicanalista argentina entende que a maturidade genital o estimula o adolescente para relacionar-se com o outro sexo. Ao definir a possibilidade de procriação e escapando do incesto, o adolescente inicia a busca de objeto de amor no mundo externo, onde “somente a maturidade lhe permitirá aceitar-se independente, dentro de um marco de necessária dependência” (ABERASTURY, 1993, p.15). Para a autora, inicialmente o adolescente move-se entre a tentativa de desprendimento e o temor à perda do conhecido, é “um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e o ambiente circundante” (ABERASTURY, 1993, p, 16). Não se trata de uma crise da juventude, mas sim de uma forma de crise dos jovens dentro de uma sociedade em crise. O adolescente necessita sentir que influi e saber como influi nas decisões dos adultos.

Entretanto, durante a infância, a família como primeiro grupo social e a escola provêm o sujeito de uma série de garantias para as suas necessidades e sua dependência. Com o advento da adolescência, a situação se modifica, as antigas garantias já não mais protegem o jovem, começa-se a exigir adequação à realidade da vida adulta, dando início aos conflitos da adolescência. Neste período da vida, ocorre, então, um permanente sentimento de perdas objetais e de confusão face aos ingredientes afetivos do vínculo que o jovem mantém. Progressivamente o adolescente faz uma fuga do mundo exterior, buscando refúgio em seu mundo interno. Segundo

Arminda Aberastury e Maurício Knobel as características desse mundo interno definem a qualidade da crise (1988).

Os autores acima afirmam que o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas, o que configura, a “síndrome da adolescência normal”. Este momento da adolescência é perturbador para o mundo adulto, no entanto, necessário para o estabelecimento de sua identidade. Ao enfrentarem o mundo adulto para o qual não estão totalmente preparados, os adolescentes deverão se desprender de seu mundo infantil com o qual viviam cômoda e prazerosamente. Assim, “entrar no mundo dos adultos — desejado e temido — significa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança” (ABERSTURY e KNOBEL, 1988, p.13).

Knobel define a adolescência como

A etapa da vida durante a qual o indivíduo procura estabelecer sua identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações objeto-parentais internalizadas e verificando a realidade que o meio social lhe oferece, mediante o uso de elementos biofísicos em desenvolvimento à sua disposição e que por sua vez tendem à estabilidade da personalidade num plano genital, o que só é possível quando consegue o luto pela identidade infantil. (ABERSTURY e KNOBEL, 1988, p. 26).

A adolescência se caracteriza, por um lado, pela dependência e, por outro, por sua extrema independência. Inicialmente, o impulso que leva ao desprendimento será combatido pelo temor à perda do conhecido. Na busca da construção de sua identidade, o adolescente se apresenta às vezes como vários personagens, diante de seus pais e das demais pessoas.

Estas flutuações de identidade têm implicações no meio familiar e social. A incompreensão gerada e a conseqüente rejeição são vividas pelo adolescente como sentimento de abandono, sem, no entanto, viver sob a ameaça da perda da

dependência infantil. A necessidade de ultrapassar a dependência infantil exige a elaboração do “luto pelo corpo infantil”. Esta fase, no início da adolescência, é vivida com a mente ainda infantil, no entanto, o corpo ganha os contornos do corpo adulto, o que gera contradições e faz com que se viva um verdadeiro fenômeno de despersonalização como forma de negação da infância perdida. Aberastury enfatiza que:

Este processo de vida, cujo destino é o desprendimento definitivo da infância, tem sobre os pais uma influência não muito valorizada até hoje. O adolescente provoca uma verdadeira revolução no seu meio familiar e social e isto cria um problema de gerações nem sempre resolvido (ABERASTURY e KNOBEL, M.1998. p. 15).

A problemática da adolescência surge a partir de “uma vontade biológica” que impõe mudanças corporais, daí a necessidade de se fazer um primeiro luto, o do corpo infantil. O adolescente renuncia a ser tratado como criança, entretanto, os conflitos a que está submetido, levam-no a refugiar-se em seu mundo interno, nas fantasias, o que aumenta a sua onipotência e a sensação de prescindir do externo.

Por outro lado, os pais vivem os lutos pelos filhos. Precisam fazer o luto pelo corpo do filho pequeno, pela sua identidade de criança e pela sua relação de dependência infantil, o que implica um desprendimento da relação infantil mantida com o filho e uma passagem para uma relação adulta. De acordo com Aberastury, “ao perder para sempre o corpo de seu filho criança, os pais se vêem enfrentando com aceitação do porvir, do envelhecimento e da morte”. (ABERASTURY e KNOBEL, 1998, p.15).

Knobel define a “síndrome da adolescência normal” através da seguinte sintomatologia: 1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o

ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocação temporal, onde o pensamento adquire as características do pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversas intensidades; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta dominadas pela ação, que constituem a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais e, 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo (ABERSTURY e KNOBEL, 1988, p.29).

À medida em que o adolescente elabore os lutos, verá seu mundo interno mais fortificado, esta “normal anormalidade” será menos conflitiva e menos perturbadora.

Aberastury e Knobel sustentam a tese de que no processo de individuação, um grau mínimo de conflito é necessário para a autonomia do sujeito adolescente, frente a sua dependência infantil. A rebeldia e a instabilidade são consideradas “normais”. A síndrome da adolescência normal se dá, então, em cima da tese de um conflito que tem origem na superação de lutos impostos ao adolescente.

O significante “síndrome” tem como significado, um conjunto de sinais e sintomas que caracterizam uma doença. É, por excelência, um significante originário da medicina. Para os autores, a adolescência é “uma entidade semipatológica”, mesmo que absolutamente necessária.

Para definir o que entende por adolescência, Contardo Calligaris (2000) cria uma alegoria através da qual um grupo de pessoas tem a sua viagem de avião interrompida por uma pane, que os faz cair na selva. São, no entanto, salvos por uma tribo de índios e a partir daí conviverão com eles. Passam-se anos, o grupo domina a cultura dos silvícolas, entretanto, quando de posse de todos os atributos para serem aceitos e

pertencerem àquela comunidade, os anciões dizem que ainda devem esperar mais alguns anos antes de virem fazer parte da tribo.

Essa moratória é entendida por Calligaris como um tempo imposto ao adolescente para um melhor preparo a fim de que este possa vir a competir de igual para igual com os outros membros, os adultos.

Segundo Calligaris, o adolescente é alguém:

1. Que teve o tempo de assimilar os valores mais banais e mais bem compartilhados na comunidade;
2. Cujo corpo chegou à maturação necessária para que ele possa efetiva e eficazmente se consagrar às tarefas que lhes são apontadas por esses valores, competindo de igual para igual com todo mundo;
3. Para quem, nesse exato momento, a comunidade impõe uma moratória (CALLIGARIS, 2000. p.15).

Em certas culturas, a adolescência tem o seu período demarcado por uma série de rituais e provações que, ao serem ultrapassadas, garantirão um lugar no mundo dos adultos. Na cultura ocidental, observa Calligaris, a adolescência tem o seu início, aproximadamente, a partir da puberdade. No entanto, não se sabe muito bem quando esta termina.

Para o autor, um sujeito se torna adolescente quando o corpo e o espírito estão prontos, não sendo reconhecido ainda como adulto. Na adolescência há um hiato entre a maturação biológica do corpo e a autorização para a realização dos ideais da cultura. Esse hiato, essa suspensão, caracteriza a adolescência como um fenômeno novo, quase contemporâneo que somente neste último século foi alvo do interesse da

imprensa. Antes, havia um interesse na juventude somente sob a perspectiva do desenvolvimento físico, moral e econômico. Na atualidade, esta passou a ser um fato social reconhecido, um importante grupo social.

Maud Mannoni afirma que a adolescência é uma invenção relativamente recente e que teve sua origem no Ocidente. Esta afirmação se afina com as idéias propostas por Calligaris, principalmente se levarmos em conta a forma como os adolescentes foram retratados nos diversos meios de comunicação, a partir da década de cinquenta, os quais passaram a defini-los sob o signo da rebeldia (MANNONI, apud DELUZ, 1999).

A tese da imposição de uma moratória implica para aqueles que são submetidos a ela, uma surpresa desagradável, pois impedidos de darem asas as suas potencialidades, não são reconhecidos como pares pelos adultos. Vivem estes momentos como contraditórios: por um lado, a cultura moderna promove ativamente o ideal de independência; por outro, ao mesmo tempo em que impõe a moratória, reforça a dependência.

Ao valorizar ao extremo a idéia de busca de independência e realização profissional, cada vez mais alardeada pelas mídias, tem-se a impressão de que a adolescência é o reflexo idealizado dessa independência e por isso considerada como um momento particularmente feliz. Nesse sentido é impossível para os adultos aceitarem as dificuldades vividas pelos e por adolescentes.

Cada vez mais, “o olhar dos adultos se desloca da criança para os adolescentes, pois o espetáculo de sua felicidade é mais gratificante” (CALLIGARIS, 2000, p. 68). A imagem da adolescência feliz propõe aos adultos um espelho para contemplar a satisfação de ávidos desejos e que estão recalcados. A adolescência se torna, assim, um ideal dos adultos. Ao interpretarem os ideais que a cultura lhes aponta, os

adolescentes se confrontam com as contradições culturais. Para Calligaris a adolescência não é somente uma moratória mal justificada, ao contradizer valores ligados aos ideais de autonomia, mas sob a ótica do adolescente ela é também a privação de reconhecimento e independência.

O adolescente é um excelente intérprete dos desejos dos adultos, o que produz um desencontro entre eles. Dessa forma, acaba atuando, realizando um ideal que é o ideal recalcado dos adultos e que precisa ser também recalcado no adolescente. Como exemplo, Calligaris cita a marginalidade e a delinqüência e a sua glorificação pela cultura popular. Entende que a própria cultura se incumba de idealizar a adolescência ao creditar o adjetivo rebelde e, no entanto, exige destes a obediência e conformidade (CALLIGARIS, 2000).

A idéia de moratória leva o adolescente buscar reconhecimento e aceitação e para isso será preciso, muitas das vezes, transgredir. A transgressão é o mecanismo através do qual o adolescente se utiliza para buscar reconhecimento e, ao mesmo tempo, satisfazer as exigências de autonomia que lhe é imposta, pela cultura. O sujeito busca forçar sua integração, justamente se opondo às regras da comunidade, o que para muitos autores é considerado como patologia social.

Com Arminda Aberastury e Mauricio Knobel, vimos que a adolescência é por definição uma entidade semipatológica. Para Calligaris, essa afirmação corresponde ao sentimento dos adultos em relação à adolescência. O comportamento dos adolescentes é considerado anormal, transgressivo porque o parâmetro normal é dado pelo comportamento adulto, daí a visão estereotipada de que eles são uma ameaça à ordem estabelecida e a paz familiar. “Se a adolescência é uma patologia, ela é então a patologia dos desejos de rebeldia reprimidos dos adultos” (CALLIGARIS, 2000, p. 34).

Dessa forma, os adolescentes estão entre o sonho (como atuação dos desejos dos adultos), o pesadelo (ao representarem desejos que deveriam estar esquecidos) e o espantinho (desejos que voltam para se vingar de quem os reprimiu). Estas visões são as que determinam e organizam os comportamentos dos adolescentes, na busca de seu reconhecimento.

Diante dos impasses em sua busca de reconhecimento, o autor enfatiza alguns aspectos ligados a comportamentos e atitudes dos adolescentes a partir da idéia da adolescência como moratória. Um primeiro aspecto a ser observado é à busca de reconhecimento que o adolescente encontra através de seus pares: o adolescente “transforma sua faixa etária num grupo social, ou então num conglomerado de grupos sociais dos quais os adultos são excluídos” (CALLIGARIS, 2000, p. 35).

Calligaris destaca cinco aspectos ou visões segundo as quais se organizam os comportamentos dos adolescentes em sua procura de reconhecimento: O adolescente gregário; o delinqüente; o toxicômano; o adolescente que se enfeia e, por último, o adolescente barulhento. Em todos esses cinco aspectos, de uma forma ou de outra, estaria implícita a questão da moratória imposta ao adolescente.

Os aspectos gregários da cultura foram discutidos por Freud em “Psicologia das Massas e Análise do Ego” (FREUD, 1920). Neste texto, o autor cita as principais teses de sua época a respeito da psicologia das massas, a partir de dois outros autores: Gustav Le Bon e Mac Dougall. Para Le Bon, “a massa psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos, que se unem por um momento” (LE BON apud ENRIQUEZ, 1990, p.56). A esses aspectos, se somam as influências de um líder, através de seu carisma e de sua capacidade de sugestão, além do fato da alienação do sujeito ao grupo. Ou seja, em grupo ou, por intermédio deste, o indivíduo faz coisas que

sozinho não faria, o que dão aos indivíduos os elementos identificatórios necessários para pertencer a um grupo.

A identificação é definida por Freud “como manifestação precoce de um enlace afetivo a outra pessoa” (FREUD, 1920, p. 2585) e desempenha um importante papel na formação do complexo de Édipo. Identificar, sob a perspectiva freudiana, é colocar alguém ou alguma coisa no lugar do ideal do Eu. Dessa forma, a constituição de um grupo supõe que um certo número de indivíduos colocou um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do Eu, daí a possibilidade de (com)partilhar diversos interesses dentro de um grupo, de se constituir um grupo dentro de outro. Em Freud, o que se destaca é o caráter libidinoso, erótico, das identificações, o que possibilita o enlaçamento entre os homens formando, assim, a base na qual a cultura se edificou.

Existe identificação quando o objeto se torna parte integrante do Eu. Entretanto, o Eu se constitui a partir das identificações. Assim, o que chamamos de Eu pode ser entendido como um mosaico de identificações que possibilitam uma unidade.

Para os adolescentes, a comunidade é o grupo composto por seus pares com os quais compartilham a escolha de estilos, definem e experimentam as suas opções no tocante à sexualidade.

### **2.5.2 Do “despertar da primavera” às “confissões de adolescentes”**

Assim como a peça de Weddekind ilustrou a moral sexual do final do século XIX, a peça “Confissões de Adolescente” (MARIANA, 1982) nos ajudará a ilustrar as vicissitudes de uma adolescente ao final do século XX. Nossa intenção ao utilizarmos esta peça é de apenas enriquecer a passagem da sociedade disciplinar, a partir de um

grupo localizado de adolescentes. Não temos, com isso, a intenção de estabelecer generalizações desta peça com a pesquisa de campo.

A peça “Confissões de Adolescentes” foi encenada pela primeira vez em março de 1982, na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de uma autobiográfica idealizada a partir do diário de Maria Mariana, autora e também atriz que faz parte da geração dos “anos noventa”, zona sul da cidade do Rio de Janeiro. A peça é exposta de forma arrojada e numa linguagem própria dos adolescentes que residem na zona sul do município do Rio de Janeiro. Suas principais questões são: “o primeiro beijo”, “a primeira transa”, “a primeira vez que fumei maconha”, “o primeiro contato com a morte”, “o aborto”, “a separação dos pais e o conflito entre pais e filhos”. “Confissões” é, em suma, uma peça de adolescentes para adolescentes, daí o seu sucesso.

A autora faz parte de uma geração de classe média alta em que a repressão sexual passa a ser vivida de forma mais atenuada, onde há uma maior liberdade sexual. Uma geração que começa a enfrentar e decidir sobre o pleno exercício de sua sexualidade, exercício que implica em riscos através da possibilidade de contrair doenças sexuais transmissíveis, da gravidez indesejada e da violência sexual.

Para esta geração e para as gerações vindouras, o acesso à informação passou a ser o grande divisor de águas na realização de suas ações, assim como a questão ligada ao prazer, que passou a estar diretamente ligada a situações que envolvem riscos. Com isso, reafirma-se a necessidade do autocontrole e responsabilidade a partir do advento das políticas ligadas aos cuidados de si, conforme salienta Vaz (VAZ, 1999).

A peça retrata os dramas e conflitos vividos por esta geração que tem no “ficar” a antítese do namoro. “Ficar” implica em a-temporalidade, ou seja, não há neste significante a idéia de continuidade. Fica-se hoje, amanhã, quem sabe?

“Ficar” indica a falta de compromisso e talvez a pouca atenção dos adolescentes à importância e necessidade de prevenção de doenças, o que justifica as inúmeras campanhas veiculadas pela mídia contra a Aids, que afirmam que: “sexo seguro é sexo com camisinha”, e que visam preservar a saúde. Nestas campanhas, o que geralmente é apregoado é a necessidade de mudanças de hábitos a fim de evitar a situação de risco em que o sujeito vive, para a importância de hábitos saudáveis e prazerosos.

Maria Mariana faz parte da geração pós-ditadura militar e com a redemocratização, prega a liberdade sexual como forma de busca de prazer e felicidade.

No entanto, a perspectiva trazida por Freud (1930) para a idéia de felicidade é que esta é sempre restrita, ao contrário da infelicidade e do sofrimento, dado o caráter da fragilidade humana e do estado de desamparo (*hilflosighait*) que a própria cultura se incumbem de negar. Esta negação da fragilidade se apresenta, por exemplo, através da produção de bens de consumo e objetos (*gadgets*) que visam à satisfação imediata do desejo.

Com o advento dos anticoncepcionais, na década de sessenta, do século XX, as mulheres conquistaram uma maior autonomia e progressivamente passaram a melhor dispor de seu corpo. Com isso, a sexualidade, antes recalcada, passou a ser reconhecida como um direito da mulher. É nesta perspectiva que Giddens (1983) discute a transformação da sexualidade a partir da igualdade de direitos entre homens

e mulheres nas últimas décadas, enfatizando a falência do controle sexual dos homens sobre as mulheres que as liberou do jugo fálico.

Hoje em dia a sexualidade tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós 'tem', ou cultiva, não mais como uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido (GIDDENS, 1983. p. 25).

O texto de Weddekind retrata as vicissitudes da adolescência de uma forma dramática, ao acentuar as tragédias de seus personagens. Enquanto elementos de formação de identidade, os conflitos vividos entre adolescentes e adultos na peça de Weddekind apontam uma série de impasses, tais como: o conflito ante a curiosidade sexual, o difícil diálogo entre pais e filhos, a disciplina austera dos colégios como reflexo da moral vitoriana do final do século, "Confissões de Adolescentes" traz um relato, uma narrativa da autora sobre sua adolescência.

No século XX, principalmente a partir dos anos cinquenta, verifica-se uma profunda transformação nas normas e valores. Temas tabus como a primeira relação sexual é visto como "natural ou engraçado" (MARIANA, 1983, p.33). Ao relatar sua primeira experiência sexual, a personagem "se esquece" que era virgem e diz: "Sem perigo. Acabei de ficar menstruada. Não vou engravidar". Ou seja, aquilo que até então era considerado tabu, deixa de ser, marcando a passagem e a transformação de costumes, normas e valores.

A preocupação cada vez maior entre grande parte dos educadores, pais e autoridades com os adolescentes em torno de comportamentos e atitudes envolvidas na questão da sexualidade têm sido tomada como uma questão de saúde pública. A educação sexual passa a ser um tema importante para o Estado, pois esta ligada ao

bem-estar social. Com o aparecimento dos primeiros casos de Aids e com o início das campanhas de esclarecimento e de informação das D.S. Ts., aos poucos a preocupação com a sexualidade se tornou objeto de educação nas escolas. Debates e palestras foram organizados por especialistas a fim de melhor capacitar aqueles que ali trabalhavam para trazer informações a seus alunos. Dessa forma, a escola passou a adquirir uma outra importante função, além daquelas ligadas ao ensino de conteúdos. Na atualidade, a sexualidade tem sido discutida a luz dos Parâmetros Nacionais Curriculares, um documento-referência que serve de guia para se introduzir nas escolas de ensino fundamental e médio a discussão da temática da sexualidade. A diretriz do M.E. C tem como objetivo a introdução da idéia de responsabilidade, mudando e formando novos hábitos a partir do conceito de sujeito autoconsciente de seus atos.

### **Capítulo 3 2.6 A orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais**

Sexo é o pivô ao redor do qual toda a tecnologia da vida se desenvolve: o sexo é um meio de acesso tanto à vida do corpo quanto à vida da espécie; isto é, ele oferece um meio de regulação tanto dos corpos individuais quanto do comportamento da população (o "corpo político") como um todo (FOUCAULT: 1993).

As complexas sociedades contemporâneas convivem com grandes desafios. Um deles, sem dúvida, é educar para a cidadania e cidadão na concepção moderna do termo, implica em responsabilidade frente a seus direitos e deveres.

A Constituição Federal, em seu artigo terceiro, define como objetivos fundamentais da república: garantir a dignidade da pessoa humana, erradicar a pobreza e a

marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais, promover o bem estar de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

No Brasil, como nunca antes, cobra-se da escola mais do que conteúdos de conhecimento; cobram-se práticas que favoreçam o desenvolvimento de determinadas atitudes necessárias ao exercício consciente da cidadania (Ferreira, 2000). E essas práticas devem passar inclusive pela educação sexual. Espera-se que a passagem pela escola ajude na formação de exercício da cidadania, contribuindo no estabelecimento de personalidades democráticas e participativas, capazes de conciliar interesse individuais e lutas coletivas, buscando uma maior liberdade de expressão e um reconhecimento das diferenças através da inclusão social, assim como, o direito a livre expressão da sexualidade.

Por volta de 1980, em meio a avanços e retrocessos nas políticas públicas voltadas para a população jovem, destacamos: a criação do Conselho Nacional da Criança e do Adolescente, a implementação do Programa da Saúde da Mulher, o Programa de Atenção à Saúde do Adolescente, além do Programa de Prevenção e Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis, pelo Ministério da Saúde. Alguns desses programas foram patrocinados e desenvolvidos em parceria com as organizações não-governamentais, as ONGS.

Vale destacar ainda, os Parâmetros Curriculares Nacionais, cujo volume dez, trata a questão da orientação sexual nas escolas desde o ensino fundamental até o ensino médio. Este documento, produzido pela Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação e Cultura, pode ser considerado como um documento de

referências necessárias para melhor atuação dos educadores na abordagem de temas que se ligam à sexualidade nas escolas.

Em nosso país, o tema da sexualidade foi inserido nas escolas sob os auspícios das concepções médico-higienistas em voga, no início do século XX. As preocupações destes médicos giravam em torno da masturbação e da transmissão de doenças venéreas e do preparo das mulheres para a maternidade, além dos cuidados com a casa.

Em 1920, surgem movimentos sociais inovadores, especialmente àqueles ligados a movimentos feministas que propõem um trabalho de orientação sexual ligado à proteção infantil e à maternidade. Nos anos sessenta ocorreu uma série de experiências importantes, tanto em escolas públicas como em escolas privadas, ligadas à temática da sexualidade, especialmente no eixo Rio, São Paulo e Minas Gerais. Entre 1954 e 1970, o serviço de Saúde Pública do Departamento de Assistência ao Escolar ofereceu aulas de orientação sexual na antiga quarta série primária, onde as professoras davam informações às mães a respeito das transformações da puberdade. Este programa foi interrompido por determinação da Secretaria de Educação (SAYÃO, 1977, p.108).

Em 1968, encontrava-se na câmara federal um projeto de lei que propunha a introdução da orientação sexual em todas as escolas do país. Este projeto tramitou até 1970 e, apesar do apoio de deputados, intelectuais e educadores, teve parecer contrário pela Comissão Nacional de Moral e Civismo (SAYÃO, 1997, p.109). Este período histórico, sob intervenção militar, ficou caracterizado pela imensa repressão político-cultural. A maioria dos trabalhos relacionados à orientação sexual teve que ser

interrompida. Neste momento, predominava um clima de moralismo e medo, pois estávamos na vigência do AI-5.

A década de oitenta foi pródiga na veiculação e divulgação de temas ligados à sexualidade. Passada a tempestade, o país se redemocratizou e nas escolas públicas e privadas o tema da orientação sexual passou a habitar as aulas, ainda que de forma insipiente, ligado aos conteúdos de ciências ou de biologia. Programas de rádio e TV passaram a divulgar e informar temas ligados à questão da sexualidade como, por exemplo, os trabalhos de Marta Suplicy. Congressos e encontros se alastraram pelo país a fim de ouvir a voz dos especialistas, intensificando-se assim o interesse e o debate sobre a sexualidade. Nas escolas, psicólogos, médicos e diversos especialistas são convocados a darem palestras para pais, diretores e professores. Neste momento, surgem as primeiras notícias sobre a AIDS, além do início das campanhas que associam-na a grupos de risco e à homossexualidade.

Em 1989, a Secretaria Municipal de São Paulo, sob a responsabilidade de Paulo Freire, decidiu implantar nas escolas do município um trabalho de orientação sexual de cunho pioneiro que atingiu cerca de 12 mil alunos (SAYÃO, 1997, p. 111). Este trabalho previa a cuidadosa formação de professores que passavam por um curso com acompanhamento e supervisão de um grupo de trabalho constituído para tal finalidade, o GTPOS. O êxito deste trabalho serviu de fonte e inspiração para que se estendesse a outros estados da federação. Em 1995, o MEC coordenou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, enfatizando a orientação sexual como um dos “temas transversais” a serem abordados nas escolas de primeiro e segundo graus, articulado junto a outros temas, tais como: ética, meio ambiente e pluralidade cultural.

O décimo volume dos parâmetros curriculares nacionais (PCN) dedica-se à pluralidade cultural e à orientação sexual. Tem como objetivo sistematizar a ação pedagógica no desenvolvimento do aluno, levando-se em conta os princípios morais. Seu objetivo maior é promover reflexões e discussões entre os diversos profissionais (equipes pedagógicas, técnicos, professores) além de pais e responsáveis com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica. Em sua justificativa em relação à orientação sexual situa, a partir de 1980, uma maior demanda por trabalhos na área da sexualidade, devido à preocupação dos educadores com o crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco de contaminação pelo HIV entre os jovens (PCN 10, p. 111). As diversas influências: família, livros, escola, amigos e principalmente da mídia, também vieram se constituir como um fator importante e decisivo na intenção formação sexual de crianças, jovens e adultos.

Para o M. E. C., mensagens de conteúdos eróticos veiculados nos diversos meios de comunicação nem sempre contribuem para a compreensão das mesmas, fazendo com que os jovens construam conceitos e explicações errôneas e fantasiosas a respeito da sexualidade. Afirma ainda que como todas essas questões são trazidas pelos alunos para dentro da escola, cabe a esta desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa, entendendo que o trabalho de orientação sexual contribui para o autoconhecimento da própria sexualidade “a fim de contribuir para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura” (PCN 10, p. 115).

A orientação sexual nas escolas deve ter como objetivo problematizar, levantar questionamento e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, escolha seu caminho. Esta proposta se insere no âmbito pedagógico e coletivo não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual de tipo psicoterápico. As

diferentes temáticas ligadas à orientação sexual devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, visto que o tempo de permanência dos jovens na escola possibilita um maior convívio social e relacionamentos amorosos e a escola não pode se omitir diante da relevância dessas questões, pois se constitui num lugar privilegiado para a abordagem da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis.

Este documento sugere que a orientação sexual seja abordada sob a ótica da transversalidade, num espaço específico na rotina escolar, dentro ou fora da grade horária existente. Tanto os objetivos quanto os conteúdos são contemplados pelas diversas áreas do conhecimento. Cada uma das áreas trata da temática da sexualidade por meio de sua própria proposta de trabalho. Assim, o trabalho de orientação sexual comporta duas formas: “dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e extra programação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema” (PCN. p. 129). A partir da quinta série, os alunos deverão ter um professor especialmente disponível a fim de que as questões consideradas mais polêmicas como aborto, virgindade, homossexualidade, pornografia, prostituição, entre outras, possam ser melhor refletidas.

As propostas contidas nos parâmetros curriculares nacionais, especialmente aquele que trata da orientação sexual são alvissareiras, entretanto, um estudo de Bastien (1998) para uma conferência sobre HIV/AIDS realizada em Genebra em 1998, tendo como foco o trabalho dos professores de ensino médio a respeito do ensino sobre a transmissão da AIDS, perturba as propostas contidas nos P.C.N. Segundo Britzman, Bastien conclui que:

Os estudantes não têm, racionalmente, outra escolha, ao discutir a questão da AIDS e do HIV com seus professores, que não a de darem as respostas esperadas, ao invés de se envolverem num diálogo franco,

porque o ensino está, em geral, ligado a alguma forma de avaliação (BRITZAMAN 2000, p, 85).

A afirmação acima coloca em xeque as propostas para um trabalho de orientação sexual nas escolas, à medida que: “a cultura da escola faz com que respostas estáveis sejam esperadas e o ensino de fatos seja mais importante do que a compreensão de questões íntimas” (BRITZMAN, 2000, p. 85).

Segundo Britzman, a pesquisa de Bastien aponta para um grande desinteresse tanto dos professores quanto dos alunos na abordagem deste tema, pois traz consigo “modos autoritários de interação social”, o que impede a possibilidade de um diálogo que poderia se mostrar surpreendente. Ou ainda, que a temática da orientação sexual fique restrita aos conteúdos didáticos (BRITZMAN, 2000). Neste contexto pode-se afirmar que os estudantes saem das aulas sem ter obtido a compreensão sobre a preocupação a respeito de seus desejos e sobre relações sexuais.

A questão central do estudo de Bastien encontra-se na forma de como essa temática é trabalhada na escola. Ligada a conteúdos didáticos ou ainda concebidos apenas como conhecimento de fatos, faz parecer que tanto os docentes quanto os alunos buscam esconder suas próprias questões e interesses em nome dos conteúdos do currículo oficial. Por outro lado, quando se experimentam novas abordagens através do teatro, discussões do tipo mesa-redonda, etc., professores e alunos passam a perceber a importância e a relevância desta temática para suas próprias vidas e para os cuidados de si. As propostas de intervenção mais eficazes devem ser aquelas que levam em conta a lógica que rege os comportamentos dos indivíduos e grupos, contrariamente a uma concepção normativa que predomina em grande parte do discurso educacional.

Britzman assinala que “existem muitos obstáculos, tanto nas mentes dos professores, quanto na estrutura da escola, que impedem uma abordagem cuidadosa e ética da sexualidade na educação” (BRITZMAN, 2000, p. 86). Um desses obstáculos, segundo a autora, diz respeito ao fato de quando a educação coloca “a mão” na sexualidade, a linguagem do sexo torna-se linguagem didática, explicativa e, portanto, dessexualizada. Outro obstáculo encontra-se nos próprios educadores, por não estarem muitas vezes preparados para responder as questões trazidas por seus alunos, ou ainda, que a sala de aula se transforme numa luta de poder entre o conhecimento dos estudantes e o conhecimento dos professores. Tal despreparo pode estar aliado às dificuldades dos adultos em lidar com a sua própria sexualidade, em função da própria repressão sexual ou ainda, do “esquecimento” da sexualidade infantil, segundo os pressupostos freudianos.

A orientação sexual antes restrita ao espaço privado da família passa a ser considerada “um negócio de estado”, tema de interesse público à medida que a conduta sexual da população passa a ser alvo de políticas públicas ligadas à saúde, à natalidade ou ainda, ao controle dos corpos e seu ajustamento aos meios de produção. Grande parte das observações contidas nos P. C. Ns. está na preocupação do Estado acerca do trabalho de prevenção das D.S Ts, a partir da constatação das inúmeras transformações ligadas à sexualidade ocorridas no interior de nossa sociedade nestes últimos anos. Daí a importância de se levar esse tema para as escolas. A idéia central contida neste documento tem a ver com a promoção da saúde sexual reprodutiva e os cuidados necessários para promovê-la.

Nesse ponto, podemos aproveitar a afirmação de Vaz (1999) ao constatar como sendo um dos objetivos principais da sociedade de controle as noções de

“autocuidado”, “risco” e “responsabilidade”. Essa afirmação se alinha às idéias de Deleuze (2000), quando coloca que: “é certo que entramos na sociedade de controle, que já não são disciplinares” (DELEUZE, 2000, p. 215).

O controle na atualidade se exerce através das máquinas, pela informatização através do controle numérico e de cifras. A sociedade de controle tem como uma das características a idéia de que se é regido pela necessidade de uma constante reforma. Deleuze indica que “num regime de controle nunca se termina nada” (DELEUZE, 2000, p. 221). Nas escolas, esta idéia segue o princípio da formação permanente, através do controle e da avaliação contínua.

Nos P.C. Ns. há “uma série de indicativos normalizadores da sexualidade vista sob o ponto de vista biológico, atrelado às funções hormonais” (ALTMANN, 2001). Ou ainda, trata-se de uma proposta conservadora, na medida em que cabe a intervenção do educador às manifestações da sexualidade, apontando sua inadequação às normas do convívio escolar. O trabalho de orientação sexual deve ser complementar à educação dada pelos pais. A escola, seguindo as sugestões contidas nos P. C. Ns. , deve informar e explicitar os conteúdos inclusos na orientação sexual aos familiares dos alunos.

A enunciação contida nos P. C. Ns. aponta para um caminho normativo da sexualidade, ao não levar em conta a importância das fantasias considerando-as necessariamente negativas, ou ainda, das teorias sexuais infantis que são, segundo Freud, elemento constituinte da sexualidade infantil. A curiosidade sexual motivada pela pulsão epistemofílica (Wissenstrieb) leva a criança a construir, sob a forma de fantasias, as diversas explicações para a sua origem. Tais fantasias reafirmam a

primazia da organização pré-genital infantil que desconhece a importância do sêmen, assim como da vagina para a reprodução.

Apesar de reconhecer a importância da curiosidade infantil em relação à sexualidade e a satisfação dessa curiosidade, o P. C. Ns. entende que a não-satisfação gera ansiedade e tensão. Daí a importância de se abrir espaços onde as crianças possam esclarecer dúvidas e formular questões que “contribuam para o alívio das ansiedades que muitas das vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares” (PCN 10, p.114). Neste ponto, podemos compreender a preocupação implícita nesta proposta do M.E. C que o interesse pela sexualidade, quer seja pelas crianças, quer seja pelos adolescentes, suplante o interesse pelos conteúdos escolares trazidos pelas diversas disciplinas. Dessa forma, a Orientação Sexual se afirma como um projeto que se liga à promoção da saúde. Todavia,

A lógica da promoção da saúde é direcionada para que os indivíduos descubram seu verdadeiro estado de saúde, para que revelem sua posição moral e para que, de fato, modelem seus verdadeiros "eus" por meio de estratégias de gerenciamento corporal (LUPTON, 1976, p.23).

A saúde passa a ser concebida como uma meta a ser atingida por ações intencionais, envolvendo restrições no sentido de um autocontrole e das diversas estratégias de se manter os cuidados com o corpo. Entretanto, os cuidados com o corpo estão, na atualidade, diretamente ligados à idéia de risco dada à ênfase nas estatísticas que relacionam estresse, obesidade, sedentarismo, fumo e álcool ao risco de enfarto, assim como as D.S. Ts. e o câncer. O que se promove então, é a idéia de uma saúde ótima e que se liga à noção de performance e desempenho, rumo à obtenção de prazer. Nesse sentido, o corpo na atualidade passa a ser algo que se

consome e por isso sua manutenção e cuidados são os objetivos das políticas do cuidado de si.

È nesse sentido que podemos entender a preocupação do M. E.C. contida nas observações dos P.C. Ns. quanto à Orientação Sexual nas escolas. O que se espera, a partir deste documento, será o surgimento de sujeitos controlados no que se refere à maneira de viver sua sexualidade e que incorporem a mentalidade preventiva e a pratiquem sempre. Evitar os riscos é seguir a norma, a regularidade e comportamentos padronizados. Os desvios são condenados, entretanto, o sucesso da estatística não se dá apenas pela capacidade de previsão e cálculo, mas pela possibilidade de se padronizar as situações de risco, estabelecendo-se assim regras. Ao apontar para os desvios, reforça-se a norma e seus valores. Os valores a serem preservados na atualidade são aqueles diretamente ligados aos cuidados de si e que implicam em responsabilidade. Consumir com parcimônia, calculando as calorias a serem ingeridas, ser belo e jovem representa os ideais estéticos da atualidade, como também incutir a noção de responsabilidade nas práticas sexuais e assim estabelecer o nexos perigoso entre decisão e prazer.

Os alarmantes índices de gravidez em adolescentes e a disseminação da Aids reafirmam a importância dos cuidados de si, com o corpo, justificando dessa forma as inúmeras campanhas de prevenção. As idéias subjacentes nestas campanhas estão ligadas às noções de risco e responsabilidade, assim como de uma sexualidade normatizada.

Entretanto, como bem nos alertou Freud, tanto a sexualidade quanto o desejo não se deixam cair nas malhas da disciplinarização generalizada. A pedagogia dos corpos é o caminho traçado para ser seguido quando as escolas trazem a discussão da

sexualidade para dentro de seus muros? Assim, na modernidade a sexualidade foi enclausurada sob o manto do pecado. Nas escolas, muitas das vezes a encontramos grifada nas paredes ou nas portas dos banheiros. Ainda hoje, em muitas escolas este é o único lugar consentido para que a sexualidade marque a sua presença. Na perspectiva traçada por Lupton “levar algo ao conhecimento público serve para torná-lo mais acessível ao controle e à vigilância” (LUPTON, 1976).

Na atualidade, a exposição do corpo trouxe à baila um “novo olhar” para a sexualidade que parece implicar não mais na docilização do corpo. O controle e a vigilância foram suplantados. Reconhecemos hoje a sexualidade, a liberdade sexual, assim como o direito ao sexo e a livre escolha do parceiro. O corpo foi literalmente desvelado. Entretanto, a libertação do corpo trouxe consigo a necessidade de sua preservação que se exprime através dos cuidados de si. Assim, se o prazer já não traz consigo as noções de culpa e pecado, as insígnias que identificavam a sociedade disciplinar, hoje ele encontra-se cercado pela idéia de responsabilidade.

Dessa forma, a discussão da sexualidade dentro das salas de aula faz parte de uma política que vem associar educação à saúde. À proposta contida nos P. C. Ns. liga-se a uma série de projetos patrocinados pelo Ministério da Saúde, como os programas de atenção e atendimento a jovens gestantes, assim como a diversos programas ligados a prevenção das D.S.Ts, através da distribuição de preservativos e esclarecimentos a respeito dos diversos métodos anticoncepcionais.

No campo da educação, o objetivo maior é a formação e a conscientização da importância dos cuidados de si através do cálculo dos riscos, prever situações a fim de que o sujeito possa, a partir daí, decidir. Nesse sentido, a orientação sexual nas

escolas, além de promover a noção de autocuidado, visa também o exercício dos direitos de cidadania.

## **2.7 Sexualidade e educação**

Instituição moderna por excelência, a escola certamente, por sua tradição iluminista, se fundamenta na idéia que o conhecimento científico tem um potencial libertador. Entretanto, no tocante à sexualidade, qualquer criança sabe que nos manuais de educação sexual encontrarão unicamente explicações que contemplam o sexo como coisa biológica. Esses manuais fornecem apenas a ilusão de saber, pois geralmente são enciclopédicos e não levam em conta os demais aspectos ligados à sexualidade, principalmente aqueles ligados ao prazer. Nesse caso, destituída de qualquer idéia que estabeleça uma relação entre sexualidade e prazer, crianças e adolescentes serão conduzidos, via educação, a seguirem os caminhos trilhados pelos deveres e não pelos prazeres, ou seja, a seguirem os caminhos do sacrifício, da obediência, da disciplinarização e da resignação, o que contribui, segundo Bernardi: “na docilidade e maleabilidade dos educandos” (BERNARDI, 1985 p. 17).

Dada a sua organização e estrutura, a escola, enquanto instituição social pode tender a homogeneizar os diversos aspectos culturais, principalmente na sala de aula, local onde diferentes aspectos que configuram a cultura estão presentes. Como conseqüência, a sala de aula pode representar as diversas tensões, conflitos e contradições, tais quais aquelas que encontramos na própria sociedade.

No tocante à sexualidade, a escola tornou-se, na atualidade, um campo fértil onde crianças e adolescentes reeditam suas fantasias, desejos, conflitos, crenças e valores,

além dos diferentes papéis sociais que implicam na construção de suas identidades, inclusive a identidade sexual. E para tal, uma gama de educadores vem recorrendo à psicanálise, por exemplo, para buscar subsídios a fim de que possam melhor compreender a complexa questão que envolve a sexualidade humana, visto que a psicanálise fez da sexualidade um dos conceitos fundamentais dentro de sua teoria.

Muito são os educadores que crêem que a psicanálise tem algo a dizer quando se trata da articulação entre sexualidade e escola. No entanto, a psicanálise parte da premissa de que há uma antinomia, uma contradição entre a sexualidade e o saber de seu objeto, conforme Freud salientou ao dizer que a sexualidade, não podendo ser domesticada, escapa ao domínio do conhecimento científico, ao tentar torná-la objeto de estudos da sexologia, por exemplo.

A pedagogia, como todo e qualquer conhecimento científico se apropriou de alguns pontos do saber psicanalítico para afirmar o sentido evolutivo da sexualidade a partir das zonas erógenas, o que poderia ter contribuído em tornar a psicanálise “uma caricatura da psicologia do desenvolvimento” (SOUZA, p. 11). Nesse sentido, o que se vê nesta afirmação são os efeitos dos aspectos ligados à própria divulgação da psicanálise e da maneira como os saberes instituídos lidam com o novo. Quando se trata de pensar os problemas de sala de aula, os conceitos oriundos da psicanálise são freqüentemente postos em dúvidas, ou ainda, sua contribuição é revestida de um forte ceticismo. Todavia, a psicanálise foi, em parte, responsável pelo fato de se levantar nas escolas o tabu envolto na questão sexual ao ressaltar a importância de se acolher às dúvidas e curiosidades que as crianças têm sobre a sexualidade, levando em conta o seu interesse pelo tema. Freud já em 1905 falava da pulsão epistemofílica e da curiosidade infantil para os temas ligados à sexualidade e as origens.

Banalizadas e muitas das vezes, restritas as informações ligadas à fisiologia do aparelho reprodutor, a maioria das informações obtidas em sala de aula referem-se a sujeitos abstratos, teóricos, objeto de estudo das ciências e não a sujeitos dotados de uma existência, portanto dotados de uma história e atravessados pelo desejo. Isto pode fazer com que essas informações não sejam consideradas de utilidade pelos adolescentes em sua vida sexual, ou ainda, que essas informações possam ser vista como irrelevantes. E dessa forma, deixam-se de lado as múltiplas dimensões da construção das identidades entre os adolescentes as quais estão ligadas às questões de: gênero, cor, raça, religião, classe social, entre outras.

Todavia, a escola veio engrossar as fileiras da produção discursiva sobre o sexo, definido por Foucault como “genealogia do sexo” que envolvem os mecanismos da trama saber/poder/prazer sobre a sexualidade. Esta produção se traduz na atualidade à importância dada aos cuidados com o corpo, o que levou a implementação da Orientação Sexual nas escolas. Entretanto, nas escolas, ainda são poucos os que se habilitam em lidar com um tema ainda muito considerado espinhoso. Conforme a visão de Guirado,

Institui-se mais uma vez o discurso sobre o sexo, regula-se e seqüenciam-se as oportunidades de seu surgimento. Fala-se da relação sexual, de homossexualismo, de namoros e ‘rolos’, e o prazer ou o desprazer se produz sob a guarda desses arautos. (GUIRADO, 1997 p. 34).

Para a autora tal afirmação não deve ser tomada como uma crítica, ou mesmo um julgamento condenatório da escola. Trata-se apenas de uma constatação. Para esta, a escola é considerada como uma instituição que repete determinadas práticas sociais e

ao repetir, legítima. E com isso naturalizam-se as práticas, o que faz com que se desconheça que necessariamente não precisam ser assim, que poderia haver outros meios ou outros modos de lidar com a questão da orientação sexual nas escolas. Por um lado, a autora salienta que a excessiva importância dada à sexualidade pode estar servindo de “pano de fundo” para as questões estruturais do ensino em nosso país, tais como: a evasão escolar, a deterioração dos equipamentos, a falta e estímulo no funcionalismo público, etc.; por outro, encontramos os defensores desta iniciativa do MEC ao entenderem que a cidadania se exerce a partir da exposição e esclarecimento dos conflitos sociais que têm na orientação sexual e nas políticas de prevenção as D.S. Ts. um importante fator de exercício de cidadania.

Entretanto, numa instituição não nos defrontamos apenas com as questões ideológicas ligada à reprodução e a corporificação de determinadas práticas. É preciso atentar para o fato de que estas práticas implicam em discursos e para os efeitos que estes discursos produzem nos diversos agentes que compõem o universo escolar. Assim, uma “instituição se define como um conjunto de práticas conflitantes — ora divergentes, ora complementares — entre os seus atores concretos, que a constituem praticando-a” (AQUINO, 1996, p.17).

Quanto à adolescência, a atual preocupação com os cuidados de si remete à idéia de que houve um tempo em que a adolescência era sinônimo de tranquilidade. Na atualidade, esta passou a ser alvo das preocupações de pais e educadores, pois os adolescentes passaram a ser significados como intrinsecamente descuidados, o que fez merecer todo esse esforço pedagógico para torná-los cuidadosos e responsáveis, justificando a importância dos modelos, formas e maneiras de prevenção. Além de serem considerados descuidados, os adolescentes também são considerados imaturos,

por oposição à idéia de maturidade e responsabilidade adulta. Não é por acaso, conforme observa Peralva (1997), que parte considerável da sociologia da juventude constituir-se-á como uma sociologia do desvio. Segundo a autora, nesta perspectiva: “jovem é aquele que se integra mal, que resiste a ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo”. E com isso, buscou-se circunscrever e mapear os grupos de risco, visando à criação de políticas que tendem a ser discriminatórias e segregacionistas para aqueles que não se adequarem aos parâmetros de normalidade.

Nesse ponto, educação e política se irmanam à medida que a educação, ao longo dos tempos, sustentadas em determinadas práticas, se arrogou no direito de ensinar aos pais a como ensinar a seus filhos, a predizer comportamentos, etc. e, com isso, a escola pretendeu ampliar o seu domínio e campo de atuação até se confundir com toda a educação possível numa sociedade, o que inclui a sexualidade, suas condutas e relações afetivas. Todavia, essas práticas deixam de levar em conta uma importante questão: como os comportamentos são gerados e o que os alimenta? A resposta a essa pergunta dará condições de se propor alternativas em diferentes focos, buscando a criação de mecanismos que favoreçam e facilitem o diálogo para auxiliar os jovens a enfrentar as questões ligadas aos cuidados de si e as situações que envolvem riscos. É importante salientarmos para o fato de que as estratégias de controle sobre a sexualidade vêm se apresentando um tanto quanto problemática, deixando algum tipo de marca que muitas das vezes são significadas como sinal de insucesso nos caminhos de seu combate e que vem exigindo a cada dia, por parte dos educadores, uma constante reflexão no planejamento e adequação destas estratégias.

Nos anos sessenta, autores como H. Marcuse (1972) ligados à Escola de Frankfurt estabelecem uma crítica à concepção freudiana que afirma ser a moral sexual

civilizada uma das principais responsáveis pela neurose. O pensamento libertário dessa década inspira o movimento hippie, apregoando a tese de que o amor e a sexualidade eram necessariamente positivos, e a repressão negativa e destruidora. Esqueceu-se de que há formas destrutivas de amor e que em muitas das vezes a repressão se torna necessária. Lembremos, mais uma vez, a tese freudiana que afirma que a edificação da cultura se faz a partir da repressão, a partir da sublimação das pulsões que se encontram a serviço da pulsão de morte.

Por outro lado, a psicologia, inspirada na psicanálise, irá criticar pais e professores pela falta de limites dados às crianças e aos jovens. Estes estavam se tornando extremamente egoístas, salientavam os efeitos nocivos de tais atitudes, pois forçosamente contribuiria para uma futura fragilização psíquica, tornando-os irresistíveis ao apelo das drogas, ou ainda, que a falta de limites também seria o responsável pela falta de ética e de respeito mútuos e pela pouca importância que os jovens dão aos cuidados de si, no que diz respeito à sexualidade, entre outras críticas que produziram uma série de efeitos psicologizantes.

A escola ao tentar acolher e responder às diversas demandas sociais, forçosamente fracassará. A percepção de uma sexualidade saudável que é oferecida às crianças e jovens dentro e fora da escola, muitas vezes tende a ser normatizante. Aos professores, no dizer de Souza: “não são capazes de produzir futuros adultos felizes na sua vida amorosa; são capazes, no entanto, de ensinar alguns conteúdos, dentro da tradição em que a escola está enraizada” (SOUZA, 1997, p.22).

Sob a perspectiva dos relacionamentos amorosos entre os adolescentes, Silva (2002) afirma que as manifestações sexuais e amorosas proclamadas como ideais são reflexos das transformações sociais e culturais que os indivíduos vivem. Segundo a

autora, a observação de algumas atitudes e comportamentos relacionados à vida amorosa e sexual entre os adolescentes, na área educacional, trouxe como indagação o fato de que estes desconhecem as questões envolvidas com a sexualidade, assim como das mudanças corporais pelas quais passam e que envolvem os cuidados de higiene e prevenção das doenças.

Quanto às escolhas amorosas, a autora sustenta a tese de que fatores culturais, ideológicos, sociais, políticos e econômicos, principalmente, constituem requisitos importantes no processo das escolhas. Dessa forma, as escolhas amorosas são sobredeterminadas por condições sócio-históricas.

Dos arranjos feitos pelos pais a fim de que determinadas tradições fossem perpetuadas, aos dias de hoje, onde as escolhas amorosas tendem cada vez mais ser uma opção individual (estas não deixam de sofrer a influência das vicissitudes do mundo moderno, apregoado através da mídia), dos passeios nos parques, do namoro nas janelas, as regras do namoro foram transformadas pelas exigências da vida moderna. Hoje, os adolescentes se encontram nas “baladas” para “ficar”. O significativo ficar não é sinônimo de namoro. Namorar implica em compromisso, o “ficar” em contingência, em descompromisso, característica marcante dos relacionamentos afetivos, na atualidade. Fica-se, muitas das vezes, com quem não se conhece e com isso, aumenta-se à importância da necessidade dos cuidados de si, da importância e uso de preservativo nos relacionamentos sexuais, seja da parte dos meninos, ou mesmo das meninas. A ênfase e a preocupação dos pais e educadores se acentuam nas questões que envolvem riscos e para tal é preciso uma maior conscientização da população, daí a importância da participação da escola nesta “cruzada moderna”, à

medida que a escola tornou-se um lugar privilegiado de produção e transmissão das políticas preventivas que tem o corpo e os cuidados de si como alvo.

A autora observa uma mudança significativa, através dos anos, nos padrões e atitudes sexuais e amorosas entre os adolescentes, desde o próprio namorar, o relacionamento sexual e o casamento. Crianças e adolescentes aprendem desde cedo a se comportarem segundo modelos pré-estabelecidos socialmente. Cada vez mais cedo as crianças e os jovens são levados, seja na escola, na rua e bairro onde moram, a “arrumar um namoradinho”, muitas das vezes sob a influencia dos pais que vêem tais comportamentos como algo natural.

Mais tarde, regras e normas passam a regular e normalizar as atitudes e manifestações amorosas entre os adolescentes. Estas transparecem de forma claramente interiorizada, refletindo os padrões exigidos e imposta por regras sociais, cuja educação, através da escola, tem como missão transmitir e muitas das vezes reforçar. Entretanto, o movimento de transgressão às normas e regras sociais subsiste dentro dos padrões exigidos, marcando, dessa forma, o conflito de gerações e as significativas transformações na cultura.

Mais do que o conflito de gerações, o que se pode observar na atualidade é a situação de vulnerabilidade a que estão submetidos os adolescentes diante das questões que envolvem riscos, o que fez com que surgissem atitudes ligadas ao campo da prevenção, no cenário do amor.

A princípio, o debate sobre quem caberia informar aos jovens a respeito da sua sexualidade ficou a cargo da Igreja Católica e sua moral conservadora muito em função da prevenção à sífilis, no início do século XX. Na atualidade, o desafio maior está centrado na questão da saúde sexual e reprodutiva, representado pelo avanço da Aids

e gravidez precoce. Esta questão, a preocupação com a saúde sexual e os aspectos ligados à prevenção das D.S.Ts. estão contidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais

A abordagem preventivista tenta dar conta e determinar mudanças de comportamento e atitudes, uma vez que está calcada na perspectiva de que se sabe e deve-se dizer para o outro, o que é o melhor e qual atitude tomar. A opção deste modelo de prevenção se dá muitas vezes pela opção normativa e não por um entendimento que rege o comportamento dos indivíduos e das peculiaridades da constituição e funcionamento dos grupos, assim como ao não se levar em conta os diversos aspectos que envolvem as escolhas amorosas entre sujeitos do mesmo sexo, fruto de discriminação e pré-conceitos.

Conforme observa Lopes Louro:

Para aqueles e aquelas que se reconhecem nesse lugar, 'assumir' a condição de homossexual ou bissexual é um ato político e nas atuais condições, um ato que pode o alto preço da estigmatização (LOURO, 2000, p. 31).

A autora afirma que, curiosamente e de forma paradoxal, as instituições e os indivíduos precisam desse "outro" subjugado para se afirmar e se definir, pois sua afirmação se dá de forma dialética, ou seja, se dá à medida que estas identidades alternativas, mesmo quando excluídas ou negadas, permanecem ativas, constituindo numa referência para a identidade heterossexual. Assim, diante da "diferença" e em contraposição a ela, a identidade hegemônica se sustenta e se afirma também na escola. As demais, ao emergirem publicamente, denunciam a instabilidade e a fluidez das identidades sexuais, por isso são consideradas perigosas ou, ainda, ameaçam o frágil modelo normativo, heterossexual.

Entretanto, por mais que se queira negar, estas questões habitam cada vez mais o imaginário das salas de aula. O tema sexualidade e suas nuances adentraram a escola e hoje está sentado nas cadeiras das salas de aula. Não mais calado, restrito, apenas se apresentando nos rabiscos e desenhos das paredes e portas dos banheiros, mesmo assim sob severa vigilância.

Na atualidade, o desnudamento do corpo implicou na ênfase do binômio sexualidade/corpo ao se reafirmar a idéia do corpo como morada da sexualidade. No atual mundo globalizado, onde as informações e não o conhecimento circulam com grande velocidade atingindo lugares cada vez mais distantes, o isolamento geográfico e cultural tende a diminuir, criando dessa forma modelos culturais híbridos. À escola, coube a missão de derrubar os inúmeros muros materiais e simbólicos construídos ao longo dos tempos.

A temática da orientação sexual foi, sem sombras de dúvidas, uma forma que a escola encontrou para atravessar as muralhas a ela imposta. O típico da aprendizagem humana não é a assimilação das coisas do mundo, mas a troca com outras consciências e sensibilidades. Entretanto, é comum afirmar que os jovens vivem em outro mundo, que há um grande abismo entre o mundo dos adultos e mundo dos jovens. Um desafio que se apresenta ao campo educacional é o de conseguir os “vistos” e “passaportes” que possibilitariam o diálogo e o compartilhamento dos diversos sentidos dados pelos adolescentes às suas questões. Mas será, principalmente, na condição de adultos significativos para o aluno, que o professor terá condições de tornar-se um interlocutor confiável, resguardando os interesses e a faixa etária em função de suas capacidades cognitivas.

Uma possibilidade de diálogo se daria através da diminuição da intensidade da “pedagogização” que invade o cotidiano das salas de aulas, em benefício da maior atenção aos demais sentidos que circulam pelos espaços escolares. Outra alternativa possível seria aquela em que os educadores passassem a considerar aquilo que os adolescentes têm a dizer, compreendessem os diversos aspectos que influenciam na determinação das suas escolhas e opções sexuais, o que tornaria possível diminuir os abismos e estereótipos que caracterizam a adolescência e, com isso, poder fazer da escola não apenas um lugar de transmissão de conteúdos, de aprender coisas, mas um lugar de produção de novos sentidos.

Para trabalhar com adolescentes, um caminho possível a ser trilhado será aquele que segue o processo de “subjetivação de conhecimento”, o que transforma conhecimento em caso pessoal. Nesta perspectiva, abre-se uma série de vias possíveis para a realização deste propósito. Uma delas é aquela que pode ser criada a partir de um vínculo interpessoal entre professores e alunos suscetível de contaminar os conteúdos transmitidos ao fazer com que esses conteúdos tenham relação com a vida cotidiana do jovem aprendiz. Com isso, a significação ou a ressignificação da própria sexualidade será possível a partir do momento em que a escola e a sala de aula também sejam ressignificadas, passando a se constituírem num verdadeiro espaço democrático onde opiniões, incertezas, divergências e principalmente diferenças possam ser consideradas, discutidas e aceitas.

# 3

## ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO

### **3.1 Características das escolas e dos sujeitos pesquisados**

Conforme indicamos na introdução, para investigarmos a participação da escola na produção da identidade sexual do adolescente, fizemos uma pesquisa de campo que utilizou um questionário misto composto por onze perguntas (ANEXO A). Nas questões fechadas fizemos um levantamento percentual simples e nas que pediam justificativas, optamos pela análise quanti-qualitativa. Nas questões abertas fizemos uma análise qualitativa das respostas dos sujeitos. O questionário foi aplicado em alunos da 7ª série do ensino fundamental de duas escolas, uma da rede pública estadual, e outra, uma escola particular.

A utilização deste instrumento de pesquisa permitiu analisar as respostas e as justificativas dadas por um número expressivo de alunos dessas duas escolas. Buscamos privilegiar os discursos dos participantes da pesquisa, pois estes representam o universo de jovens em cuja faixa etária situada entre os 13 e 17 anos, afloram as questões acerca da sexualidade. A escolha e aplicação dos questionários possibilitaram a participação de um maior número de alunos de ambas as turmas, o conhecimento de suas características e a avaliação qualitativa de suas respostas.

Apresentamos a seguir as tabelas referentes ao sexo, idade e o número de alunos de cada escola.

**Tabela 1**  
**Faixa Etária e Número de Alunos**  
**Escola Pública — Masculino**

MASCULINO	IDADES	Nº. DE ALUNOS
	13	09
	14	02
	15	03
<b>TOTAL</b>		<b>14</b>

**Tabela 2**  
**Faixa Etária e Número de Alunos**  
**Escola Pública — Feminino**

FEMININO	IDADES	Nº. DE ALUNOS
	12	01
	13	19
	14	04
	15	04
<b>TOTAL</b>		<b>28</b>

<b>ESCOLA PÚBLICA</b>	<b>TOTAL DE ALUNOS</b>	<b>42</b>
-----------------------	------------------------	-----------

**Tabela 3**  
**Faixa Etária e Número de Alunos**  
**Escola Particular — Masculino**

MASCULINO	IDADES	Nº. DE ALUNOS
	12	02
	13	18
	14	01
	16	01
<b>TOTAL</b>		<b>22</b>

**Tabela 4**  
**Faixa Etária e Número de Alunos**  
**Escola Particular — Feminino**

FEMININO	IDADES	Nº. DE ALUNOS
	13	14
	14	05
	15	01
<b>TOTAL</b>		<b>20</b>

<b>ESCOLA PARTICULAR</b>	<b>TOTAL DE ALUNOS</b>	<b>42</b>
--------------------------	------------------------	-----------

Conforme as tabelas acima, em ambas as escolas, encontramos o maior número de alunos na faixa etária dos 13 anos, totalizando 84 alunos de ambos os sexos.

A análise qualitativa foi feita através da extração de um conjunto de categorias temáticas, a partir das regularidades nos discursos dos sujeitos (BARDIN, 1979). A escolha desse tipo de categorização deu-se em função das recorrências temáticas surgidas ao longo da análise, para que a seguir viéssemos analisar o sentido do discurso a partir do material empírico. Essa técnica de análise, segundo Bardin, procura estabelecer os determinantes que implicam “as condições de produção e o sistema lingüístico” a fim de que seja possível descobrir a estrutura organizadora deste discurso (BARDIN, 1979, p, 215).

A princípio, os alunos foram reunidos em pequenos grupos de cinco. A cada grupo foi oferecido um exemplar do questionário para uma breve leitura e discussão do mesmo, durante quinze minutos, aproximadamente. A seguir, solicitamos as respostas de forma individual. Os alunos, em ambas as escolas, foram bem receptivos à tarefa solicitada, respondendo a todas as questões. Eventualmente, foi requisitada a nossa intervenção para algum esclarecimento em relação às perguntas. É importante salientar a colaboração da coordenação de ambas as escolas na realização desta pesquisa.

A clientela da escola pública é composta por alunos oriundos de diversos bairros do município de São Gonçalo, tais como: Brasilândia, Boassu, Zé Garoto, Santa Catarina, Gradim, Bairro Vermelho, Mutuá. A escola encontra-se localizada no centro do município e seu alunado representa famílias de baixo/médio poder aquisitivo. A escola particular tem sua clientela basicamente composta por alunos residentes no bairro de Icaraí e nos demais bairros adjacentes, como Santa Rosa, Ingá e Centro.<sup>2</sup> Seu alunado representa famílias de classe média alta, elevado poder aquisitivo e bom nível de instrução.

---

<sup>2</sup> Doravante designaremos a escola particular por PA e a pública por PU.

A escola particular faz parte de uma rede de ensino composta de três unidades, uma localizada no município de São Gonçalo e as outras duas localizadas em um bairro da zona sul e na região oceânica, em Niterói.

As duas escolas foram escolhidas por representarem escolas tradicionais, o colégio estadual é uma instituição centenária que se dedica à formação de professores para o magistério de primeiro e segundo grau. A escola particular possui turmas desde o ensino fundamental à 3ª série do ensino médio.

Segundo as informações obtidas através do Projeto Político Pedagógico, a escola particular prima pela formação de um indivíduo versátil, pensante e, acima de tudo, humano na essência, ciente de seu dever de modificar o mundo. Tem como compromisso contribuir de forma construtiva ao futuro daqueles que com eles estiverem.

A filosofia educacional da escola é inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, sem discriminação de raça, credo ou ideologia política, procurando cultivar nos educandos os fundamentos de moral, civismo, da cultura e da civilização, em consonância com a participação na missão de educar, outorgada pelos pais.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a escola, em relação ao ensino fundamental tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades, através de uma preparação científico-cultural que conduz ao perfeito entrosamento na comunidade e no mercado de trabalho.

No período em que realizamos esta pesquisa, a escola havia mudado de local, abrigava-se num prédio que havia sido de uma outra escola. Nesse momento, a escola estava passando por uma transição, com uma nova coordenação e com a ausência de

alguns membros da antiga direção acadêmica. O projeto político pedagógico estava sendo reformulado para se adaptar à nova realidade. A temática ligada à orientação sexual não era a preocupação central da escola, apesar de estar presente em sala de aula.

O Projeto Político Pedagógico da escola pública segue as determinações da Secretaria Estadual de Educação a quem se encontra diretamente subordinada. Segundo o regimento das unidades da rede pública estadual de ensino, a escola pública encontra-se pautada nos princípios da legalidade, da impessoalidade, da igualdade, da liberdade e da solidariedade. A educação escolar visa o pleno desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, à formação necessária ao exercício da cidadania e à preparação básica para o trabalho.

As escolas ligadas à rede pública estadual do ensino médio têm por objetivo:

- a) Dar condições de acesso ao conhecimento sistemático e universal, bem como dos fundamentos científico-tecnológico dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática nas áreas curriculares;
- b) Estimular o aprimoramento pessoal e social do aluno, com ênfase na formação ética e no desenvolvimento da autonomia;
- c) Garantir a preparação básica do aluno para o trabalho e exercício da cidadania;
- d) Estimular o desenvolvimento da atitude crítica-reflexiva, do espírito de investigação, da criatividade e da solidariedade;
- e) Proporcionar a compreensão e a utilização dos conhecimentos das áreas de Linguagens, Códigos e suas tecnologias, Ciências da Natureza, Matemática e

suas tecnologias e Ciências humanas e suas tecnologias possibilitando o prosseguimento de estudos.

À direção da escola compete planejar, dirigir, supervisionar e avaliar a ação global de educação e ensino no âmbito da educação escolar, além de zelar pelo cumprimento das normas legais e da política educacional definida pela Secretaria de Educação e Cultura. Cabe a esta, além das tarefas supra citadas, elaborar e executar as propostas pedagógicas da unidade escolar, entre outras atribuições.

A escola estadual funciona em três turnos, com aproximadamente cinco mil alunos. Segundo informações obtidas através da coordenadora pedagógica do turno da tarde, a escola é muito grande, muito diversificada, possuindo um trabalho de tele-educação infantil, no primeiro e no segundo segmento, além do curso normal. Informa ainda, que o projeto político pedagógico engloba a escola como um todo, a parte pedagógica, administrativa e funcional. Segundo a orientadora o P.P.P. é um documento exigido pela fundação que avalia as escolas e é um dos itens constantes em sua avaliação.

Quanto à abordagem da temática da sexualidade na escola estadual, sua coordenadora diz que esta se insere de acordo com os Parâmetros Nacionais Curriculares e que compete ao professor em sala de aula, de acordo com sua sensibilidade e da maneira como ele planeja suas aulas, inserir esse tema.

### **3.2 Análise quantitativa — os dados percentuais**

Como indicamos anteriormente, quantificaremos as perguntas dos questionários que permitiram respostas objetivas. Os percentuais apurados foram feitos através do número de respostas dadas a cada pergunta a partir das opções apresentadas aos alunos, dividido pelo número total de alunos por sexo de cada escola, uma vez que há uma diferença no número de meninos e meninas nas duas instituições<sup>3</sup>. No caso das perguntas que pediam justificativas além das respostas objetivas, fizemos inicialmente um levantamento percentual das mesmas, para complementar a análise categorial temática que será feita no próximo item.

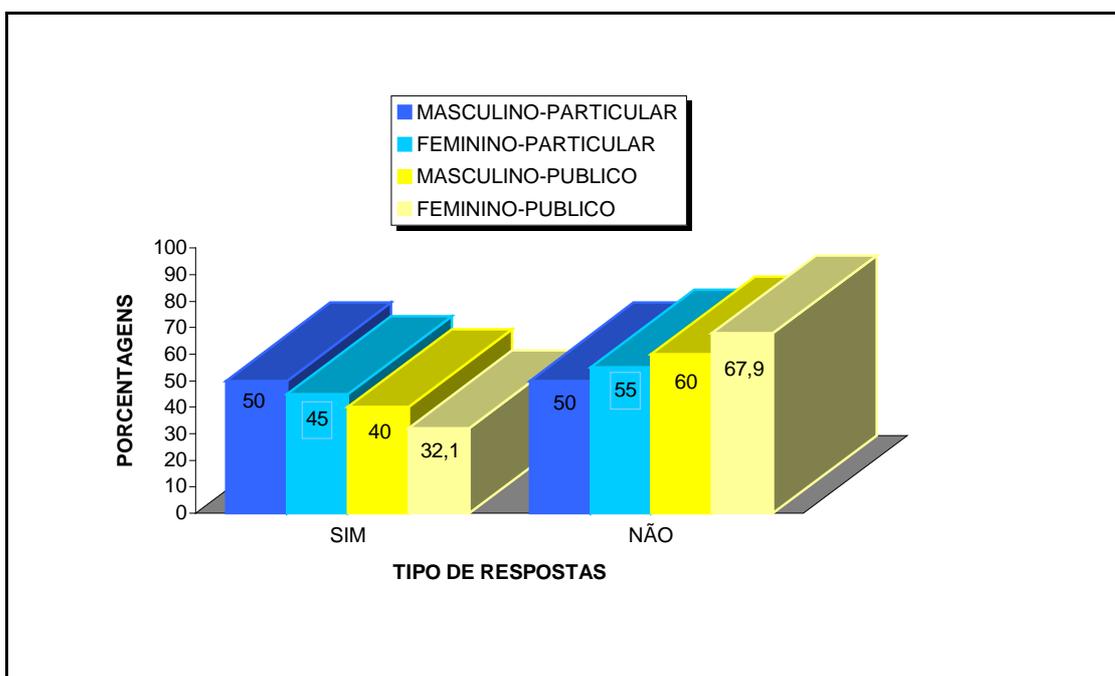
Os gráficos seguintes representam os percentuais simples das respostas dadas pelos alunos divididos por sexo e série de ambas as escolas as perguntas fechadas do questionário

---

<sup>3</sup> Os percentuais foram obtidos através da fórmula:  $(P = (N^{\circ} \text{ de respostas} \times 100) \div N^{\circ} \text{ de total de alunos por sexo})$

## QUESTÃO 1

O tema da sexualidade é abordado em sua escola?



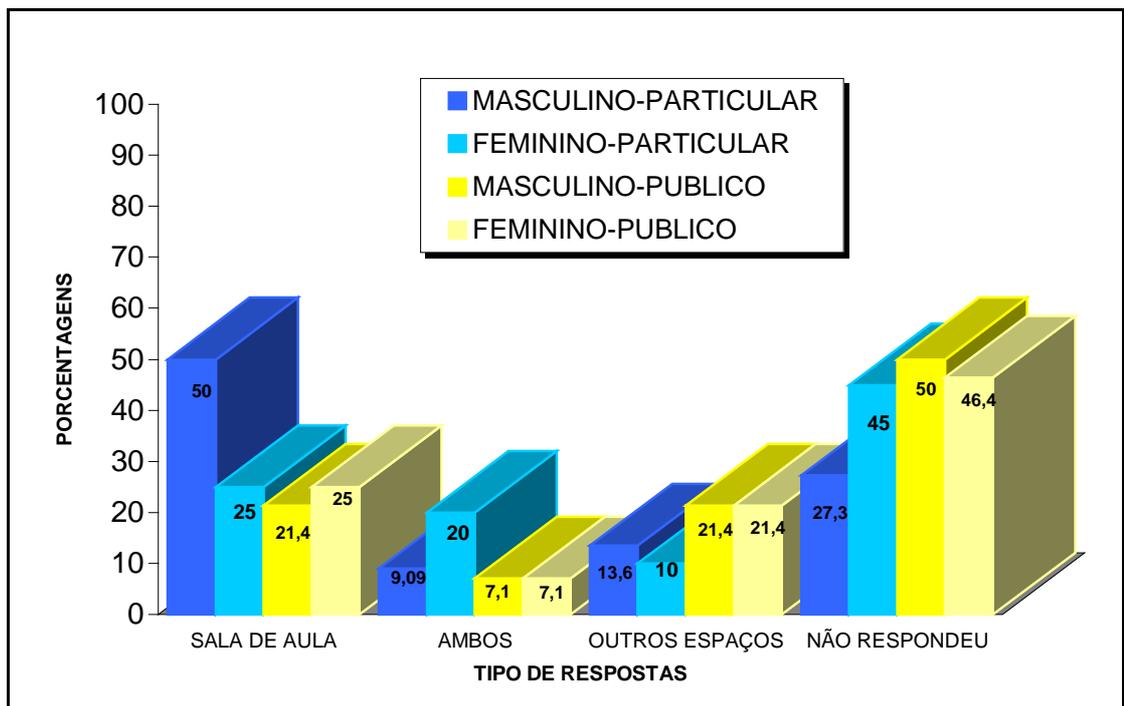
Nesta primeira pergunta constatamos uma divisão harmônica nas respostas dadas pelos alunos do sexo masculino, na escola particular, que se encontram divididos em suas respostas à abordagem do tema da sexualidade na sua escola. Quanto às meninas, da escola particular podemos afirmar que a maioria das alunas negou que a temática da sexualidade seja abordada em sua escola.

Separando as respostas dadas pelos alunos por escolas, verificamos que 67% dos alunos da escola pública dizem que o tema da sexualidade não é abordado e na escola particular 52,4% de seus alunos afirmaram que esta temática não é abordada. Comparativamente ao número de alunos, na escola pública encontramos um número

maior de alunos que responderam que a temática da sexualidade não é abordada. Como se pode observar, em ambas as escolas, o percentual das respostas negativas é maior do que as positivas.

## QUESTÃO 2

Em quais espaços?



Nesta pergunta, 50% dos alunos do sexo masculino da escola particular afirmam que a temática da sexualidade é debatida em sala de aula. Somados aos índices “outros espaços na escola” e aqueles obtidos em “ambos os espaços”, que se referem tanto à sala de aula quanto em outros espaços na escola, totalizamos mais de 90% das respostas. Todavia, 27,3% não responderam a essa questão.

Estes percentuais ressaltam a importância dada à sala de aula como local privilegiado pelos alunos da escola particular para a discussão dos temas ligados à sexualidade. No sexo feminino, o percentual entre “sala de aula”, “outros espaços” e

“ambos os lugares” somou 59%, enquanto 45% não responderam a essa questão. Isoladamente, os percentuais obtidos nas três opções de respostas são menores do que aqueles em que as alunas não responderam a essa questão.

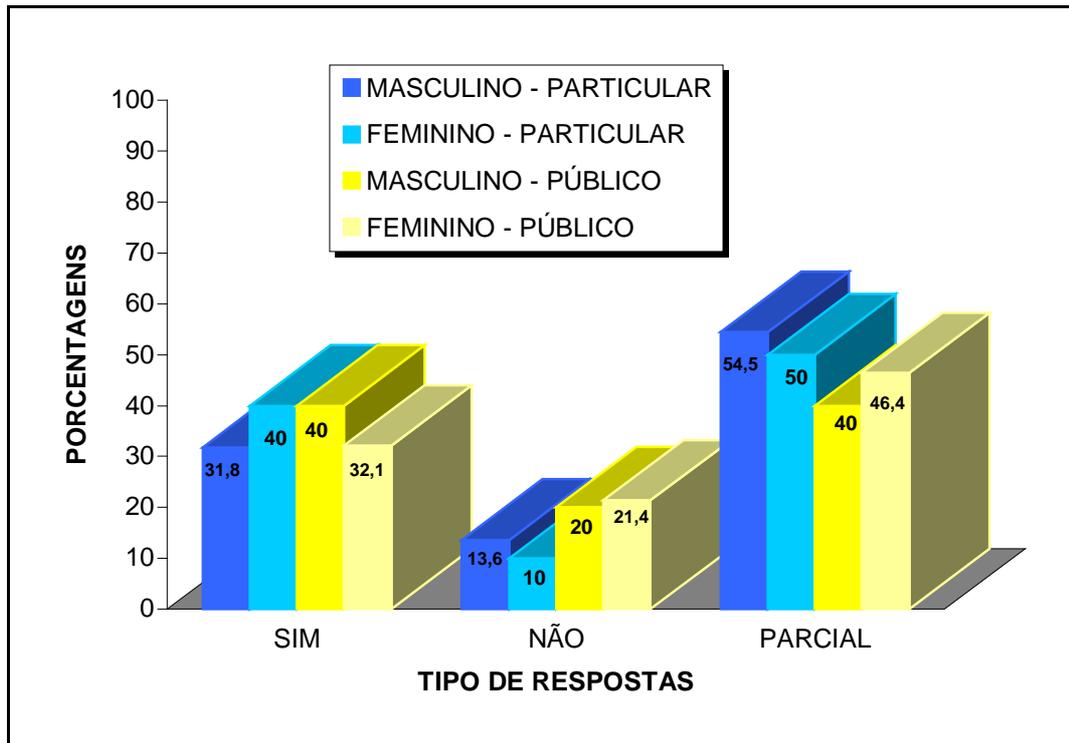
Na escola pública, para os alunos do sexo masculino, 50% responderam que a temática da sexualidade é abordada tanto em “sala de aula” como em “outros espaços” na escola e 50% não responderam a questão. Para 43,5% das alunas da escola pública, a temática da sexualidade é abordada na “sala de aula” e em “outros espaços”. Entretanto, 46,4% das alunas da escola pública não responderam a questão.

Os elevados percentuais obtidos pelos alunos de ambas as escolas que não responderam a essa questão podem ser melhor compreendidos se levarmos em consideração a questão anterior, na qual a maioria dos alunos afirmou, através de suas respostas, que a temática da sexualidade não é abordada em sua escola.

Nas próximas questões, além dos sujeitos terem as opções de respostas “sim”; “não” ou “parcialmente”, solicitamos justificativas. Os percentuais a seguir servirão como complemento à análise qualitativa que será feita no próximo item da dissertação. Em outras palavras, a análise quantitativa será cruzada com a análise categorial temática obtida através das justificativas dos sujeitos.

### **Questão 3**

Você acredita que possui informações suficientes acerca do tema da sexualidade?

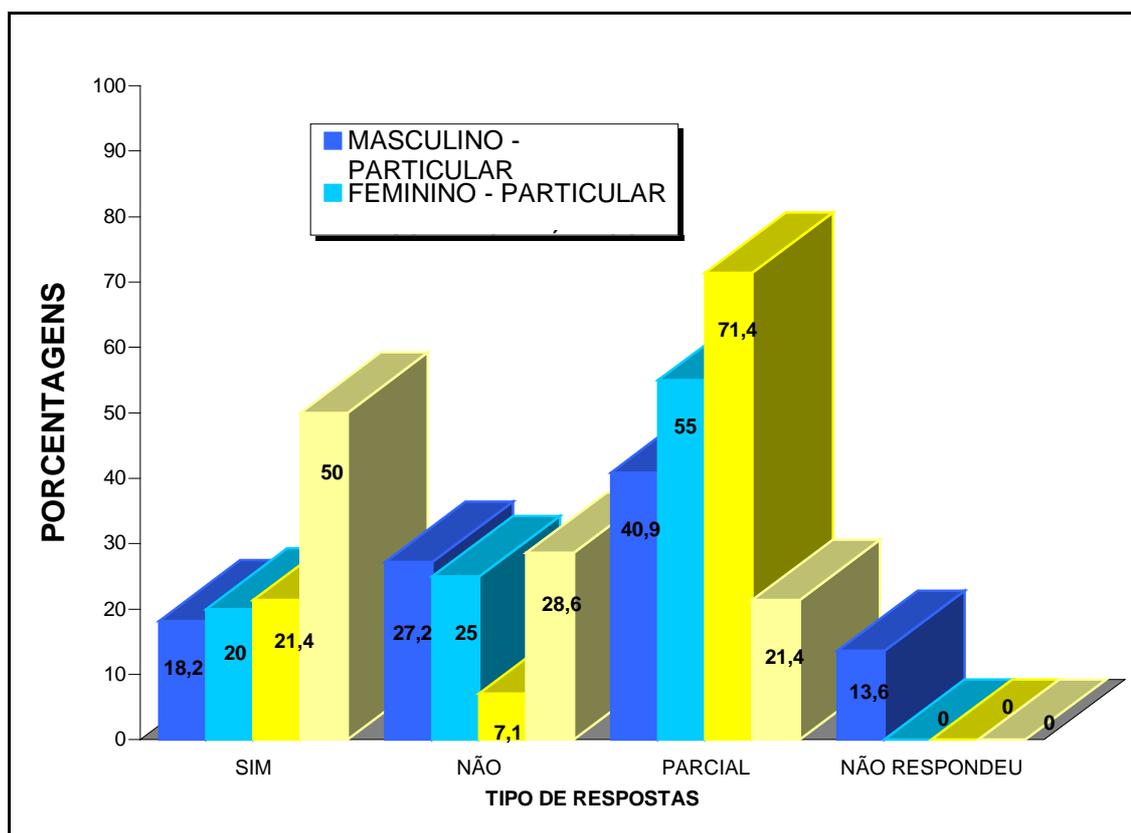


Como se pode observar, nesta questão, alunos e alunas das duas escolas deram respostas majoritárias ao item parcialmente. Se somarmos estes percentuais aos dos alunos que acreditam ter informações insuficientes acerca do tema da sexualidade, podemos dizer que a maior parte dos alunos de ambas as escolas não acreditam ter informações suficientes acerca desta temática. Já o percentual de alunos e alunas que acreditam que tem informações suficientes sobre a sexualidade é semelhante nas duas escolas.

Os índices encontrados nesta questão são compatíveis com a quinta questão do questionário, onde a maioria dos alunos e alunas das duas instituições indica que o objetivo da educação sexual na escola não é atingido ou é atingido parcialmente.

## Questão 5

Você acha que este objetivo é atingido?

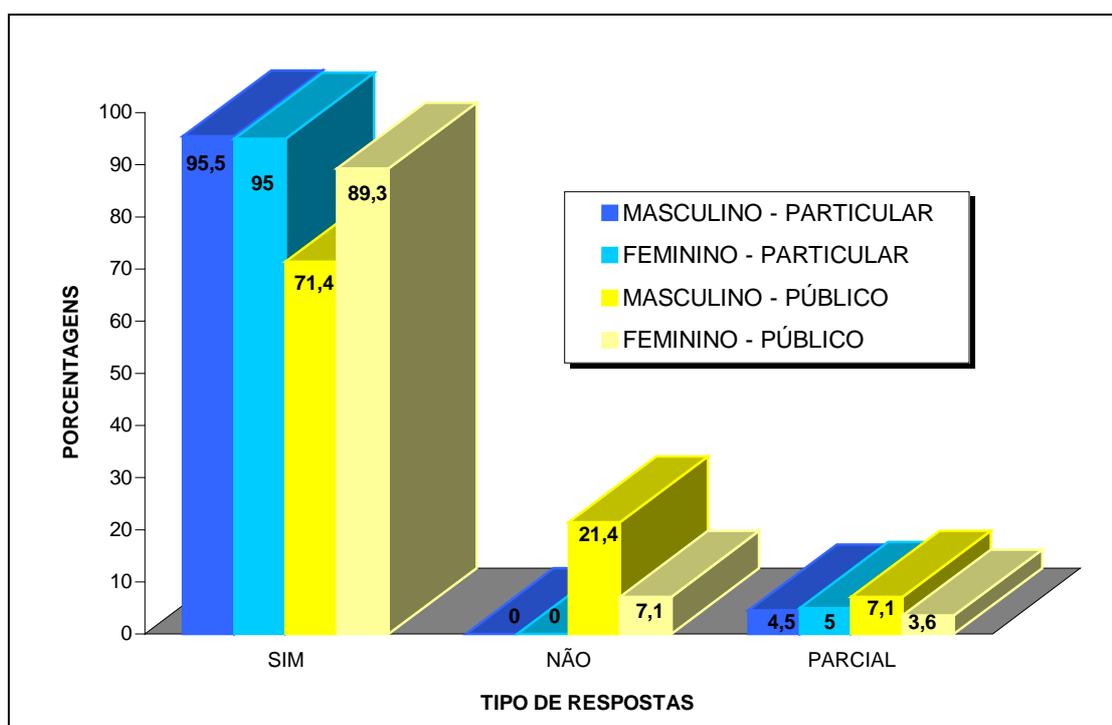


Na escola pública, há um número maior de alunas que afirmaram que os objetivos da educação sexual na escola são alcançados, indicando que os professores conseguem transmitir de forma adequada as informações acerca desta temática.

Na análise categorial verificamos que as justificativas da maioria dos alunos que afirmaram que o objetivo é parcialmente alcançado, se deu em função do fato de que nem sempre os professores abordam ou falam sobre esse tema, ou ainda, que seus professores não lhes dão explicações detalhadas.

## Questão 6

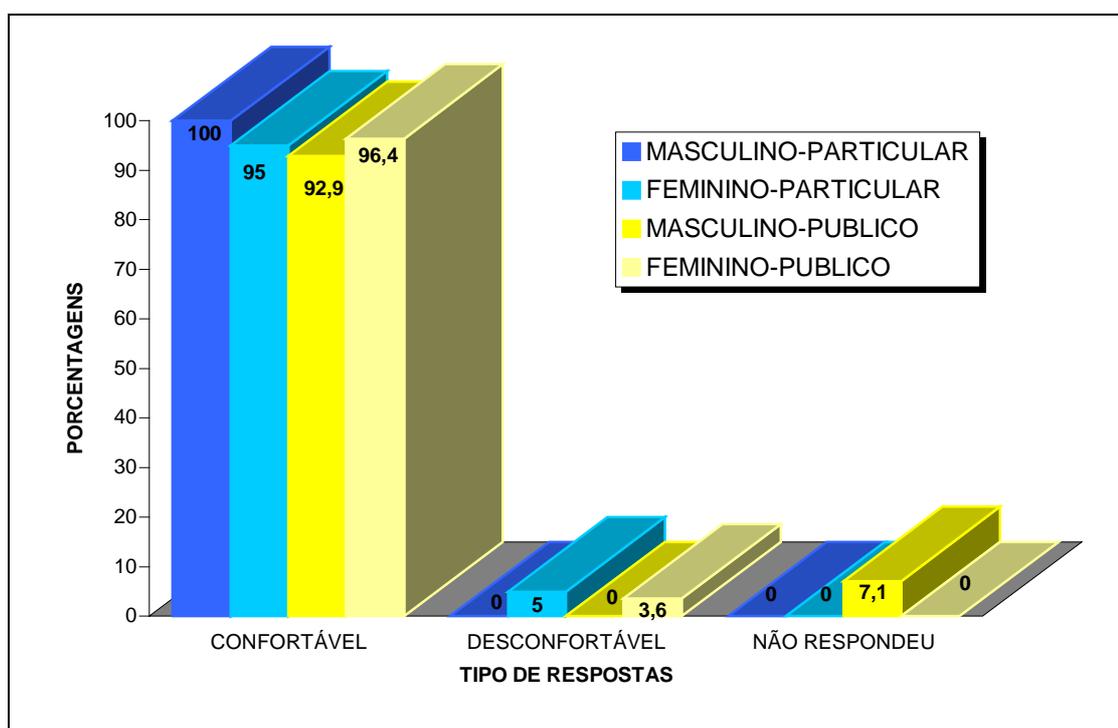
Esse debate é importante para você?



Para esta pergunta, os alunos de ambas as escolas afirmaram de forma majoritária a importância em debater os temas ligados à sexualidade. Isso indica que mesmo que a metade dos alunos tenha dito que não há abordagem deste tema na escola, estes o consideram importante, visto que a maioria acredita possuir informações parciais acerca da temática da sexualidade.

## Questão 7

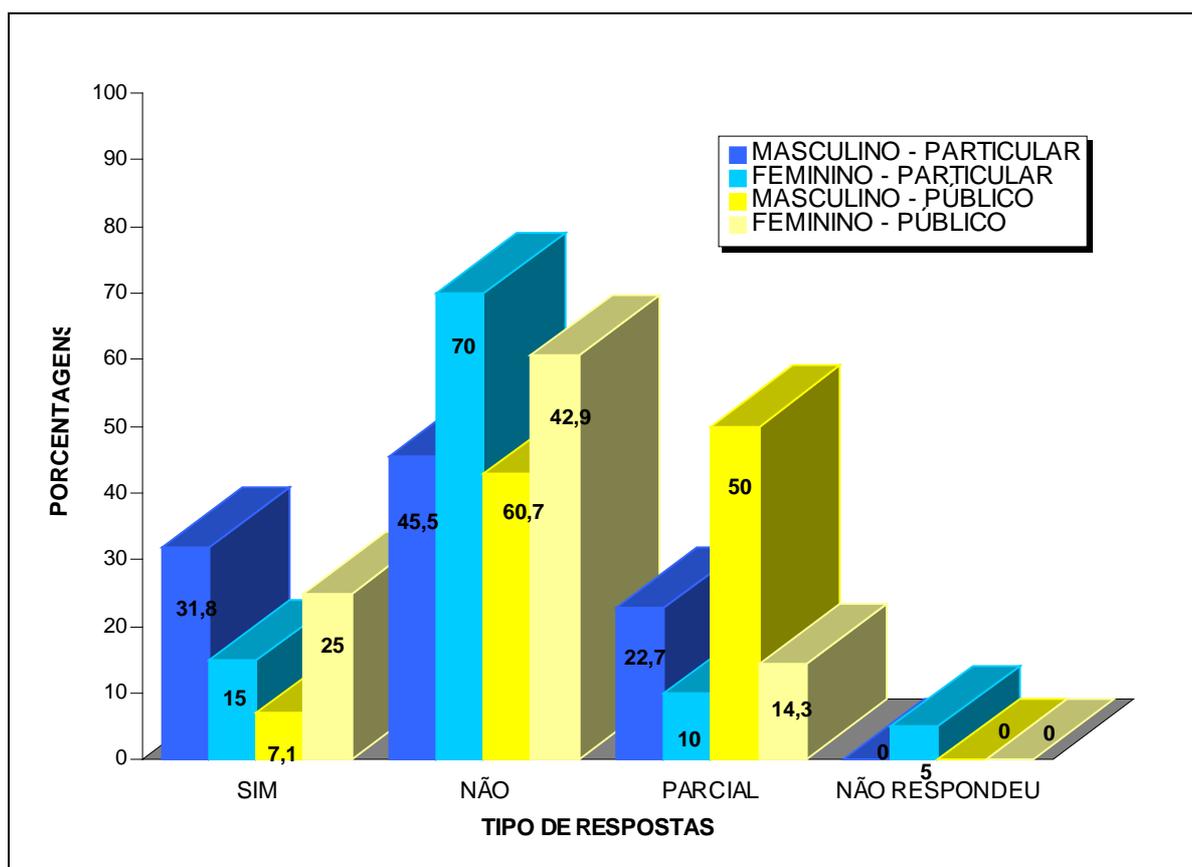
Como você se sente em relação a esse debate?



Em ambas as escolas, a grande maioria dos alunos afirmou sentir-se confortável em debater essa temática. Apesar do alto índice de alunos que se sentem confortáveis em debater o tema da sexualidade, achamos necessário mediante os objetivos da investigação e da análise qualitativa das justificativas dadas a esta resposta, ressaltar também o desconforto que alguns adolescentes sentem em debater este tema. Este desconforto será objeto de análise categorial temática.

### Questão 8

A forma pela qual a sexualidade é abordada na escola influência sua conduta sexual

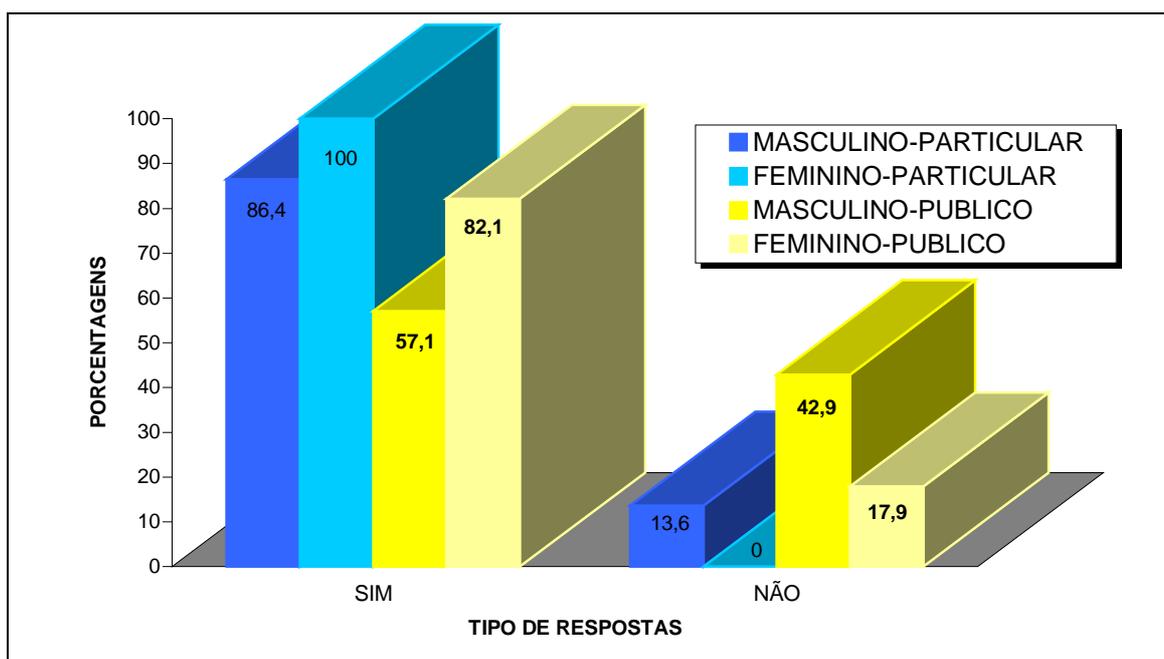


Para esta pergunta, a maioria dos alunos de ambas as instituições respondeu que a forma pela qual a sexualidade é debatida na escola não influencia em sua conduta sexual. Estes elevados percentuais podem ser melhor compreendidos em função das respostas dadas à primeira questão, onde a maioria dos alunos respondeu que o tema da sexualidade não é abordado em sua escola. Os percentuais obtidos no item “parcialmente” serão complementados com a análise qualitativa das justificativas dos

participantes da pesquisa, uma vez que os adolescentes ressaltam que a família, os amigos e os meios de comunicação influenciam e auxiliam o esclarecimento dos temas ligados à sexualidade.

### Questão 9

Há diferenças entre a Educação Sexual que você recebeu na escola daquela que seus avós receberam?

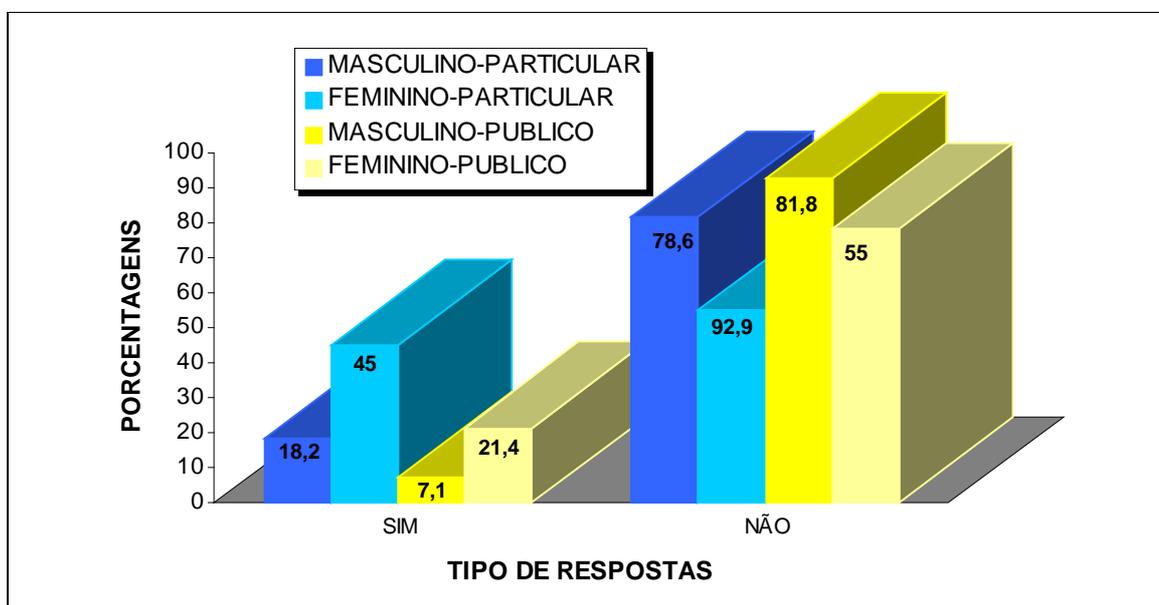


Para esta questão, a maioria dos alunos de ambas as escolas afirmaram que há diferenças entre a educação sexual que eles receberam daquelas recebidas por seus avós.

No entanto, na escola pública, encontramos um percentual significativo de meninos que afirmaram que não há diferenças entre sua educação sexual daquela recebida pelos seus avós. Este aspecto será contemplado na análise qualitativa das justificativas dadas às respostas.

### Questão 11

Você gostaria de acrescentar algo?



Nesta última questão os dados coletados apontaram que a maioria dos alunos não quis acrescentar comentários ao questionário aplicado. As respostas dos alunos e alunas que acrescentaram algo ao questionário serão objeto de análise no próximo item.

### **3.3 Análise Qualitativa — Descrição e Interpretação das Categorias**

A partir das justificativas das respostas dadas pelos alunos, fizemos um quadro comum de categorias. Encontramos as seguintes categorias temáticas: **1) Valorização das Informações** que se subdivide em três subcategorias: Conversa com os pais, Papel da escola e Meios de comunicação. **2) Limitações na Escola** que se subdivide em quatro subcategorias: Ausência de discussão, Insuficiência de informações, Desinteresse pelo tema e Desconforto. **3) Diversidade de Concepções** que se subdivide em duas subcategorias: Naturalidade e Tabus.

Na pesquisa de campo não encontramos diferenças significativas entre as respostas dos sujeitos da escola pública e os da escola particular, bem como entre os participantes do sexo masculino e feminino. Este aspecto nos permitiu construir um quadro comum de categorias para ambas as escolas.

Para efeito de melhor visualização e compreensão destas, o quadro a seguir as reproduz:

## EDUCAÇÃO SEXUAL

<b>CATEGORIAS</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>
1. VALORIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES	1.1 Conversa com os pais 1.2 Papel da Escola 1.3 Meios de Comunicação
2. LIMITAÇÕES NA ESCOLA	2.1 Ausência de discussão 2.2 Insuficiência de Informações 2.3 Desinteresse pelo tema 2.4 Desconforto
3. DIVERSIDADE DE CONCEPÇÕES	3.1 Tabus 3.2 Naturalidade

## **1. VALORIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES**

A categoria valorização das informações reflete o grau de importância das informações acerca dos temas que se referem à sexualidade para os participantes da pesquisa de ambas as escolas. De modo geral, a valorização das informações acerca da educação sexual está diretamente associada à prevenção e aos cuidados em relação às doenças sexualmente transmissíveis, AIDS e a gravidez indesejada. Nesta categoria encontramos três subcategorias: Conversa com os pais, Papel da Escola e Meios de Comunicação.

### **1.1 Conversa com os pais**

Na questão “Você acredita que possui informações suficientes acerca do tema da sexualidade?”, a maior parte dos participantes da pesquisa ressaltou a conversa com os pais como um fator importante na educação sexual, através do diálogo, das informações e explicações fornecidas por estes. Os exemplos a seguir são significativos desta subcategoria: “Porque eu não tenho quase nenhuma dúvida sobre o assunto, dialogo com amigas e mãe” (PA. 30f); “Porque eu converso com os meus pais a respeito disso” (PU. 63m); “Porque quem explica mais para nós é nossos pais” (PU. 79f).

A pesquisa indicou, através das respostas dos participantes da pesquisa, que os pais ocupam um lugar importante nas informações dadas acerca dos temas relativos à sexualidade. A aluna (Pu. 30f) ressalta a importância do diálogo com os pais que ajudam-

na a não ter dúvidas sobre as questões ligadas à sexualidade. Do mesmo modo a aluna (PU. 79f), afirma que são os pais quem *mais* explicam, apontando, com sua resposta, que em relação a outros veículos de informações, os pais se sobressaem.

As respostas dos alunos parecem indicar que a escola não tem um lugar privilegiado na educação sexual dos jovens, uma vez que os pais exercem um papel importante na orientação sexual destes adolescentes. Essas justificativas vão ao encontro dos objetivos contidos nos P.C. Ns. , ao afirmar “que é no espaço privado (...) que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais constituirá sua sexualidade na infância” (P.C. Ns. p.112).

## **1.2 Papel da Escola**

Nesta subcategoria encontramos temas que reconhecem a valorização das informações obtidas na escola, pelo incentivo e importância desta instituição na aprendizagem da educação sexual através dos diversos aspectos ligados à prevenção. Assim, quando perguntados “Em sua opinião, o que o professor pretende transmitir na abordagem deste tema?”, os participantes responderam: “Nos dá informações para nos prevenir de muitas coisas ruins” (PA 01m); “Informações para que nós possamos saber como se transmite doenças através do sexo” (PU. 41m); “Para que os alunos se previnam, escolham a hora certa e não peguem D.S.T. e não engravidem” (PA 10f).

Os professores são percebidos pelos participantes da pesquisa como importantes em sua educação sexual. Os alunos, através das suas justificativas, apontam para a importância da conscientização e da prevenção das D.S.T entre os adolescentes. As

seguintes expressões representam a importância do enriquecimento do aprendizado e da necessidade do uso da camisinha através das informações obtidas com os professores: “Porque o meu aprendizado fica mais rico, fico sabendo das doenças que são causadas se não usar camisinha. Ex. Aids, Gonorréia, etc.” (PA. 20f); “Porque nessa idade tem muitas pessoas que fazem sexo na escola e em outros lugares e não se importam se estão usando camisinha ou não, e os professores estão para ajudar as pessoas a fazerem com camisinha e se prevenirem” (PU. 53m); “O professor transmite educação, pede também para a gente se cuidar e etc.” (PA. 51m); “O básico, quase tudo para sermos informados e ‘entender’ do assunto e ter consciência sobre o assunto” (PA. 04f); “Ele quer passar mais informações para a turma e também nos ajuda a se prevenir contra as doenças” (PU. 60f).

As justificativas dos alunos sugerem que as informações dadas pelos professores estão ligadas aos aspectos preventivos, aos cuidados de si. Dessa forma, parecem refletir o que enunciamos na parte teórica, que na atualidade o desvelamento do corpo implica na importância de seus cuidados, sob a égide das políticas que enfatizam o binômio riscos/conseqüências.

Essas políticas espelham a passagem do regime controlado pelas práticas disciplinares marcadas pela vigilância e para a repressão da sexualidade, para um novo modelo, calcado nas práticas que privilegiam o autocontrole e a responsabilidade.

Nesta subcategoria ficou também ressaltado a confiança e gratidão pelas informações dadas pelo professores para o esclarecimento das questões relativas à educação sexual. As expressões de confiança e gratidão mostram a valorização dessas informações para o grupo dos participantes, tais como: “Aprendizado, confiança e seriedade” (PA. 03m); “Uma certa segurança e controle” (PA. 43m); “Ele pretende

transmitir informações sobre o assunto para que nós tenhamos confiança na hora de fazer sexo” (PA. 27m).

Para os participantes da pesquisa, confiança e seriedade estão intimamente relacionadas às informações transmitidas por seus professores, na medida em que estes reconhecem e acreditam na veracidade e importância destas informações.

### **1.3 Meios de Comunicação**

Na subcategoria “meios de comunicação” situa-se a importância da mídia e das leituras como fatores importantes na formação da educação sexual na adolescência. Assim, em relação pergunta: “Você acredita que possui informações suficientes acerca do tema da sexualidade”, os sujeitos destacaram os diversos veículos de comunicação como fonte de informações para as questões relativas à temática da sexualidade: “Eu não discuto muito com os meus amigos, mas na TV fala muito” (PA. 22f); “Eu tenho uma boa noção e leio bastante sobre o assunto, discuto sempre o assunto, mas acho que há muito, a saber,” (PA. 26f); “Porque hoje em dia temos muitas informações através da TV e outros” (PU. 40f).

Estes exemplos expressam a importância dada aos diversos meios de comunicação como veículos de comunicação de massas para os adolescentes. As alunas (PA 22f) e (PU 40f) ressaltam que obtém as informações que necessitam sobre a sexualidade na TV e em outros veículos de informação. A aluna (PA 26f), afirma possuir uma boa noção, ler e discutir sempre o assunto, entretanto, seu enunciado afirma que há muito, a saber, ainda.

A resposta da aluna sugere que apesar das diversas leituras e discussões a respeito da sexualidade, estas não são suficientes. Aponta para uma impossibilidade de se obter um conhecimento que dê plenamente conta das questões relativas à sexualidade. Ou ainda, que por mais leitura, discussão que se tenha, haverá sempre algo a mais a se saber a respeito desta temática, o que talvez nos permite afirmar que as noções e as leituras que possui são fragmentárias e, portanto, insuficientes.

Estas justificativas vão ao encontro da percepção freudiana quanto aos limites de um saber que aborde a sexualidade. A perspectiva trazida pela psicanálise vem apontar a parcialidade de todo e qualquer saber, a partir do estatuto do inconsciente, da divisão subjetiva constitutiva a todo ser falante.

Se a sexualidade deve ser reprimida, como mostrou Freud, a culpa não reside na sexualidade em si, mas no que a sexualidade tem de enigmático. Quando se reprime é porque não se quer saber nada sobre algo que exige ser reconhecido. Bem, o que aqui exige ser reconhecido é aquilo que não há Saber... unido ao sexo. (MASOTTA, 1987, p, 18).

Diante da progressiva aceleração tecnológica e das mudanças nos costumes, a mídia vem se afirmando como importante veículo de comunicação contribuindo com campanhas informativas a respeito da educação sexual para a população em geral e principalmente para os jovens.

A atualidade vem se configurando, segundo Hall (1988), pelo declínio das identidades estáveis em detrimento de novas formas de construção de identidades, estas são, de acordo com o autor, marcadas pelo hibridismo. Os meios de comunicação detêm um importante papel nesta nova formação identitária. Dessa forma, a identidade vem se configurando cada vez mais como uma produção social, para além da escola, trazendo com isso uma série de questões e conflitos em sua função de

transmissão de valores culturais, a partir do advento da globalização, ao final dos anos oitenta do século passado. Nessa perspectiva, podemos dizer que a escola não é mais considerada o único veículo de formação e produção de identidades para os adolescentes.

Hardt e Negri (2001) apontam para o fato de que as instituições sociais produzem subjetividade de forma cada vez mais intensa, entretanto, levadas ao extremo, passaram a ser vividas como artificiais. Os autores observam, a partir da crise geral nas instituições, que a subjetividade não é mais definida da mesma maneira que era definida em meados do século XX.

A crise significa, em outras palavras, que hoje os cercados que costumavam o espaço limitado das instituições foram derrubados, de modo que a lógica que funcionava principalmente dentro das paredes institucionais agora se espalha por todo o terreno social. Interior e exterior estão se tornando impossíveis de distinguir (HARDT e NEGRI, 2001, p. 216).

Os diversos aspectos ligados à globalização reafirmam a mundialização de usos e costumes ao lidar com a massificação e homogeneização cultural. Este fenômeno da atualidade tem estreita ligação com os padrões de consumo, “através da criação de denominadores comuns nas preferências de consumo das mais diversas índoles” (DREIFUSS, 1996, p.136).

Estas mudanças nos padrões de consumo, crença e nos valores são também determinadas e influenciadas pela mídia que, através do desenvolvimento tecnológico, vem alcançando os mais longínquos pontos do planeta, diminuindo as distâncias entre eles, produzindo com isso uma maior integração entre os povos, delineando e configurando novas fronteiras, sejam elas geográficas ou mesmo sociais.

A transformação da moderna geografia imperialista do mundo e da realização do mercado global marca uma mudança no modo capitalista de produção. O mais importante é que divisões espaciais dos três mundos (Primeiro, Segundo e Terceiro) ficaram tão misturadas que a qualquer momento nos deparamos com o Primeiro Mundo no Terceiro, o Terceiro no Primeiro, e o Segundo, a bem dizer, em parte alguma (HARDT e NEGRI, 2001, p.13).

Enquanto “a história moderna foi marcada pelo progresso constante dos meios de transporte” (BAUMAN, 1999, p.21), hoje, um fator importante para a mobilidade social tem íntima relação com o transporte de informações. O desenvolvimento consistente de meios técnicos vem permitindo que as informações viagem independente dos seus portadores físicos. Dessa forma, através da rede mundial de computadores, as viagens e as distancias das informações tornam-se imperceptíveis. “As informações estão instantaneamente disponíveis em todo o planeta, tanto na teoria, tanto na prática” (BAUMAN, 1999, p.22).

No início da modernidade, o espaço físico parecia mais rígido, sólido, permanente e inegociável. Na atualidade, “sobre esse espaço planejado, impõe-se um terceiro espaço cibernético do mundo humano com o advento da rede mundial de informática” (BAUMAN, 1999, p.24). Doravante, observa o autor, “as pessoas não podem ser separadas por obstáculos físicos ou distâncias temporais e dessa forma, as distinções entre aqui e lá não significam mais nada” (BAUMAN, 1999, p.25).

## **2. LIMITAÇÕES NA ESCOLA**

Nesta categoria emergiram indicadores que apontam às limitações ou dificuldades das informações em relação à discussão da temática da sexualidade dentro das escolas

pesquisadas. A categoria “Limitações na Escola” compreende quatro subcategorias: Ausência de Discussão; Insuficiência das Informações; Desinteresse pelo Tema e Desconforto.

### **2.1 Ausência de discussão**

Esta subcategoria diz respeito à ausência de discussões, relativas aos temas ligados à educação sexual, gerando, como consequência, a falta de informação ou mesmo informações parciais entre os alunos de ambas as escolas. As justificativas dos alunos representam esta subcategoria: “Porque eles não explicam nada sobre o sexo” (PA 05m); “Porque eles não dão informações para nós a respeito da sexualidade” (PA. 24f).

A justificativa do aluno (PA 05m) indica que os temas ligados à sexualidade não são abordados em sala de aula, nem tampouco na escola. Para outro aluno, os professores não explicam nada sobre o sexo. Ambos os alunos dão a perceber através de suas justificativas que na escola não se fala nada a respeito da sexualidade.

### **2.2 Insuficiência das Informações**

Enquanto a subcategoria anterior indica a total ausência de discussão acerca da sexualidade na escola, esta subcategoria diz respeito à insuficiência de informações dos alunos pelos professores: “Porque eles não se aprofundam muito nesse assunto” (PU. 49m); “Porque não se fala o suficiente para os alunos” (PU. 76f); “Às vezes porque eles não explicam tudo detalhadamente” (PA16f); “Porque ninguém fala o suficiente” (PU. 73f);

“Muitos alunos absorvem as informações que o professor fala e muitos não absorvem” (PA 07m); “Porque só às vezes os professores falam sobre isso” (PA. 08f); “Porque têm alguns que não acreditam muito” (PU. 43m); “Às vezes eles comentam, falam alguma coisa” (PU. 72f).

As justificativas que são dadas pelos alunos aludem à insuficiência de informações obtidas pelo fato de que os professores não se aprofundam muito neste assunto. Alguns ressaltam que falta ao professor um maior aprofundamento na abordagem desta temática, ou seja, que a sexualidade é abordada pelos professores de forma superficial.

Os participantes da pesquisa parecem apontar que há algo em torno da temática da sexualidade que os professores deixam de abordar detalhadamente. Através das justificativas fazem crer que haveria algo mais a se saber sobre essa temática que não é dito. Podemos dizer que quando os sujeitos parecem esperar que os professores digam mais sobre a sexualidade, talvez desconheçam o fato de que para muitos professores falar de sexo implica em lidar com seus próprios preconceitos e fantasias.

É interessante notar que ao afirmar que ninguém fala o suficiente, a aluna (PU39f) estaria expressando que tanto a escola não é capaz de transmitir informações a respeito dos temas ligados à sexualidade, como também não há quem possa informá-los suficientemente. Nesta perspectiva, os participantes da pesquisa reafirmam, nas entrelinhas de suas justificativas, a relativização do saber do professor em relação à sexualidade. Alguns participantes, como podemos verificar nos exemplos anteriores, chegam a duvidar da veracidade das informações transmitidas pelos professores ressaltando sua importância relativa.

Conforme afirmaram Lyotard (2000) e Deleuze (1992), uma das características da sociedade de controle é que elas são regidas pelo controle contínuo e não mais pelo

controle disciplinar. Em relação à educação, podemos observar quão os educadores se preocupam com os dilemas e obstáculos que vêm dificultando a concretização de mudanças e propostas inovadoras. Uma delas, sem dúvida, diz respeito à forma como a orientação sexual é veiculada nas escolas. Reformas curriculares, formais ou não, propõem simplesmente acrescentar, eliminar ou substituir disciplinas e conteúdos a fim de melhor lidar com as questões que invadem o cotidiano escolar, tais como: mudanças de valores, normas e preceitos.

Como instituição, a escola produz e reproduz uma série de práticas que nos impede de pensá-la como uma instituição neutra, política e ideologicamente falando. A estratificação de sua prática em saberes instituídos cumpre o papel de dominação e discriminação de subjetividades. Cabe, ao professor educador problematizar estes saberes e não apenas reproduzi-los.

### **2.3 Desinteresse pelo Tema**

Quando perguntamos se “A forma pela qual a sexualidade é abordada na escola influencia sua conduta sexual?”, obtivemos justificativas que indicam um desinteresse dos participantes da pesquisa em relação à educação sexual na escola: “Porque não tem nada que me chame a atenção” (PU. 51m); “Porque não me importa muito” (PU. 74f); “Porque os jovens não estão se preocupando com as doenças nem com a gravidez” (PU. 75f).

Estas justificativas parecem refletir a forma pela qual os adolescentes se apropriam das questões relativas à sexualidade na atualidade. No entanto, alguns alunos, ao reconhecerem o desinteresse dos colegas pela educação sexual sugerem que estes deveriam se preocupar. Outros alunos, como (PA 01m) apontam através de sua justificativa “Porque de acordo com que essas coisas são respeitáveis os adolescentes nem ligam para isso, mas tem que ligar”, de forma ambígua, à importância dos cuidados de si, além dos diversos aspectos ligados a prevenção, de como os riscos são absorvidos e vividos na atualidade pelos adolescentes.

Conforme afirmamos no embasamento teórico, a perspectiva trazida por Calligaris (2000) para a adolescência aponta à idéia de que esta é vista como o reflexo dos sonhos e desejos dos adultos. A autonomia, a rebeldia e a revolta são, segundo o autor, coincidentes com os ideais valorizados e cultuados pelos adultos. Ao se insubordinarem, os jovens estariam tentando agradar os adultos e, dessa forma, realizar algum sonho deles. O investimento narcísico a que os adolescentes se encontram na atualidade faz supor que eles estejam imunes a qualquer ferida em sua imagem, que nenhum mal venha atingi-los. Nesse sentido, é comum entre os adolescentes a minimização dos riscos e importância dos cuidados de si.

## **2.4 Desconforto**

Embora tenha sido encontrada em um número reduzido de alunos, esta subcategoria reflete o sentimento de desconforto produzido em alguns sujeitos quando se aborda determinadas questões que envolvem a discussão da sexualidade na escola. Achamos

importante ressaltar esta subcategoria, pois mesmo que a sexualidade seja um tema aparentemente normal, não o é para todos, uma vez que alguns se sentem desconfortáveis em abordá-lo.

As justificativas dadas por alguns alunos espelham a forma com que se sentem ao debaterem os temas ligados à sexualidade dentro da escola. “Às vezes falam coisas que intimidam a gente” (PA 24f); “Não que eu me sinta confortável, mais ou menos” (PA35m).

Outros alunos também aludem à idéia de desconforto que a abordagem deste tema lhes provoca: “Porque quem não discute o tema fica encabulado na hora em que vai fazer a coisa” (PA 08f); “Não me sinto acanhada em falar sobre o assunto” (PU. 68f). Sentimento de desconforto, não se sentirem encabulados ou ainda, não se sentirem acanhados, foi como esses alunos vivenciaram as questões ligadas à temática da sexualidade, refletindo dessa forma, o que a abordagem desse tema lhes provoca.

As justificativas acima afirmam a idéia de que a temática da sexualidade não é algo natural, nem tampouco um assunto discutido livremente. A alusão à intimidação talvez possa ser compreendida como reflexo da moral sexual repressiva para estes sujeitos, expressada através do desconforto.

Para Bauman (1998) o mal-estar na atualidade encontra-se alicerçada nos ideais de liberdade individual e culto ao prazer, que no início da modernidade foi condenado e considerado como autodestrutivo. Na atualidade, inverte-se o jogo de perdas e ganhos, hoje, “os homens e mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade” (BAUMAN, 1998, p.10). Na atualidade, perdeu-se a segurança que restringia a liberdade, para a obtenção de prazer. Sacrifica-se a liberdade em nome do prazer, o que nos leva diretamente a idéia do prazer a qualquer custo, prótese da felicidade.

### **3. DIVERSIDADE DE CONCEPÇÕES**

A categoria “Diversidade de Concepções” representa o modo como os participantes da pesquisa percebem as transformações ocorridas em relação à educação sexual, tomando como parâmetro a geração dos seus avós e de seus pais. Nesta categoria, encontramos duas subcategorias: Tabus e Naturalidade.

#### **3.1 Tabus**

A grande maioria dos alunos, em ambas as escolas, percebem haver diferenças entre a educação sexual recebidas por eles daquela recebida pelos avós e mesmo daquela recebida pelos pais. Essas diferenças se apresentam através dos temas dos tabus sexuais, seja através das diferenças entre as diversas gerações, ou em relação à carência de informações e de discussão sobre a sexualidade em outras gerações. Ao serem perguntados: “Há diferenças entre a educação sexual que você recebeu na escola daquela que seus avós receberam?”, as justificativas dadas por alunos de ambos os sexos das escolas pesquisadas retratam suas percepções sobre a questão: “Porque meus avós receberam bem menos informações” (PA. 2f); “Porque os anos são diferentes e as cabeças também” (PA. 3m); “Naquela época o assunto era raramente discutido” (PA. 18f); “Na época dos meus avós as coisas não eram ditas com tanta clareza” (PU. 40f); “Nossos avós tiveram uma vida sexual muito diferente” (PU. 45m); “Porque naquela época era quase proibido informar” (PU. 59m).

As justificativas dos participantes refletem a diferença que há entre sua geração e a de seus avós, quer seja pelo fato de que estes receberam menos informações em função do modelo educacional que tiveram, quer seja pela repressão sexual a que estiveram submetidos durante a sua escolarização. Era um assunto que raramente era discutido, e nem tampouco dito com clareza.

Alguns alunos referem-se aos temas do preconceito com o corpo e o do recato como sendo o diferencial entre a educação sexual recebida pelos avós: “Havia muito preconceito com o corpo” (PA. 39m); “Porque na época deles as pessoas eram mais recatadas” (PA. 7m).

Alguns participantes se referem às diferenças sexuais entre sua geração e a de seus avós, através dos temas do pecado e da vergonha: “Porque na época da minha avó isso era um pecado” (PA. 8f); “Porque naquela época tinha muita vergonha” (PU. 44f). A justificativa dada por uma das alunas, alude a idéia que a noção de pecado incide sobre sua avó, ou seja, sobre o sexo feminino, em função de uma maior repressão a que este estava submetido. A outra aluna refere-se aos tabus atribuindo ao fato de que antigamente a temática da sexualidade era envolta de vergonha.

A justificativa dada por um aluno “Porque naquela época era quase proibido informar” (PU. 59m) pode ser compreendida como a síntese da percepção que os participantes tem da geração de seus avós em relação à educação sexual na escola.

No início da modernidade, valores, normas sólidas e regras fixas sustentavam os ideais da cultura e das relações entre os sujeitos. A geração dos avós dos participantes da pesquisa viveu seu processo de escolarização dentro deste período. Submetidos a modelos pedagógicos que pela repressão sexual através do olhar vigilante de seus professores, tiveram sua educação sexual calcada sobre esses padrões de

comportamentos. Conseqüentemente, obtiveram ou fizeram uso de poucas informações a respeito dos temas envolvidos com a sexualidade.

No entanto, a sexualidade, antes restrita ao casal parental, cercada entre quatro paredes, já não é assim concebida. A exposição dos corpos e seu consumo, as transformações da intimidade fizeram com que os domínios entre o privado e o público se alterassem de forma irremediável. Dessa forma, a escola passou a ser um dos lugares onde a sexualidade passou a ser discutida.

Apesar das justificativas anteriores, alguns alunos respondem que não há mudanças entre a educação sexual que recebem na escola daquela recebida por seus avós no tempo que estudavam: “Não acho que não, porque a educação sexual quase sempre aborda as mesmas coisas” (PA. 35m); “Porque todos tiveram os mesmos ensinamentos” (PU. 49m); “Porque meus avós também aprenderam na escola, os professores com o livro de ciências” (PU 74f); “Porque as mesmas preocupações que tinham antigamente, eles têm hoje em dia” (PU 85m).

Essas justificativas refletem a percepção de que a educação sexual recebida por seus avós e aquela que recebem na escola se dão da mesma forma, obtida através dos professores e ligada aos conteúdos de Ciências.

A subcategoria “tabu” também reflete a percepção dos alunos quanto à sua educação e aquela recebida por seus pais. A grande maioria dos participantes da pesquisa estabeleceu uma relação entre a educação sexual recebida por seus pais e aquela que estão recebendo nas escolas que estudam: “Meus pais já sabem, eles me ensinaram algumas coisas” (PA. 11m); “Porque eles foram educados iguais a nós” (PA. 14f). Assim, ao serem perguntados sobre as diferenças de sua educação sexual em relação a seus pais, obtivemos algumas justificativas que indicam não haver modificações

significativas: “Talvez com mais timidez, mas com o mesmo conteúdo” (PA. 2f); “Modifica um pouco, mas nem tanto quanto os meus avós” (PA. 21m); “Em relação aos meus pais, eles já sabem qual vai ser as conseqüências, então são mais abertos” (PU. 78f).

Os temas acima refletem a percepção de que para alguns jovens não houve uma mudança entre sua educação sexual em relação à de seus pais. No entanto, alguns sujeitos indicam que houve mudanças, em função da rigidez com que os pais foram educados e da tentativa de dar um caráter de normalidade ao diálogo que envolve as questões ligadas à sexualidade. A justificativa: “Nós falamos como se fosse uma coisa normal” (PU. 85m) reflete esta tentativa de dar um caráter de normalidade a esse diálogo, pois a idéia de: “como se fosse uma coisa normal” traz implícito o seu contrário, ou seja, a dificuldade deste diálogo. A sexualidade não é uma coisa normal.

A percepção dos riscos que envolvem a sexualidade, passaram a ser um elemento importante para o diálogo entre pais e filhos, principalmente entre adolescentes.

### **3.2 Naturalidade**

Esta subcategoria abrange as percepções dos sujeitos em relação à discussão acerca da sexualidade. A partir da pergunta: “Como você se sente em relação a esse debate?”, os participantes da pesquisa indicam que se trata de um debate natural, normal ou ainda, que debater esse tema é normal.

Suas respostas têm como referência um passado onde os jovens acreditavam que o tema não era abordado naturalmente. Essas justificativas ressaltam a percepção dos adolescentes quanto aos temas envolvidos com a sexualidade, ao afirmarem que hoje é um tema normal, reforçam a idéia de que as transformações ocorridas na cultura

possibilitaram uma maior liberdade de expressão, fazendo com que os preconceitos e tabus envoltos na sexualidade dos adolescentes, na atualidade, possam ser relativizados.

Certamente, a percepção de que a discussão dessa temática possa ser considerada como “algo normal”, ou ainda “não ser nada de mais”, pode ser vista como reflexo das inúmeras transformações ocorridas a partir das mudanças de costumes e comportamentos a que homens e mulheres foram submetidos ao longo do último século. Mudanças que implicaram na produção de novas subjetividades através da expressão da sexualidade, agora sob outros paradigmas. Valores cultuados como virgindade, casamento, etc., foram postos em xeque. A liberdade sexual, obtida através das lutas pela emancipação das mulheres já foi vencida, assim como seus direitos de se envolverem na decisão de quando e com quem iniciar sua vida sexual.

Hoje em dia a “sexualidade” tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós “tem”, ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido (GIDDENS, 1993, p, 25).

A naturalidade com que a sexualidade atualmente é vivida entre os adolescentes parece espelhar o atual momento da cultura, de seu caráter espetacular através do culto ao corpo e das injunções das políticas ligadas aos cuidados de si, tendo como reflexo uma maior liberdade sexual sob os auspícios da mídia. Do natural relacionamento heterossexual chega-se ao natural relacionamento homossexual, como demonstração do livre-arbítrio do exercício da sexualidade.

Segundo a perspectiva foucaultiana, esta forma de conceber a sexualidade tem relação com os mecanismos de poder. Assim como a “docilização dos corpos” serviu para submeter o homem ao trabalho e por isso foi reprimida, na atualidade a sexualidade tornou-se algo de domínio público através de uma nova produção discursiva que considera as manifestações da sexualidade como algo “normal” e que se instrumentaliza nos diversos usos do corpo a partir da relação indissolúvel que se estabeleceu entre saúde, bem-estar e aos cuidados de si.

# 4

## **Capítulo 4 A identidade sexual em questão.**

Portanto o corpo sai de si mesmo, adquire novas velocidades, conquista novos espaços. Verte-se no exterior e reverte a exterioridade técnica ou a alteridade biológica em subjetividade concreta (LÉVY, 1997, p. 33).

Conforme indicamos na introdução, neste capítulo, pretendemos retornar à discussão teórica, buscando articulá-la às categorias encontradas, quando analisamos o material empírico fornecido pelos questionários, a fim de investigar a participação da escola na produção da identidade sexual da adolescência.

Ao longo do embasamento teórico discorreremos sobre como a noção de identidade foi construída, na passagem da modernidade à atualidade, ao tomarmos como base à

perspectiva foucaultiana de que a identidade é um produto e uma produção discursiva, assim como a sexualidade.

Os estudos de Michel Foucault levaram-no a construir uma “genealogia do sujeito moderno” ao analisar o binômio poder/saber sob a perspectiva da funcionabilidade e exercício do poder. Podemos assim, compreender a instauração do poder disciplinar, de seu apogeu no século XX, sob as diversas práticas disciplinares que implicaram na “docilização dos corpos” e de seus movimentos através da instauração de uma sofisticada cadeia de controle e vigilância — o panoptismo. Os modelos identitários deste período histórico sugeriam padrões de comportamentos normatizantes através de sujeitos submissos às normas de repressão sexual.

A introdução da disciplinarização nas escolas implicou na instauração da “pedagogia do silêncio”, como forma de vigilância e controle sobre os corpos, através de métodos punitivos para as más condutas. Nesse período, obediência e submissão às regras impostas pelo professor, caracterizavam o bom aluno. No tocante à sexualidade, desde o século XVIII, ergue-se uma barreira moral e médica em torno desta, cujo apogeu será vivido no início do século XX. Os reflexos deste modelo pedagógico parecem ter se reproduzido até aproximadamente 1970.

Podemos afirmar que a modernidade tinha como característica predominante modelos de identidades fixas, marcados por rígidos padrões de comportamentos. Somente na atualidade, diante o deslocamento na produção das identidades ocorrida em função do advento dos processos de globalização, houve uma série de impactos à noção de identidade.

No campo das representações sociais, identidade e diferença são o resultado de atos de criação lingüística, não são elementos naturais, precisam ser inferidos, ou mesmo

deduzidos. “A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas” (SILVA, 2000, p. 76). Nesta perspectiva, elas são criações sociais e culturais que se expressam na e através da linguagem: o entre jogo identidade/diferença não pode ocorrer fora dos sistemas de significação simbólicos aos quais estão submetidos. Assim, identidade e diferença estão intimamente ligadas a complexos sistemas de representação que englobam a dimensão significativa e seus equívocos, implicando nas diversas formas de produção de sentido. Nesse ponto, identidade e diferença se ligam a sistemas de poder.

Na análise do material empírico, palavras como “tabus”, “recato”, “pecado” e “vergonha”, apresentaram-se de forma marcante no discurso dos participantes da pesquisa quando se referiam à geração de seus avós e de seus pais, uma vez que para estas duas gerações havia uma carência de informações e de discussão a respeito da sexualidade. A percepção dos entrevistados refere-se ao modelo educacional que tanto os avós quanto os pais foram submetidos. Segundo eles, o recato, o preconceito e a proibição em abordar temas ligados à sexualidade marcaram estas duas gerações, apesar de haver também, no discurso dos participantes da pesquisa, uma percepção de mudança da geração dos avós em relação à de seus pais na abordagem dos temas que envolvem a sexualidade. Tal mudança pode ser melhor compreendida pela necessidade e importância do estabelecimento do diálogo entre pais e filhos, no sentido de um maior esclarecimento desta temática, reafirmando as orientações contidas nos P.C. Ns que ressaltam a importância do binômio família/escola na questão da orientação sexual para os adolescentes.

A sexualidade é considerada pelos participantes da pesquisa um tema normal, “um assunto natural”. Debatê-la entre os colegas ou mesmo com os pais e professores, indicam as percepções de como temas considerados como tabus passaram a ser

encarados hoje. Tal naturalidade espelha a maneira como o corpo e a sexualidade passaram a ser vistos na atualidade.

As transformações da intimidade fizeram com que o campo privado se confundisse cada vez mais com o público, fazendo com que tanto o corpo quanto a sexualidade passassem a serem vistos como objetos de consumo.

À escola e não somente a família compete desenvolver as políticas de prevenção a partir de uma ação crítica. Foi nesse sentido que pudemos compreender a importância da inclusão da discussão da sexualidade nas escolas, à medida que o sentido desta discussão está intimamente relacionado às políticas que envolvem os riscos e os cuidados de si.

As questões que envolvem a sexualidade fizeram com que a escola se tornasse o local privilegiado de implementação das políticas públicas de promoção da saúde sexual de crianças e adolescentes, sobretudo em relação à Aids e à gravidez. Disseminada transversalmente sobre todo o campo pedagógico, essa temática adentrou nas escolas e passou a ser discutida com maior naturalidade em seus diversos espaços, conforme verificamos em nossa pesquisa.

Todavia, através da pesquisa de campo vimos que, para os participantes da pesquisa, tanto a escola quanto à família não são mais consideradas fonte exclusiva de informações. Instituição sólida por excelência, a escola encontra-se na atualidade envolta numa série de crises que, segundo Lyotard (2000) estão ligadas aos processos de legitimação desta, reafirmando falhas em sua performance.

Na atualidade, a mídia ocupa um lugar privilegiado na obtenção de informações a respeito de temas ligados à sexualidade, produzindo modelos homogêneos de

identidades. O avanço tecnológico dos meios de comunicação facilitou a integração entre os povos, criando novos modelos de identidade a serem seguidos, a partir da massificação das informações. Dessa forma, produziu-se a homogeneização cultural que acabou por configurar novas fronteiras e novos espaços, seja nas escolas, seja no terreno social, modificando sua geografia, confundindo as relações entre interior e exterior nas instituições (HARDT & NEGRI, 2001).

A aparentemente solidez das identidades no início da modernidade deu lugar a modelos híbridos ou a modelos performáticos de identidade que exigem o tempo todo que o sujeito se adapte, se molde às novas e constantes exigências. Daí estarmos regidos pelas “sociedades de controles” onde nada termina, onde as performances e os riscos são constantemente avaliados, onde ganha relevo a importância de se obter informações para que de posse destas, possamos melhor avaliar as conseqüências dos riscos.

A perspectiva trazida por Giddens em “Modernidade e Identidade” (2002) trouxe a idéia de que vivemos sob a cultura do risco e que esta noção passou a reger as relações entre os homens. Vivemos um momento onde o futuro é continuamente trazido para o presente, onde os riscos são diuturnamente controlados ou então, calculados. Não mais importa as proibições, ou o cerceamento das informações. A atualidade é premida pela necessidade das informações, pela comunicação instantânea e pelo controle contínuo visando produzir sujeitos responsáveis, reguladores de sua vida.

No campo educacional, as questões da identidade sexual se apresentam, como um problema pedagógico e curricular, pois a todo o momento colocam em xeque a solidez das identidades. A alteridade realça a diferença, faz entrar em cena a diversidade cultural, assim como questões ligadas a gênero, cor, raça entre outras.

As estratégias pedagógicas adotadas na atualidade visam, por um lado, estimular a diversidade cultural, ressaltando a necessidade da legítima expressão das variadas formas de significar as diferenças, buscando um maior acolhimento destas e reconhecendo os aspectos híbridos e cambiantes da produção da identidade. Por outro, visam contribuir para a diminuição dos preconceitos, da discriminação e dos estigmas.

Nesse sentido, questionar as identidades é questionar os sistemas de representação que lhes dão suporte e sustentação. Falar em crise de identidade é falar em crise nos sistemas de representação. Assim, é mister falarmos do contexto e dos agenciamentos pelos quais a idéia de identidade encontra-se submetida na atualidade. Para tanto, as análises produzidas por Foucault nos serviram de guia, uma vez que ele aprofunda as relações que se estabelecem entre os sujeitos e as práticas discursivas, o que possibilita estabelecer uma gênese da produção das identidades.

Seguindo os passos traçados por Foucault, esta pesquisa também pretendeu seguir uma genealogia, nesse caso, relacionada à participação da escola na produção da identidade sexual na adolescência.

# 5

## Capítulo 5 Considerações finais

Capítulo 6 ... Em vez de orientar a pesquisa sobre o poder no sentido do edifício jurídico da soberania, dos aparelhos de Estado e das ideologias que o acompanham, deve-se orientá-la para a dominação, os operadores materiais, as formas de sujeição, os usos e as conexões da sujeição pelos sistemas locais e os dispositivos estratégicos (FOUCAULT, 1998, p.186).

O modelo disciplinar, marcado pela vigilância e controle dos corpos e da sexualidade, parece ter sido profundamente alterado na atualidade, com o advento de um modo de organização social. Instituições como o Estado, a família e a escola, antes sólidas, refletiam de forma translúcida determinados valores e ideais, assim como legitimavam, saberes instituídos. Diante da liquefação da antiga moral repressiva, na atualidade esses valores e saberes se vêem em xeque, pois estas instituições tiveram seus limites transpostos e domínios invadidos, tornando cada vez mais estreitos os espaços entre os campos do público e do privado, entre interior e exterior.

Na atualidade, a rigidez nos comportamentos foi substituída pela flexibilização criando novos parâmetros que implica numa maior liberdade e exercício da sexualidade para homens e mulheres, não se podendo mais erigir a heterossexualidade como norma a ser seguida. A atualidade subverte os rígidos padrões de comportamentos impostos desde a modernidade, trazendo como conseqüência a transformação das intimidades. A partir de um novo modo de produção de vivência da sexualidade, esta se tornou uma questão de domínio público, sendo transparente e visível. Os imperativos de consumo e obtenção de prazer a qualquer custo parecem refletir esse novo tempo. Estes aspectos levaram-nos a investigar a participação da escola na produção da identidade sexual da

adolescência. Para tanto, propusemos três questões que serviram de norteadores para a nossa pesquisa:

- ✓ Como a escola participa da produção da identidade sexual na adolescência?
- ✓ Como a temática da sexualidade é abordada em sala de aula?
- ✓ Quais são as reações e as percepções dos alunos em relação à abordagem deste tema?

A realização desta pesquisa apontou que a escola não pode ser considerada como um lugar privilegiado na produção da identidade sexual dos adolescentes, uma vez que os meios de comunicação e a família também são de produção desta identidade. No entanto podemos dizer que a escola também é uma instituição importante na divulgação de informações sobre a sexualidade, uma vez que veicula em seu ambiente um determinado modo de vivência da sexualidade dos adolescentes, que privilegia os cuidados em relação às doenças transmissíveis e à gravidez.

Os participantes da pesquisa apontaram limitações no que diz respeito à função da escola na transmissão de informações, para os quais a temática da sexualidade não é discutida suficientemente em suas escolas. Para eles, os professores transmitem informações parciais ou omitem informações. Nesse sentido, os alunos parecem desconhecer que para muitos professores, a abordagem desta temática implica em lidar com seus próprios preconceitos e fantasias. Todavia, os sujeitos valorizam e reconhecem também que as informações obtidas com seus professores lhes ajudam a esclarecer suas dúvidas.

Neste sentido, podemos indicar a ambivalência dos sujeitos em relação à importância e o reconhecimento das informações obtidas com os professores. Ao mesmo tempo em que as informações são valorizadas, os participantes da pesquisa apontam que estas são básicas e ligadas ao conteúdo das ciências biológicas, muitas das vezes não compreendendo suas principais dúvidas e questões, cujas respostas são encontradas fora da escola. Aqui, os meios de comunicação apresentaram-se como importantes veículos de informações acerca da sexualidade, através das revistas, através da televisão nas redes abertas ou fechadas por meio de programações específicas dirigidas ao público adolescente, através da *internet* e através de recursos multimídia.

Apesar de alguns poucos alunos sentirem-se desconfortáveis em abordar temas ligados à sexualidade, a maioria refere-se a este de forma natural, como um tema normal. A naturalidade como a temática da sexualidade é vivida pelos adolescentes reflete as transformações na cultura, a passagem de um modelo disciplinar rígido, através da vigilância dos corpos, para a ausência de modelos rígidos e para a plasticidade destes, além da importância dos riscos que envolvem os cuidados, através de práticas e políticas que privilegiam o controle de si. A política disseminada pelos meios de comunicação nos faz pensar que a sexualidade antes restrita ao casal parental tornou-se na atualidade objeto de consumo, considerada algo comum, visando à obtenção de prazer e da felicidade.

Para os sujeitos da pesquisa, a forma pela qual a sexualidade é experienciada hoje contrasta com a forma pela qual ela foi vivida na época de seus avós e pais, que encontravam-se cercados por tabus e pela repressão sexual. As diferenças percebidas

entre sua geração e as anteriores são indicadas pela ausência de informações em função da repressão a que seus pais e avós foram submetidos.

A confecção dos questionários, sua aplicação e seus resultados foram de grande valia para a constatação das questões levantadas desde o embasamento teórico. É importante ressaltar a importância e a colaboração dos alunos e das escolas, pois refletem a relevância dessa temática. Durante a aplicação dos questionários os sujeitos comentavam os temas abordados, além de solicitarem palestras ou uma maior discussão acerca da sexualidade. Isso talvez seja um indicador da carência dos alunos em relação à abordagem desta temática.

Por último, experienciar e pesquisar questões polêmicas que envolvem os dilemas da passagem da modernidade à atualidade, nos engrandece sobremaneira. O contato com a bibliografia através de autores que estão refletindo os principais temas do momento foram, sem dúvida, algo extremamente gratificante, e que esperamos que futuramente nos possibilite outros desdobramentos, abrindo, dessa forma, novos rumos de investigação.

## **REFERÊNCIAS**

ABERASTURY, Arminda, **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

ALTMAN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Femininos**. 2001, v. 9, n. 2. p. 575-585. ISSN 0104-026x.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Métodos nas ciências naturais e sociais**: pesquisa qualitativa e quantitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2001.

AQUINO, Júlio Groppa. **Confrontos na sala de aula**. São Paulo: Summus, 1996.

ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BERNARDI, Marcello. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985.

BIKLEN, Sari; BODGAN, Robert. **Investigação qualitativa em educação**. Lisboa: Porto Editora Ltda, 1994.

BIRMAN, Joel. A psicanálise e a crítica da modernidade. In: HERZOG, R. (Org.) **A psicanálise e o pensamento moderno**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: MECSEF, 2000.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CALLIGARIS, Contardo. **Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARRANO, Paulo César. Juventude: as identidades são múltiplas. **Movimento: Revista da faculdade de Educação da UFF**, Rio de Janeiro, n.1, p. 11-27, maio 2000.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

DELUZ, Ariene. Comunicação de Ariene Deluz. In:\_\_\_\_\_. **A crise de adolescência**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 32-54.

DREUFFUS, René Armand. **A época das perplexidades**: mundialização, globalização e planetarização: novos desafios.Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

ENRIQUEZ, Eugène. **Da horda ao Estado**: psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

FREUD, Sigmund. **Obras completas em tres tomos**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1977.

\_\_\_\_\_. La moral sexual" cultural" y la nerviosidad moderna. In: **Obras completas em tres tomos**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1977. Tomo 2.

\_\_\_\_\_. Tres ensayos para una teoría sexual. In: **Obras completas em tres tomos**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1977. Tomo 2.

\_\_\_\_\_. El porvenir de una ilusión. In: **Obras completas em tres tomos**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1977. Tomo 3.

\_\_\_\_\_. El malestar en la cultura. In: **Obras completas em tres tomos**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1977. Tomo 3.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GUIRADO, Marlene. Sexualidade, isto é, intimidade: redefinido limites e alcances para a escola. In: AQUINO, Júlio Groppa. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997. p.25-42.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. São Paulo: Record, 2001.
- KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.
- LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: editora 34, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 59-75, fev. 1976.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_ (Org.) **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.
- LÜDKE, M. ; ANDRE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- LUPTON, Deborah. Corpos, Prazeres e prática do Eu. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.15-58, fev. 1976.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- MANNONI, Maud. **Educação Impossível**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- MARIANA, Maria. **Confissões de adolescente**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

- MASSOTA, Oscar. "**O Comprovante da Falta**". São Paulo. Papyrus, 1987.
- MILLER, Jacques-Alain. **Matemas 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- MILLOT, Catherine. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- NARODOWSKI, Mariano. **Infancia y poder: la conformación de la pedagogía moderna**. Buenos Aires: Aique, 1984.
- PAIVA, Vera. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. In: PARKER, Richard (Org); BARBOSA, Regina Maria. **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p. 213-234.
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Jun/Jul/Ago. 1997 Nº 5 Set/Out/Nov/Dez. 1997 Nº6, p. 15-23.
- QUINET, Antonio. **Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997. p. 107-117.
- SCHORSKE, Carl. E. **Viena fin-de-siècle: política e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SILVA, Thomaz Tadeu. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Sexo é uma coisa natural? A contribuição da psicanálise para o debate sexualidade/escola. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997. p. 11-23.

SILVA, Sheyla Pinto da. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. **Cadernos Cedes**, Campinas, v.22, n. 57, p, 23-43, ago. 2002.

VAZ, Paulo. Corpo e risco. **Fórum Media**, Viseu, v.1, 1999.

WEDDEKIND, Franz. **O despertar da primavera**. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In:

SILVA, Thomaz Tadeu. **Identidade e diferença**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.  
p. 7-72.

#### QUESTIONÁRIO

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

SEXO: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_

BAIRRO ONDE MORA: \_\_\_\_\_

1- O TEMA DA SEXUALIDADE É ABORDADO EM SUA ESCOLA?

Sim

Não

2 – EM QUAIS ESPAÇOS?

Somente em sala de aula

Em outros espaços

Ambos

(Palestras, Eventos, etc.)

3 – VOCÊ ACREDITA QUE POSSUI INFORMAÇÕES SUFICIENTES ACERCA DO TEMA DA SEXUALIDADE?

Sim

Não

Parcialmente

Justifique: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

---

---

4 – EM SUA OPINIÃO, O QUE O PROFESSOR PRETENDE TRANSMITIR NA ABORDAGEM DESTE TEMA?

---

---

---

---

5- VOCÊ ACHA QUE ESTE OBJETIVO É ATINGIDO?

Sim

Não

Parcialmente

Justifique: \_\_\_\_\_

---

---

---

6- ESSE DEBATE É IMPORTANTE PARA VOCÊ?

Sim

Não

Parcialmente

Justifique: \_\_\_\_\_

---

---

---

7- COMO VOCÊ SE SENTE EM RELAÇÃO A ESSE DEBATE?

Confortável

Desconfortável



Justifique: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Obrigado pela sua participação!